



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

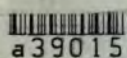
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

585

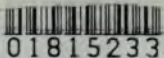
.292

v. 3

BUHR A



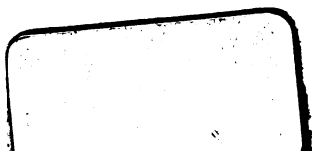
a39015



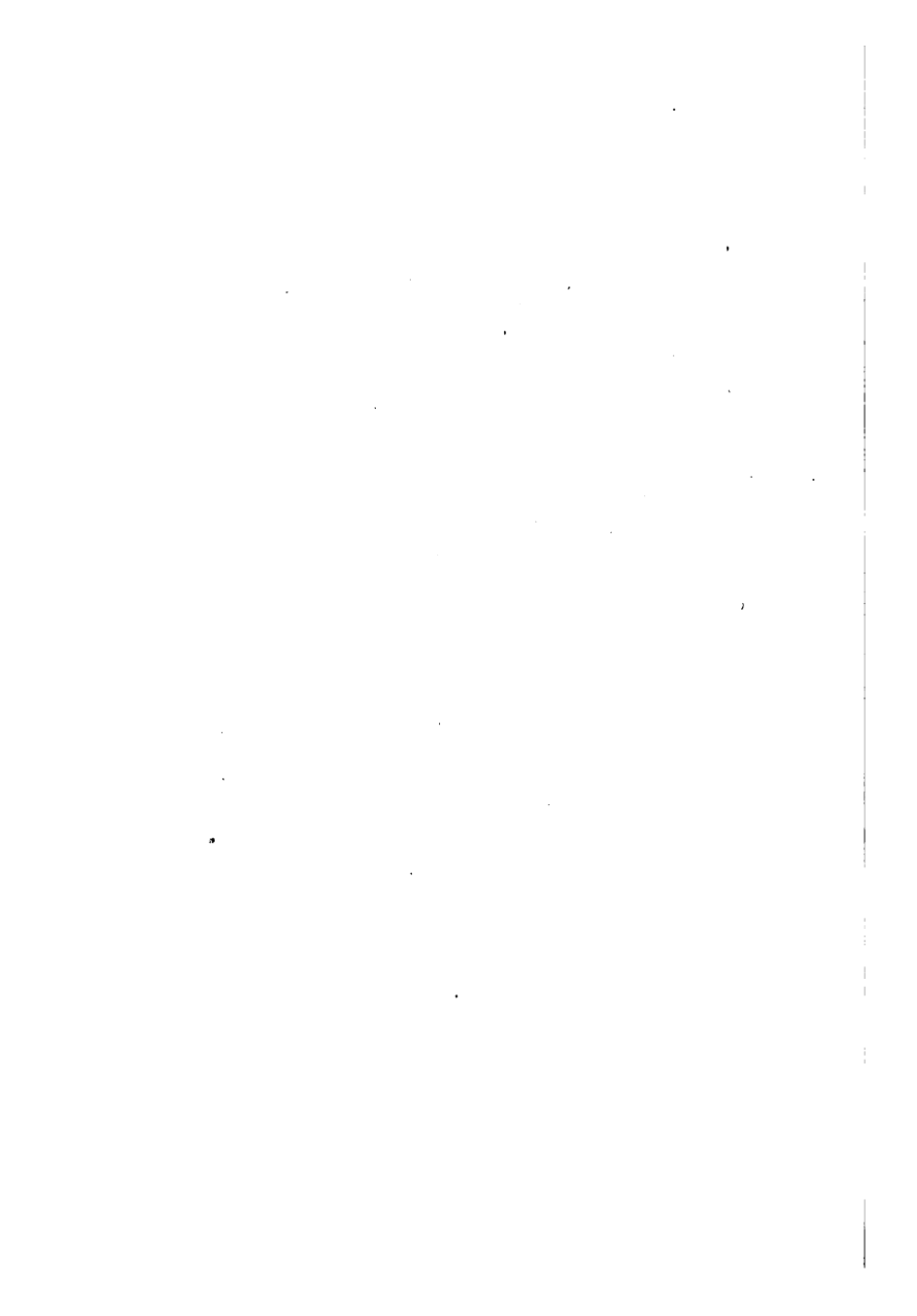
01815233



3b







BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO



A LIBERAL—Officina Typographica

RUA DE S. PAULO, 216

1899

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA
DE
EL-REI D. JOÃO I

POR

Gomes Eannes d'Azurara

VOL. III

ESCRITORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS —
LISBOA

1655

DP
585
.Z92

v.3



6L
6L
v. Bekhoven
11-5-70
853684-190
add. nro.

CAPITULO LXIX

Como Salabençala estava mui anojado vendo como a determinação d'el-rei de todo era filhar terra ante os muros da sua cidade.

RAZÃO é que digamos algum pouco da maneira que tinha Salabençala depois que viu de todo a determinação d'el-rei; o qual deveis de saber que era um homem já de idade e de linhagem dos Marins, a qual entre todas as gerações que ha em Africa é havida por melhor, e pera elle acrescentar mais em sua nobreza, era senhor d'aquella cidade e d'outros muitos e bons logares da costa d'aquelle mar, e bem deveis de entender qual seria o seu pensamento quando visse a novidade de tal visinhança, qual lhe chegava ante as portas da sua cidade.

E porquê quanto os homens são mais vellos tanto acham mais duvidas nas cousas grandes e novas e porém consirava Salabençala como se fosse um principe de tão grande estado que não viesse além do mar, não se contentava com pequenos nem elle tão

mui bem parte de todo, consirava como com tão pouca gente não negara a batalha a el-rei de Castella, vendo-o acerca de si com tão grande poder, e o vencera e desbaratára, e como depois por suas gentes houvera com os naturaes d'aquelle reino tão grandes contendas como todos sabiam, das quaes sempre ficára vencedor, e que começára assim aquelle feito com tão grande sageza que nunca podera ser revelado senão quando a frota parecera deante dos muros da sua cidade, onde elle o via acompanhado de quatro filhos barões, nobres e de grande ardimento, com tão grande poder de gentes e com tamanha frota.

«Pois, dizia elle entre si mesmo, quando posso eu ser soccorrido e repairado pera resistir a tamanha força. El-rei de manhã me começará a combater e eu não tenho ainda quatro pedras no muro a respeito das que hei mister pera a redondeza de tamanho cerco; quando o farei eu já saber a el-rei de Fez? ou quando terá tempo pera mandar avisar suas gentes e espaço pera se correger que primeiro os muros de Ceuta não sejam desfeitos pedaço a pedaço? e n'estes pensamentos estava mui duvidoso de nenhum bom aquecimento. Ah! Deus, dizia elle, que peccado foi o meu tão grande que me trouxe a tanta má ventura acerca de minha velhice? e estando assim n'este cuidado, chegou a elle grande companhia d'aquelles mouros mancebos que se ajuntaram pera defender a cidade, e porquanto o acharam assim pensativo, começaram de o reprehender dizendo que era escarneo pera semelhante pessoa mostrar-se de tão pouco esforço sem perigo razoando.

«Que ha ahi, diziam elles, mais que virem os christãos sobre nós? os quaes em numero não são tantos que nós mui bem não possamos pelejar com elles? e

que sabemos nós se pela ventura a sua vinda é assim de nossa maior honra e acrescentamento de nosso proveito? cá pôde ser que esta formozura de frota que elles ajuntaram pera vos cercar, ficará ainda nas nossas taracenas e as suas baixelas d'ouro e de prata ficarão pera casamento de nossos filhos, e os correjimentos de suas capellas poremos em nossas mesquitas em testemunho de nossa victoria.

— Ora, disseram elles, a sua frota está repartida em duas partes, e crêmos que sua tenção é de filharem terra hoje, o que se assim fôr iremos a elles á praia e antes que sáiam dos bateis, faremos n'elles mui grande matança, cá os mais e melhores vem todos cobertos de ferro, por cuja razão o seu movimento não pode ser sem grande força e trabalho, e nós desenvoltos e ligeiros chegaremos a elles quando quizermos, e tanto que os uma vez tivermos em terra, tarde ou por grande ventura se poderão depois alevantar. E que geito poderão ter pera se erguer aquelles que são pouco menos de pezados, que grandes penedos? e em tanto uns de nós empacharem os que quizerem sahir nos bateis, os outros terão em tanto cuidado de buscar logar e maneira pera haverem as sarraduras d'aquelle ferro, por onde tirem as vidas áquelles que primeiro sahirem em terra.

— Não sei, respondeu Salabençala, se tereis essas cousas assim azadas pera acabar como arrezoes? praça a Deus que não acheis sobre ello outro empacho, porém hivos com boa ventura e ordenae vossos feitos o melhor que poderdes, e de qualquer cousa que se lá passar tende cuidado de m'o fazer a saber a meude.

Mas o que depois s. fez o auctor que falará
adeante, declarando de Salabençala acerca
d'ello teve.

CAPITULO LXX

Como Martim Paes, capellão mór do infante D. Henrique, falou algumas razões em presença de todos.

SOMMA de grande processo se faria em nossa historia se quizessemos seguir todas as cousas segundo as achamos por informações d'aquelles que verdadeiramente sabem, empero segundo attenção dos modernos abreviamos todo aquello que com razão podemos, cá ainda ficavam por dizer muitas cousas que os mouros passavam entre si emquanto a gente da frota não filhava terra.

E estando assim o infante D. Henrique com a prancha prestes e todos os seus armados pera sair quando vissem o signal, Martim Paes que era seu capellão mór, tomou o corpò do Senhor nas mãos e pouzou-se deante de todos, e começou de os esforçar em esta guisa:

«Irmãos e amigos, eu acho, disse elle, que nunca homem pode directamente fazer alguma cousa senão sabe o fim porque o faz, e vós outros que aqui sois ajuntados por ventura não sabeis directamente porque aqui viestes; agora sabei que sois aqui vindos por serviço de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual vos aqui apresento, por cujo amor e serviço el-rei nosso senhor se moveu a começar esta demanda.

«Este é aquelle primeiramente que de nenhuma coisa formou o mundo e creou em elle todas as cousas

sômente por seu querer, e sobre todo formou o homem que é da mais nobre e melhor natureza que outra alguma creatura terreal, tendo-lhes aparelhado casa perduravel pouco mais baixa que a dos anjos, segundo diz o Propheta, e como quer que os homens se desviassem do verdadeiro caminho, Nosso Senhor quiz vir a este mundo tomar carne humana e viver em elle até soffrer morte por remir o nosso peccado.

«Leixo de vos dizer, disse elle, como depois de sua santa paixão aquelle ensujentado e abominavel e cismatico Mafamede tomou nome falso de propheta, e sob color de virtude e honestidade semeou pelo mundo esta sua damnada seita, a qual assim como as más hervas crescem muito mais que as proveitosas e boas, bem assim esta má semente dos infieis cresceu tanto na horta do Senhor, que senão fosse arrancada pelos fieis e catholicos principes, em breve tempo cresceria tanto que amorteficaria toda a boa semente.

E porque noŝso ŝenhor el-rei   um d'aquelles obreiros que o Ŝenhor convida no Evangelho, ajuntou aqui este seu povo pera fazer seu santo ŝervi o, o qual hoje com sua graça e ajuda o espera de poer em obra.

«Ora, disse elle, porque saibaes que todos os bons servidores que verdadeiramente desejam trabalhar em alguma cousa com grande cuidado, buscam todas as maneiras por onde melhor possam achar sua fim, e porque o nosso verdadeiro remedio é a nossa consciencia a qual devemos de alimpar e purgar de todas as auguas que em ella sentirmos, e porque sem a graça de Nosso Senhor Deus o não podemos percaçar, vol-o por favor, e a qual contemplando vos passardes a elle, e o arrender de vossos pecados, e a vossas necessidades da Bi-

blia onde diz que falou Ahior, principe dos filhos de Amon ao gran capitão Olofernes, quando tinha cercado aos judeus a cidade de Betulia, declarando como o Senhor maravilhosamente sabia deffender todos os seus quando elles guardavam perfeitamente seus mandamentos.

«Sabe, Senhor, que nunca houve quem podesse contradizer a este povo, salvo quando se apartou da honra de seu Deus, cá logo foi dado em prea e roubo a seus inimigos, e como outrosim fizeram penitencia e se arrependeram de seus peccados, logo a virtude do ceu foi com elles pera resistir a todos seus inimigos.

«As quaes cousas são escriptas no quinto capitulo do livro de Judith, pelo qual entendemos que duas cousas sómente nos ficam pera fazer com toda diligencia a saber, cobiçar a perfeição da victoria contra os inimigos da fé, e a segunda humildar nossas almas ao Senhor, tornando-nos a elle de todo coração, fazendo penitencia de nossos erros passados e pedindo-lhe que por sua santa piedade nos queira ajudar, dizendo-lhe aquello que no vigessimo capitulo do Paralipomenon é escripto, onde diz:

«Porque, Senhor, não sabemos que mais devamos nem possamos fazer, esto sómente nos fica, a saber que enderecemos nossos olhos a ti, pois não ha ahí cousa porque devamos ser alheios d'este negocio.

«E porque o dia de hoje seremos ajuntados com a graça de Deus sobre este feito, e assim todos os do povo de Portugal, deveis-vos de esforçar e ajudar uns aos outros com todo coração e vontade, cá este é o proprio officio da natural justiça, segundo é escripto no primeiro livro dos Officios, onde Tullio allega um dito de Platão, dizendo ser mui altamente escripto por este philosopho, a saber, que não sómente nascemos

pera nós mesmos, cá parte de nosso nascimento requer o serviço de nossa terra e parte os amigos que de nós alguma cousa hão mister, e segundo praz aos estoicos as cousas que são em terra geradas, principalmente são pera uso dos homens; e os homens outrosim são gerados por causa e proveito dos homens porque elles entre si mesmo aproveitem uns aos outros, no qual seguimos a natureza commum, e esto vemos em brutas alimarias, as quaes naturalmente se amam umas ás outras, segundo diz o Sabedor aos treze capitulos do Ecclesiastico, poendo a similhavel lei do amor em os homens, dizendo:

«Toda alimaria ama a outra a si similhante, e todo homem deve isso mesmo amar a seu proximo segundo se mostra nos instrumentos da musica, nos quaes todas as vozes concorrem a uma consoante e correspondem e dão perfeição umas ás outras, e assim diz Policrato que deve ser na communitade dos homens, os quaes se devem ajudar pera soccorrer uns aos outros.

«E esto mesmo parece na supernal natura em a communitade dos anjos, a cuja similhança devem em a igreja militante serem ordenados os homens, os quaes todos são em um amor e concordia despostos e partidos, segundo diversas hierarchias e ordens, e se correspondem uns aos outros pera gloria de Deus cada um segundo suas excellencias e perfeições, e todos concorreram prestesmente e de um coração pera destruir e derribar aquelles que se quizeram alvantar contra sua santa cidade, e igualar-se ao seu Deus Lucifer e os seus anjos, segundo que no duodecimo capitulo do scripto que S. Miguel e os seus anjos derribaram os demões até os derribaram da terra.

fortaleza poendo ante vossos olhos como pelejaes por amor de Nosso Senhor Deus que é a verdade, considerando que assim como vos elle ajudou contra vossos inimigos christãos que eram muito mais que vós outros, assim vos ajudará contra estes que são nossos inimigos e de Christo, nem deveis recear o espargimento de vosso sangue sobre semelhante conquista, cá escripto é que na edificação do templo de Jerusaleem todas as pedras iam primeiramente picadas e lavradas com martelos, porque mansamente fossem postas na obra que havia de durar.

«Por este exemplo tem os douctores que aquellas que se hão, de poer no fundamento e alicerce d'aquelle muro do templo celestial, que é dito Jerusaleem, hão de ser primeiro n'este mundo picaçados com o ferro porque o seu assentamento ha-de ser em aquelle logar pera todo sempre, e tambem como vos o Santo Padre vos outorga os verdadeiros perdões que é salvação das almas por sua santa letra, da qual assás vós foi falado por o mestre Frei João Xira, quando estivesdes em Lagos, e os que ainda em si sentirem alguma cousa porque suas consciencias sejam aggravadas, cheguem-se a seus abbades e mostrem d'ellas arrependimento, e des ahi vindo todos aqui, dar-lhe-hei paz por tal que elle vol-a dê pera todo sempre no seu reino.»

Entonce se levantou o infante d'onde estava em giolhos, e fazendo sua oração ante o corpo do Senhor, foi beijar o pé d'uma Custodia mui rica em que elle sempre estava depois que partiram de Portugal, e por esta mesma guisa fizeram todos os outros, e depois d'esto disse Martim Paes que fincassem todos os giolhos em terra e fizessem a confissão, em fim da qual os absolveu de culpa e pena, segundo poder da santa cruzada.

«Agora, disse elle, irmãos e amigos tendes sobre vós as armas da fortaleza, e d'aqui em diante pelejae sem algum temor, cá o nosso Deus estará aqui em presença de todos até fim de vossos trabalhos sem nenhum temor dos inimigos pera vos dar o seu verdadeiro esforço; e depois que o infante foi fóra sempre Martim Paes acompanhado de muitos capellães alli esteve com o Corpo do Senhor, resando muitos psalmos e orações de grande virtude até fim de todo o feito, e como quer que muitos virotes e pedras fossem lançadas de fóra contra a galé, prouve a Elle de nunca empecer em aquelle logar onde estava, nem em nenhum d'aquelles clérigos que ante Elle resava.

CAPITULO LXXI

Como o batel de João Fogaça foi o primeiro que sahiu fóra, e como Ruy Gonçalves filhou primeiro terra e des ahi todos os outros.

TODAS aquellas palavras que assim razoou Martim Paes fizeram grande fortaleza e acrescentamento da fé em quantos estavam n'aquella galé, mas porque em todos os outros navios não se fazia semelhante aucto e o sol começava já aquecer, andavam os homens porque tardava tanto o signa de ser feito pera sahir em terra, d'ros andavam já pela ribeira fazendo pelas quaes punham grande alvoroço

que estavam nos navios, e cada um desejava de sahir, senão tivera receio da defeza d'el-rei.

Empero João Fogaça que era vedor do conde de Barcellos não pôde supportar tanta tardança e mandou endereçar seu batel direito á praia, e o primeiro homem que saltou em terra foi Ruy Gonçalves, commendador que depois foi de Canha, e vedor da infanta, mulher do infante D. João, mas não o acharam os mouros tão ligeiro de derribar como elles antes diziam a Salabençala, cá tanto que elle saltou entre elles em terra começou de os ferir tão rijamente que os fez affastar d'aquelle logar onde os bateis haviam de sahir, e o infante D. Henrique porque tinha a sua prancha algum tanto affastada da terra, lançou-se dentro em um batel que passava por ahi e metteu consigo Estevam Soares de Mello e Mem Rodrigues de Refoios que era seu alferes, e mandou as trombetas que fizessem rijamente signal pera sahirem todos os outros em terra, e tanto que o infante foi na praia começou a gente a recrescer, e Ruy Gonçalves que sahira primeiro, andava já diante entre os mouros, e um gentil homem allemão em sua companhia, os quaes derribaram um grande mouro que entre todos os outros mostrava maior fortaleza.

Mas é agora de saber como o infante D. Duarte como valente cavalleiro, sahiu da sua galé emquanto seu padre andava provendo a outra frota, e foi-se pera aquelle porto onde o infante D. Henrique filhara terra, e Martim Affonso de Mello e Vasques Annes Côrte Real eram acerca d'elle quando saltou na praia, e assim fizeram outros muitos se o elle quizeria consentir, mas com receio de seu padre leixava de o fazer, e n'esto seriam os christãos já fóra n'aquella praia desembarcados até cento e cincoenta, e assim começa-

ram mui rijamente de se metter com os mouros, magoando-os a meude com suas armas, até que por força os fizeram metter pela porta da Almina, e o primeiro homem que foi dentro com elles foi Vasques Annes Côrte Real, e des ahi o infante D. Duarte e os outros, após elle, indo tambem pelejando com os mouros.

E entonces o infante D. Henrique conheceu seu irmão, cá posto que o infante D. Duarte havia pedaço que andava entre os mouros, não entendaes que os homens em semelhantes logares quanto mais sendo armados se podem tão azinha conhecer, empero quando o infante assim conheceu seu irmão fez-lhe mui grande mezura, dizendo que dava muitas graças ao Senhor Deus por lhe dar tão boa companhia.

—E a vós senhor, disse elle, tenho muito em mercê a boa vontade que tivestes e tendes pera nos vir ajudar.

Não era aquelle o logar segundo o tempo em que se muitas palavras houvessem de ser prolongadas, porque as lanças e pedras não estavam em vão, e em esto foram levando os mouros contra a porta da cidade, ferindo e matando em elles sem nenhuma piedade, cá eram já com os infantes melhora de trezentos homens, e ordenaram alli sua batalha com intenção de esperarem el-rei segundo lhe fôra mandado.

—Não me parece que é bem, disse o infante D. Duarte, que façamos agora alguma detença, porque estes mouros são aqui acerca de nós e se os levarmos assim poderá ser que quando elles entrarem que entremos de volta com elles ou ao menos que tenhamos tanto que não possam fechar as portas. Entretanto acudirá a nossa gente e os venceremos despeito; e o infante D. Henrique.

cia mui bem, e em esto começaram de seguir os mouros em tanto que os fizeram tirar entre as cisternas e um chafariz que ahi estava em que se coava agua quando vinha de cima dos outeiros, e entre aquelles mouros andava um mouro grande e crespo todo nu, que não trazia outras armas senão pedras, mas aquellas que elle lançava da mão parecia que sahiam d'um trom ou colobreta, tanto eram forçosamente enviadas, e quando os mouros assim foram empuxados como já dissemos, aquelle mouro virou o rosto contra os christãos e dobrou o corpo e foi dar uma tão grande pedrada a Vasco Martins de Albergaria sobre o bacinete que lhe lançou a cara fóra.

A vista d'este mouro não era pouco espantosa, cá elle havia todo o corpo negro assim como um corvo, e os dentes mui grandes e alvos e os beiços mui grossos e revoltos, mas a Vasco Martins não esqueceu de lhe pagar seu trabalho, cá posto que aquella pedrada fosse mui grande e em semelhante lugar, Vasco Martins não perdeu o tento, mas ainda o mouro não havia vagar de se virar da outra parte, quando elle adiantou seus pés e correu a lança com as mãos e passou-o com ella de parte a parte, e tanto que aquelle mouro foi morto, logo todos os outros viraram as costas e acolheram-se á cidade, e os christãos de volta com elles, e sobre a entrada d'esta porta houve ahi muitas divisões, especialmente entre aquelles que se acertaram ser ahi acerca, os quaes com desejo de cobrarem nome de honra apropriaram assim o grau d'aquella entrada, e ainda o peor que foi que muitos que estavam ainda nos navios disseram em algumas partes que aquella honra fôra sua, emperó a verdade é que Vasco Martins d'Albergaria foi aquelle que entrou primeiro pelas portas da cidade, e dizem

ainda que em chegando á porta deu um grande apupo e brandindo a lança disse:

«Já vae o de Albergaria»; e assim como elle foi o primeiro que entrou a cidade assim fez depois muito avantajadas cousas por sua mão como nobre cavalleiro que era, e a primeira bandeira real que entrou na cidade foi a do infante D. Henrique, e certamente que aquella bandeira devera ser bem conhecida entre toda a nobreza e geração d'aquelles Marijs, e muitas vezes foi depois despregada entre grandes ajuntamentos d'elles onde foi feita grande mortandade entre os mesmos mouros, segundo adeante em muitas partes de nossa historia entendemos de contar, nem havia ahi outra bandeira nem estandarte senão uma bandeira de Martim Affonso de Mello e um estandarte de Gil Vaz, e quando os infantes entraram, entraram com elles obra de quinhentos homens d'armas.

CAPITULO LXXII

Como as novas chegaram a Salabençala de como os christãos eram dentro na cidade.

VENHAMOS agora dizer a maneira que os mouros tiveram em levar aquellas novas a Salabençala, e aqui faremos fim de todas as cousas que a elle pertencem.

Onde haveis de saber que depois que aquelles ros disseram a Salabençala que queriam ir emj

a vinda dos christãos á ribeira, elle mandou ordenar seus mouros por tal guisa que muito a miude lhe trouxessem as novas de qualquer cousa que se passasse para seu avisamento, e os primeiros que chegaram a elle foram aquelles que lhe contaram como os christãos tinham já a praia filhada e como mataram um d'elles e feriram outros muitos.

—E agora, disse Salabençala, em que ponto são?

—São já acerca de Almina, disse o mouro; estando alli em estas rasões chegaram outros mouros e disseram como Almina era filhada e não sómente disseram aquelles.

—Estão os christãos em este ponto mas trazem os nossos ante si como ovelhas caminho da porta da cidade. Parece, Salabençala, que os não acham tão ligeiros de vencer como elles entendiam.

—E foram muito enganados, respondeu o mouro, acerca d'aquelle ferro que os christãos trazem sobre si, cá pensavam que se não podessem com elle abalar, o que é muito pelo contrario porque não menos saltam e correm como se andassem cobertos de papel.

—Ora, disse Salabençala, ide e dae avisamento a todos que sarrem mui bem as portas da cidade e façam muito pelas deffender de cima do muro quanto poderem.

E estando assim pera enviar aquelles, chegaram outros depenando suas barbas e fazendo grande dó.

—Já, disseram elles, nem presta nenhum avisamento acerca d'ello que os christãos já são dentro na cidade e sobrevem outros muitos mais e matam os nossos como se fossem cães.

E assim como vieram estes sobrevieram outros muitos mais que contaram aquellas mesmas novas e outras muito peores, cá lhe disseram como os chris-

Salabengala virou o rosto pera outra parte pera esconder a força das lagrimas que lhe corriam dos olhos, e tornando contra elles lhes disse:

— Pois que a minha má ventura e a vossa assim ordena que hajamos de perder nossa honra e nossas casas e fazendas, trabalhae por salvar vossas vidas o melhor que poderdes, porque das riquezas já me parece que mal vos podeis aproveitar, e pois que na cidade pozestes tão máo remedio, eu não sinto como se deffenda o castello.

Os infantes e o conde de Barcellos e os que eram com elles, depois que foram dentro na cidade filharão logo uma pequena altura que alli está, por conselho do infante D. Duarte, e esto era um outeiro que se alli fizera com as esterqueiras das casas que se alli por grandes tempos costumavam lançar, e alli estiveram um pouco esperando que recrescesse mais gente que ainda não era com elles, mais d'aquelles quinhentos que dissemos, e porque a cidade é muito grande e era necessario que se espalhassem aquelles por ella e poderia ser que não acudiriam outros tão azinha pera poderem empachar os mouros que não cerrassem as portas, correriam mui grande perigo de se perderem todos, mas a tardança não foi muita, porque a gente da frota não punha vagar em sua sahida e em breve tempo se ajuntaram alli outros muitos, e Vasco Fernandes de Athaide não se ficou por contente de entrar por aquella porta por ver os infantes entrarem, mas apartou-se com alguns de seus companheiros e outros alguns de pé de cavallo e foram a dar vista e foi-se ao longo do muro e viu-se a porta que estava aberta e

Em esto, chegaram outros alguns que vinham de fóra e á força de machados e de fogo foram aquellas portas de todo britadas, mas esto não foi ligeiramente acabado, cá primeiro morreram alli sete ou oito homens que não eram tão bem armados, cá os mouros eram ainda muitos sobre os muros e recresciam pera alli cada vez muitos mais, porque pensavam deffender a entrada aos christãos á força de pedras e de armas que lançavam do muro, empero esto era grande engano que elles tinham, cá posto que as suas portas estiveram fechadas, abastante era a fortaleza dos christãos pera as abrirem, assim como fez Vasco Fernandes áquella, empero elle foi ferido, por cuja rasão lhe conveio estar alli até que foi entrada.

Grande má ventura, diz o auctor, que foi a de aquelle dia pela morte de tão bom homem, cá por certo elle era um fidalgo em que havia muitas bondades, e assim era muito amado d'el-rei D. João e de todos seus filhos, em especialmente do infante D. Henrique com quem vivia, e de como elle fez sua fim falaremos em outro logar.

CAPITULO LXXIII

Como os infantes partiram d'alli e das razões que lhe João Affonso, vedor da fazenda, disse quando chegou a elles.

CHRISTO Jesus Nosso Senhor, directamente foi aquelle a quem podemos dar a honra d'este feito, empero não ficam os homens que em ello trabalharam sem mui grande parte d'ella, entre os quaes João Affonso, vedor da fazenda, merece sua parte por ser por elle movida uma tão santa e tão honrada cousa, e assim teve elle mui grande prazer quando lhe disseram que a cidade era entrada, não porém que elle fosse achado ao tempo que lhe deram estas novas dormindo, antes já era na praia e começava de seguir o caminho dos primeiros, e quando chegou áquella pequena altura onde estavam os infantes alevantou sua cabeça e disse-lhes:

— Senhores, parece-vos que são estas assaz de honradas festas pera o dia de vossa cavallaria, melhor me parece que vos vejo hora onde estaes, cá vos vêr nas logeas frias de Cintra, provendo os assentamentos do reino.

E em passando estas cousas não cessava a gente d'armas d'ella cada vez mais. E por que Gonçalo Vaz Coutinho, e os outros muitas vezes n'aquella altura, e a que se chamava muito, porque a honra de Deus e do reino de Portugal, e dos seus vassallos de pé por causa

das poucas armas que levavam, e que seriam mais des-
envoltos que os homens d'armas, a qual palavra não
esqueceu ao infante D. Duarte, o qual quando assim
viu aquelles homens d'armas seguir avante tão desen-
voltamente disse contra o infante D. Henrique:

— Parece-me, irmão, que não é hoje a honra toda
dos homens de pé, como dizia Gonçalo Vaz; porque
a gente era já muita mandou o infante D. Henrique
por requerimento de seu irmão que se repartissem
cada uns por sua parte, a saber: o conde D. Affonso
por uma rua e a sua bandeira com parte d'aquella
gente por outra, e Martim Affonso de Mello por ou-
tra, e disse o infante D. Duarte que era bem que elles
ambos se fossem por acerca d'aquelle muro a filhar
todas as alturas que se podessem achar, porque os
mouros não tivessem logar de se acolherem a ellas
primeiro, e indo assim porque o sol era mui grande e
aquella costa aspera de subir, tirou o infante D. Duarte
parte das suas armas porque sentiu que era trabalho
sobejo trazel-as, vendo como os mouros já levavam
caminho de desempachar a cidade, e o infante D. Hen-
rique porque ia ainda todo armado não o podia se-
guir, pela qual cousa seu irmão o esperou duas vezes
até que lhe foi necessario tirar a maior parte das suas
armas, de guisa que não ficou senão com uma só cota.

Mas porque falamos nas razões que os escudeiros do
infante D. Henrique quando vinham da ponta do Car-
neiro disseram e da resposta que lhes elle deu, pra-
zer-vos-ha de saberdes a conclusão que houveram por
emenda do seu falamento, e foi que quando elles vi-
ram o infante no batel, lembrando-se do que elle lhes
dissera accrescentaram muito mais sua trigança con-
sirando como todos não cabiam na prancha, quizeram
arremedar ao infante lançando-se em um batel, e fo-

ram tantos que os não pode suportar e alagou-se com elles, mas prouve a Deus que posto que alli fosse a agua d'altura d'uma lança d'armas e elles fossem todos armados nenhum d'elles se afogou, e foi ainda mór maravilha que a Duarte Pereira que era um d'aquelles, cahiu um cutello que levava do infante, e lembrou-se d'elle depois que sahiu fóra, e olhando pera o pego o viu jazer, porquanto a agua é alli muito clara, e tornou outra vez por elle assim armado como estava e sahiu sem perigo, mas as cotas d'armas e plumões e outras cousas que cada um levava á sua maneira, perderam alli toda sua formosura, cá bem haveis de saber como cousas de taes louvores se corregeriam em semelhante logar, empero alguma cousa lhe aproveitou aquelle alagamento pera soportarem a força da quentura.

CAPITULO LXXIV

Como o infante D. Duarte foi filhar a altura do Cesto e o infante D. Henrique tomou a rua direita.

EM aquelle logar onde o infante tirou suas armas, aquelles escudeiros de que já fallamos, os quaes se pelo tom de suas palavras não foram já conhecidos quanto por suas divisas nem cotas d'armas, pouco conhecimento d'elles podia haver, e por isso que os homens nunca pelejam melhoraes acesos em sanha, aquelles em aqu

de pelejar avantajadamente, porque assaz de sanha ia com elles, assim pela primeira menencoria como pelo segundo aquecimento de que elles não levavam pequeno sentido.

O infante depois que assim tirou suas armas ficou em uma só cota e trigou-se muito por alcançar seu irmão, e seguiu-o tanto até que chegou a elle no fim da primeira altura, e tornando-se d'alli o infante D. Duarte saltando umas paredés, foi necessario apartarem-se cada um pera sua parte, porque o infante D. Henrique cuidou que pois aquella altura era tomada, que seu irmão tomasse pera fundo, e com tal intenção tomou aquelle caminho, mas o infante D. Duarte foi assim filhando todas as alturas, até que chegou ao cume da maior onde se chamava Cesto, e não cuideis que a passagem d'estes logares era sem algum trabalho, porque a cidade por todas as partes andava cheia de mouros, e não podiam os homens andar por alguma parte que não achassem muitos, mas não podia o infante D. Duarte encontrar com tantos que não desejasse ainda muitos mais, porque havia muitos dias que elle desejava a sua vista, e muitas cousas se poderam dizer acerca de sua ardidez, as quaes contadas directamente em qualquer outro homem por grande e bom que fosse, poderiam ser contadas por grandes, mas o infante não quiz d'ellas fazer grande conta, por serem muito áquem do que elle desejava.

Empero posto que alguns bons homens com elle fossem, cá toda a força da sua gente ficava ainda na frota, a qual depois veio com a sua bandeira; a sua espada era a primeira que feria em qualquer lugar que se achava ser necessario, assim como tendes ouvido que foi primeiramente filhada a praia, e des-ahi a Almina, des-ahi a cidade, porque todos os da frota d'elrei esperavam que houvessem de sair por outra or-

denança, segundo era ordenado, e não estavam tão prestes como se o caso offereceu.

Mas depois que viram como todos os da frota do infante D. Henrique sahiram com tamanha trigança, e como depois que entravam na Almina não tornava mais nenhum, e viram isso mesmo como os mouros que estavam no muro corriam todos pera a porta, sentiram que toda a força do feito estava em aquelle logar, porque el-rei andava ainda pelos navios e a frota era mui grande e elle havia de falar com muitos, mandou ao infante D. Pedro e a um seu vedor que chamavam Diogo Gonçalves de Travassos, que fosse em um batel dizer ao infante D. Duarte se lhe parecia bem de filharem terra, que o infante D. Henrique, seu irmão, já era na Almina e que estava acerca das portas, segundo lhe parecia no sair da gente que da sua frota sahia.

Mas quando Diogo Gonçalves lhe tornou com recado que o infante D. Duarte era em terra, mandou elle logo Diogo Seabra, que era seu alferes, que pozesse a bandeira no seu batel, e mandou fazer signal com as trombetas a todos os outros navios que se fizessem trigosamente prestes.

E estando o infante D. Pedro pera ir falar a el-rei, seu padre, chegaram alguns d'aquelles senhores que vinham buscar el-rei, o qual se acertou logo de chegar ahi com intenção de dizer ao infante que sahisse o mais trigorosamente que podesse pera filhar terra, elle e todos da frota.

— A bom tempo, disseram alguns d'aquelles fidalgos, podemos nós já ir pera levarmos d'aqui hor nem nome que nos muito preste, pois a entrada; entonces contaram a el-rei o g: que ouviam dentro e como lhe parecia ouviam o som das trombetas.

— Por certo, disseram elles, bemaventurados foram aquelles que acertaram de ser em aquelle ajuntamento, cá de toda a honra d'este feito elles levam a melhor parte; e em esto chegaram as novas em certo como a cidade era entrada e os infantes e o conde de Barcellos andavam dentro espalhados cada um pera sua parte.

Na lidice d'el-rei não falo, cá posto que elle por sua vontade a tivesse tamanha como era razão, não a mostrou muita em sua continencia, cá este era o seu geito em todas as cousas nunca amostrar continencia alegre por grande bemaventurança que lhe viesse, nem isso mesmo tristeza, pelo contrario, mas começou de se rir contra os outros, quando soube a maneira que o infante D. Duarte tivera em se esconder d'elle pera se ir com seu irmão em aquella dianteira.

— Parece, disse elle, que meu filho não quiz esperar, porque entendeu que por azo de minha velhice sahiria mais tarde ou por ser mais pezado que elle pera saltar, ou quiz ir com seu irmão porque lhe sentiu a vontade mais acesa que a minha. Mas dou muitas graças a Deus porque lhe mostrou tão azinha o fim de seu desejo.

CAPITULO LXXV

Como el-rei e o infante D. Pedro com todos d'aquella frota filharam terra e como Gonçalo Lourenço de Gomide foi feito cavalleiro chegando á porta da cidade.

Não era pequena a trigança que tinham todos aquelles que estavam pera sair em terra, e sabe-sei que inveja e cobiça não era mui longe da maior parte d'elles, por que os fidalgos e gentis homens desejavam de ser na companhia dos que entraram primeiro na cidade, aos quaes parecia que o agradecimento d'aquellas cousas em que elles mais trabalhassem todo seria nenhum, pois que não foram n'aquella deanteira e a elles não contavam nenhuma cousa por grande senão aquella entrada que os primeiros fizeram na cidade, e os populares haviam grande tristeza por a cobiça das riquezas que pensavam que os outros tinham, e diziam em suas vontades que todo seu trabalho fôra despeso em vão, porque elles haviam de ficar sem parte de tamanha riqueza como criam que havia n'aquella cidade.

— Amigos, diziam elles, foram lá muito em boa hora os que vieram em companhia do infante D. Henrique na frota do Porto, que toda a honra e proveito d'esta demanda fica com elles, empero assim trabalhámo-nos e despendemos como cada um, elles nharam o ouro e a prata e toda a outra riqueza, e

chegaremos ao esbulho dos almadraques velhos e das outras cousas de similhante valia, e assim sahiram todos cada um como melhor podia, até que el-rei chegou á porta da cidade onde fez detença, assim por razão da perna que tinha ferida, como por entender que a seu estado não cumpria partir d'alli senão ao combate do castello, visto como a cidade já estava em tal ponto.

E todos os outros se espalharam pelas ruas da cidade, a saber, a bandeira do infante D. Duarte com todos os seus por uma parte e o infante D. Pedro com sua gente, e por outra o Condestable e o mestre de Christus e assim todos os outros capitães cada um onde a ventura o levava, empero cada um d'elles tinha assaz de trabalho porque todas as ruas ainda andavam cheias de mouros, e Ruy de Sousa que era sobrinho do mestre de Christus e padre de Gonçalo Rodrigues de Sousa, que foi capitão dos ginetes d'estes reinos, querendo fazer vantagem, levou os mouros por uma rua deante si, sobre o qual recresceram tantos que o cercaram em uma torre onde hoje em dia chamam o postigo de Ruy de Sousa, e alli ardidamente se defendeu até que foi socorrido.

Nuno Martim da Silveira filho de Martim Gil Pestana, que foi da linhagem d'aquelles que primeiramente fundaram a cidade de Evora, foi aquelle dia bem conhecido entre todos os do infante D. Duarte, porque assim como lhe Deus dera grandeza na forma do corpo assim tinha especial força para suportar grandes trabalhos, segundo pareceu aquelle dia, cá fez tanto por si que mereceu ser um d'aquelles que o infante D. Duarte fez cavalleiros no domingo seguinte, e lhe fez depois muita mercê e acrescentamento, segundo em nossa historia se dirá ao deante.

D'outros muitos e bons poderia fallar se quizesse alargar meu processo, mas deixo tudo por chegar ás principaes cousas.

Quando el-rei estava assentado á porta da cidade chegou alli Gonçalo Lourenço de Gomide, seu escrivão da puridade, acompanhado de quatrocentos homens todos de sua libré e a maior parte d'elles da sua criação, e disse a el-rei assim.

— Senhor, em galardão do serviço que vos tenho feito e por acrescentardes em mim e em minha honra vos peço por mercê que aqui me façaes cavalleiro, da qual cousa el-rei disse que era mui ledo, e assim fez el-rei cavalleiro a Gonçalo Lourenço, como dito é.

CAPITULO LXXVI

Do grande trafego que havia na cidade e da maneira que os mouros tinham em seu defendimento.

BEM podeis consirar qual seria o trabalho d'uns e dos outros, e depois que a fazenda estivesse em tal estado, entre os quaes era um arruido tão grande que muitos disseram depois que o ouviam em Gibraltar, e muitas cousas notaveis se passaram aquelle dia no revolvimento d'aquelle feito que bem dignas de memoria, se chegaram a nos cimento, cá bem é de consirar que a tão boa gente e desejosa de bem sariam cousas senão grandes e

récendo um signal tão manifesto como era a grande mortandade dos mouros que foi em aquelle dia, mas deveis de saber que duas cousas houve alli por que a bondade de todos não foi tão perfeitamente conhecida como devera; a primeira e principal foi por ser aquella peleja dentro na cidade quanto mais sendo as ruas tão estreitas como eram, cuja estreitura não consentia em si senão mui poucos, cá se aquella peleja fôra em campo ou em alguma praça larga muito maior fôra o seu nome, e a segunda cousa foi a tardança que se poz em escrever o acontecimento d'este feito, porque como já disse no prologo d'esta historia a maior parte de todos os bons eram já finados, cá a outra gente popular não trazia em aquelle dia o cuidado senão em roubar, cá achavam bem assaz pera fatar suas cobiças, e era este um caso mui perigoso por quanto as casas tinham as portas baixas e estreitas e eram feitas segundo a ordenança dos mouros, e os homens com aquelle acendimento da cobiça que traziam entravam sem algum resguardo, e muitos dos mouros estavam em suas casas mostrando uma mui desavizada porfia que lhe causava a morte, a qual elles podiam escusar senão fôra sua cobiça, e alguns d'estes mouros podendo fugir e salvar as vidas o não faziam, mas estando metidos em as casas diziam entre si:

« Pois a minha má ventura foi tanta que visse a hora de tamanho mal, aqui quero morrer em esta casa em que morreram meus padres e avós, e assim andavam os mesquinhos por meio d'aquellas casas, em mentes não chegava a sua derradeira hora, e esguardavam com mortal semente na formosura das cousas que seus padres ou avós em ellas fizeram, e quanto a esperança era mais certa de sua perdição tanto lhe pareciam aquellas cousas mais nobres, porque o desejo

naturalmente é da cousa que mais desfalece, e quando as assim olhavam punham os olhos fitos em ellas e davam mui grandes gemidos, lembrando-se de sua fim.

«Ah! Santo Propheta, diziam elles, e que é o que nos has de dar pela fieldade que guardamos em tua lei se nos tu desamparas em hora de tamanho mister?» è taes havia que não haviam vagar de acabar este pensamento quando sentiam os inimigos, e com aquella lastima tamanha metiam-se de traz das portas pera matarem os inimigos quando entrassem, mas esto não lhe aproveitava muito, cá achavam os mais dos christãos armados, e assim ligeiramente não lhe podiam empecer, e como esto nunca se acertava em semelhantes logares que um só entrasse que logo não achasse outros alguns acerca de si, era a magua d'aquelles mouros tamanha que sem arma nem ferro se lançavam aos christãos, e não havia hi tal nem tão desesperado que por grande multidão que vissem que não mostrassem signal de defensão, e jazendo na terra as almas quasi fóra dos corpos, ainda moviam seus braços pera uma e outra parte como que desejavam cortar alguma cousa, e alguns tomavam suas riquezas e as alagavam nos poços ou as soterravam nos cantos de suas casas, maginando que posto que entonce perdessem sua cidade, que a tornariam ainda a recobrar e se aproveitariam d'aquellas cousas que assim guardavam.

CAPITULO LXXVII

Como o infante D. Henrique tornou á rua direita e das cousas que alli fez.

DISSEMOs nos outros capitulos como o infante D. Henrique presumiu que seu irmão era em outra alguma parte, e porém desceu-se contra a rua direita pera ir tentar a fortaleza do castello, cá de todas as outras cousas da cidade não fazia já nenhuma conta pelo vencimento em que os mouros andavam, e menos era o seu desejo contente d'uma boa dita que n'aquelle feito houvesse; não porque elle não conhecesse a grandeza da victoria, mas porquanto se houvera com tão pequeno trabalho, cá certo é que aquella cousa é menos ou mais amada, segundo o trabalho com que a alcançarmos, cujo senhorio por grande trabalho cobramos, e por tanto diz o philosopho no livro da Economica que os mancebos desprezam as riquezas porque as cobraram ligeiramente, e portanto naturalmente são liberaes e gastadores, o que os velhos são pelo contrario, e porém finge aqui o auctor que dizia o infante entre si mesmo:

«Que me prestou a mim ser eu o primeiro capitão que el-rei meu senhor e padre mandou que filhasse terra, pois com tão pequeno trabalho havia de haver minha victoria? ou que gloria poderei ter no dia de minha cavallaria se a minha espada não fôr molhada no sangue dos infieis?» e indo assim com este pensamento

chegou á rua direita pela qual seguindo um pequeno espaço chegaram a elle muitos christãos, os quaes seguindo justa estimação seriam até quinhentos, que vinham fugindo ante os mouros, e vendo-os o infante cerrou a cara do bacinete e abraçou um escudo que trazia e leixou passar quasi todos os christãos até que chegaram os mouros, os quaes muito azinha conheceram os seus golpes entre todos os outros, cá assim os cometeu rijamente que os fez por força virar as espadas pera onde antes traziam os rostos.

Os christãos tanto que conheceram o infante cobraram esforço e fizeram outra vez volta sobre os mouros e começaram de os seguir até chegarem com elles a umas casas onde descarregavam as mercadorias que vinham de fóra, e ainda pousavam alli genoeses, e chamavam-se a Aduana e ainda agora se chamam assim, as quaes casas tinham uma porta barreira da aquella parte da Almina, e quando alli chegaram os mouros, ou por verem outros de novo em sua ajuda ou por sentirem que os christãos não traziam tamanho esforço como da primeira, voltaram outra vez o rosto sobre elles e fizeram-lhe outra vez virar as costas muito mais depressa que da primeira, e levando-os ante si toparam outra vez com o infante, o qual, era entonce de idade de vinte e um annos e tinha os membros grossos e fortes e não lhe falecia coração nem cousa pera lhe fazer suportar os trabalhos, e quando assim viu outra vez os christãos desbaratados, dobrou-se-lhe a sanha e saltou outra vez entre elles e tão fortemente os cometeu que os fez esborralhar pera uma por outra.

Mas os christãos traziam consigo tamanho esforço que a maior parte d'elles passaram a vida inteira o conhecerem, e não tornaram mais a vir.

que ficaram saltaram com o infante no meio d'aquella empresa e revolveram o feito por tal guisa que alguns dos mouros cahiram alli e os outros não poderam supportar a fortaleza d'aquelles golpes e voltaram as espadas, por cuja rasão receberam muito maior damno, mas o infante não os quiz leixar assim como da outra vez, antes os seguiu levando-os ante si até que chegaram á sombra dos muros do castello, mas aquella passagem se podia conhecer mui bem por o rasto dos mouros que jaziam mortos na rua, os quaes em breve espaço tinham companhia uns aos outros, e assim diziam elles em seus brados quando falavam aos dianteiros que abalassem rijamente, cá os seus parentes e irmãos não podiam supportar tamanho damno, e esto era porque aquella rua era aquelle tempo estreita e os mouros eram muitos mais, de guisa que os chritãos primeiros e os mouros derradeiros não podiam pelear senão mui poucos, e dos christãos foi sempre o dianteiro o infante, cujos golpes eram bem conhecidos entre todos os outros, e assim se foram os mouros recolhendo os que podiam, até que chegaram á sombra dos muros do castello, onde receberam algum accorro, porque se ajuntam alli tres muros, a saber o do castello e outro muro que deposite as villas ambas.

CAPITULO LXXVIII

Como o infante pelejou alli mui grande pedaço e como Fernão Chamorro foi derribado.

ASSIM entre aquelles muros pensaram os mouros de recobrar suas forças, e assim pararam os rostos directamente contra os inimigos atrevendo-se na estreitura do logar e multidão que estavam sobre os muros, a qual cousa não era sem razão porque o logar é assim azado, que por poucos que em cima estivessem faziam grande damno nos debaixo, ou por força se tornariam pera traz, e pera elles terem ainda mór esforço viam o pequeno numero dos christãos que estavam com o infante, o qual os fazia ter esperança de se vingar alli do damno de seus amigos e parentes, cá de quantos primeiramente abalaram com o infante quando partiu da Aduana, não eram alli com elle mais que dezesete, porque os outros se partiram poucos e poucos cada uns pera sua parte onde os levava a cobiça do roubo, e outros levava-os a grande sede que haviam, porque toda sua vianda era salgada e a grande quentura do sol secava-lhe a humidade dos corpos e fazia-os muito a meude buscar os poços das aguas, onde se não podiam haver fartos, outros haviam as comprimentos molles e delicadas e não podiam suste longam tempo do trabalho e tiravam-se a fóra, e assim com os dezesete susteve o infante sua peleja por mais de duas horas e

meia, e em estes commettimentos cahiam ás vezes alguns d'aquelles mouros em terra, e deram uma tão grande ferida a um escudeiro do infante, que chamavam Fernão Chamorro, que sem nenhum accordo cahiu tendido em terra sem ter similhança alguma de vida, e os mouros se trigavam muito pera o filharem, e o infante e aquelles que com elle estavam não lh'o quizeram consentir, e sobre a defensão e filhada d'aquelle escudeiro durou a contenda um grande pedaço até que o infante deu uma arremettedura grande, a qual os mouros não quizeram esperar, e começando-se a retrahir foram assim fortemente seguidos que lhes conveio por força leixar toda aquella rua e meterem-se por aquella porta que vae pera a outra villa, e o infante de volta com elles, mas d'aquelles dezesete que primeiramente o acompanharam não o seguiram mais de quatro, a saber, Alvaro Fernandes Mascarenhas que depois foi senhor de Carvalho, Vasco Esteves Godinho e Gomes Dias de Goes natural de Alemquer, os quaes todos tres viviam com o infante, e o quarto era um escudeiro d'el-rei que se chamava Fernão d'Alvares, e por ser homem que desejava servir ao infante e se acertou alli com elle, assim o continuou em aquelle feito, e bem é verdade que o escudeiro era bom pera serviço d'aquelles senhores, mas a vontade do infante não foi menos pera o deante lhe dar o galardão dos outros, porque eram seus e viviam com elle, não digo nada porque geralmente tinha maneira de os galardoar, nem era o serviço d'aquestes pera ter em pouca estima, e de dois d'estes que eu conheci posso dar certo testemunho porque foram bem alojados e pagos de seu serviço, mas quem havia de cuidar que o infante nem nenhum d'aquelles quatro que com elle foram podesse escapar d'aquelle

feito vivo, porque sobre aquella porta é o muro muito grosso e forte e tem duas ordens de ameias, de guisa que de ambas as partes é defensavel, e está ainda mais uma torre com uma aboboda furada em certos logares, e d'aquella torre sahia a segunda porta feita em volta, e assim vão por entre aquelle muro e a barreira até que chegam á terceira porta.

Ora que seria aqui? cá os mouros que elles deixavam ante si eram muitos e os muros isso mesmo estavam cheios d'elles, cujo cuidado não era outro senão empecer aquelles christãos onde elles podiam chegar com suas armas, e quando elles sentiram que os inimigos entravam de volta com os seus, puzeram-se sobre os buracos da aboboda por tal que com as pedras que lançassem de cima podessem impedir a passagem aos christãos quando quizessem passar por baixo, mas quiz Deus que o seu desejo não houve aquella execução que elles com tão boa vontade quizeram, e a poder de força o infante passou além d'aquelles mouros que levava ante si, empero presumem alguns que os christãos serem tão poucos e os mouros tantos arreceavam os de cima de lhe lançarem as pedras por não darem aos seus mesmos que não sabiam que posto houvessem de ter sobre tão pequeno numero, assim foram aquelles mouros todos empuxados até que passaram a terceira porta.

Mas aquella passagem não foi sem grande trabalho dos christãos e damno dos infieis, cá parte d'elles jaziam por aquelle caminho, cuja morte os outros de cima do muro choravam com grande sentimento.

«Alli, diziam elles, jaz Foão, nomeando cada um por seu nome, e ainda hoje o seu coração estava affastado de tamanho cuidado, por certo não é este pequeno signal quando o poderio de cinco homens sómente

ve esforço e ardideza de empuchar tamanha multidão com tamanho damno e estrago de seu sangue, se quer ao menos não fôra a nossa fortuna tão sobranceira e desastrada, e viramos alguns d'aquelles christãos jazer na companhia dos nossos, porque vingados do seu sangue poderamos abrandar nossa tristeza.»

«Bem parece que Mafoma, o nosso santo propheta quer povoar de nossas almas outra cidade no outro mundo, já d'aqui avante não haverá ahi esforço nem conselho entre nenhum de nossos cidadãos, porque a frol de nossa mancebia é partida d'entre nós.»

«Bem aventurados sois vós outros que não sentis já das cousas d'este mundo alguma parte, cujas almas pelo martyrio de vossas carnes vivem agora satisfeitas dos eternaes prazeres que nos antigamente foram promettidos pelo verbo de Deus Padre, que é o nosso Propheta Mafamede.»

«Mas de nós é pera haver piedade que estamos ainda vestidos de humanal conhecimento e sentimos com tanta dôr o espargimento de nosso sangue, e o que mais é que não sabemos ainda qual será o logar da nossa queda, ou quaes serão os tormentos que darão fim a nossa miseravel vida.»

CAPITULO LXXIX

Como o infante esteve duas horas alli entre aquelles muros e muros, e das razões que o auctor põe acerca de sua fortaleza.

POR conseguir a materia da humanal fortaleza, não posso partir d'ante meus olhos a virtude d'um principe tão singular que com tamanha força e grandeza de seu coração arrancou tamanha multidão de infieis fóra da terra de sua natureza.

Por certo eu não reconto estas cousas em tamanha grandeza como devia, porque eu mesmo me espanto quando alevanto a minha consiração pera contemplar a profundeza de tamanho feito, porque me lembra que li nas obras de Tito Livio, como aquelle valente romano, Oracio Cocles, tem tamanho nome porque teve atrevimento de pelejar com tres inimigos, cuja virtude de fortaleza Valerio Maximo na sua Historia Romana antepõe aos feitos de Romulo, que foi o primeiro fundador d'aquella cidade.

Ora que posso eu dizer da fortaleza d'um homem, que sem esperança de nenhuma companhia commetteu tantas vezes um tamanho ajuntamento de seus inimigos, derribando ante seus pés aquelles com maior atrevimento de sua fortaleza, e com o brandimento de sua espada, segundo meu juizo que se tem algum sentimento, que aquell-

ainda espantadas de tão maravilhosa fortaleza; empero não quero este feito de todo attribuir a sua força, porque consiro que o quiz Nosso Senhor Deus trazer ao mundo por defensão de seu santo Templo, que é a sua Santa Igreja, por vingança dos erros e commettimentos que aquelles inimigos da fé por muitas vezes fizeram aos seus fieis christãos, e que este principe, assim como seu cavalleiro armado com o signal da Santa Cruz, pelejasse pelo seu nome.

E pera provar minha intenção, ponho ante os meus olhos o processo da sua vida, na qual acho taes e tão maravilhosas virtudes que consirando em ellas não me parece senão d'algun homem trazido a este mundo por espelho de todos os vivos, as quaes virtudes a Deus prazendo, eu contarei distinctamente em seu proprio lugar, pera que possaes verdadeiramente hecher a prova de minhás palavras.

Oh! excellente principe, diz o auctor, flôr da cavallaria do nosso reino, coração e fortaleza digna de grande memoria, e qual outro posso eu louvar em superlativo grão que houvesse verdadeira fortaleza, salvo se dissesse este é outro infante D. Henrique?

Os mouros assim empuchados por entre aquelles muros passaram a terceira porta que vae pera a villa de fóra, mas alli voltaram elles rijamente, acordando-se que, se aquellas portas fossem fechadas que teriam elles de todo a perdida esperança de cobrarem jámais aquella villa primeira, e assim pozeram toda sua força pelo empachar.

O infante e os outros que com elle estavam, tinham o contrario d'aquelle desejo, poendo toda a diligencia pera acabar de fechar aquellas portas, mas com todo seu trabalho um grande pedaço estiveram assim, que nunca poderam fechar mais de uma porta, porque

quando queriam fechar a outra logo os mouros os cometiam rijamente, de guisa que lhe não queriam deixar uzar do que pretendiam.

Mas dava grande ajuda á defensão dos christãos uma parede que estava ante a face d'aquella porta, a qual empachava os mouros por tal guisa que não podiam alli pelejar senão mui poucos, e tanto estiveram n'aquella porfia, que cada um d'aquelles escudeiros por sua vez provou de ter assim aquella porta, e não o podia longamente soffrer assim pela força do trabalho como pelo nojo que lhe os mouros faziam nas pernas com azagaias que metiam por baixo, e vendo o infante como sua estada alli não aproveitava, fez de todo soltar as portas e saltou fóra e os outros com elle, e começou de seguir os mouros, os quaes sem nenhuma mostra de sua defensão começaram de fugir, que não pareciam senão homens que fogem d'algum touro, quando o sentem vir após si por alguma rua, e d'aquella fugida que os mouros fizeram teve o infante e os seus tempo pera tornarem a fechar sua porta, segundo antes desejavam, e depois que elles entraram primeiramente pela porta da abobada até que se tornaram, passaram duas horas.

CAPITULO LXXX

Como todos pensavam que o infante era morto, e como nenhum ousava passar por aquella porta com medo dos mouros que estavam nos muros.

QUEM poderia julgar que o infante nem nenhum d'aquelles estava em tal ponto segundo os muitos azos contrarios que se poderiam maginar, cá aquella villa de fóra estava toda cheia de mouros sem esperança de nenhum socorro, e pelas portas não ousava nenhum de passar por azo da grande guarda que os mouros de cima do muro acerca d'ello punham, e assim por estas cousas deram todos voz que o infante era morto, e pensavam todos que el-rei fizesse por ello mostra de grande nojo, pela qual razão não ousava nenhum de lh'o dizer, mas quando lh'o disseram respondeu elle que não montava muito, pois morrêra em seu officio, mas depois que soube a verdade do feito, houve em sua vontade grande prazer, especialmente porque aquelle filho se parecia mais com elle na feitura do corpo que nenhum dos outros, e pensava el-rei que se assim o não parecesse nas propriedades de dentro que lhe seria quasi um doesto depois de seus dias, cá é nm commum falar entre os homens quando falam em algum que é já finado, que logo lhe buscam um similhante por cuja proporção o possam fazer conhecer a aquelles com que falam, e muito melhor se faz ainda esto quando ahi ha filho

que pareça a seu padre, que logo dizem que não havia mais em elle do que ha n'aquelle seu filho, e por bom que o padre seja, logo recebe doesto quando o apropriam com algum filho que por ventura não se parece com elle nas virtudes e costumes.

Mas por certo mais conhecida esperança leixou el-rei D. João do infante seu filho quando se partiu d'este mundo, especialmente por aquellé começo que se alli seguiu tão manifesto, que não sómente elle que era seu padre mas qualquer outro do povo folgava de ouvir similhante cousa.

E posto que o amor dos padres aos filhos não tenha igual comparação entre as cousas que a natureza n'este mundo ajuntou, empero o feito foi por si tão grande e tão notável que entre todos os grandes feitos dos homens deve ser havido por maravilhoso, cá elle por si só acrescentou toda a grandeza d'esta victoria.

Grande padecimento tinham os mouros que estavam em cima dos muros, porque sentiam como o infante e os outros tinham a porta fechada e não lhe podiam empecer, e esto era por razão da volta do muro que vinha sobre aquella porta onde elles estavam, sob cuja sombra rerebiam amparo, nem aquella detença que o infante alli fazia não era a outro fim senão por esperar que recorressem os seus pera allí, cá sua vontade de todo era disposta pera tornar outra vez a pelejar com aquelles mouros até que os botesse de todo fóra, e quando viu que a tardança era tamanha e que nenhum dos seus acodia, disse a um d'aquelles que com elle estavam que os fosse chamar ou outros quaesquer que achasse, porque elle podesse receber ajuda.

Mas cada um por si respondeu que o não far

nenhuma guiza, não porque arreceasse o perigo do caminho, mas por elle não ficar alli tão desacompanhado e que se lhe alguma cousa recrecesse que seria grande mal não serem todos juntamente com elle.

— Mas será muito melhor, respondeu o infante, que vades, porque por vossa ida acabaremos nosso feito, cá os mouros correm pera aquella outra parte de cima, e com atrevimento do socorro que têm em esta outra villa dão trabalho aos nossos, o que não fariam se sentissem que alguma gente andava cá entre elles, e ainda pôde ser que cada um de meus irmãos sabendo parte d'este feito sahirá por aquella porta e nós sahiremos por esta, e assim os poderemos ligeiramente empuchar fóra da cidade.

— Como quereis, senhor, responderam elles, que nenhum de nós haja de filhar atrevimento pera vos deixar ainda que estivesseis em uma camara seguro de todo perigo, quanto mais aqui? Vergonha haveríamos de vos deixar sendo tão poucos, ainda que fosse muito breve.

De maneira que nunca se d'alli quizeram partir, dizendo que pois a ventura alli os ajuntára, que mortos ou vivos a par de si os havia de achar.

CAPITULO LXXXI

Como Garcia Moniz filhou atrevimento de passar aquella porta pera ir buscar o infante, e das razões que lhe disse.

COMO quer que a doçura do ganho que os homens haviam no despojo d'aquella cidade trouvesse suas vontades alegres, quanto mais com a victoria que em todas as cousas onde acontece é tanto desejada, todavia tanto que as novas do infante chegaram ás suas orelhas muitos correram pera acerca d'aquella porta por verem a certidão d'ellas, e quanto o passo d'aquella porta era mais perigoso tanto a certidão de sua tristeza se acrescentava muito mais, e preguntavam uns aos outros cada um como vinha mais tarde pelas novas que havia do infante.

—Não sabemos, diziam elles, nem ha nenhum que o possa saber, cá depois que elle passou aquella porta e quatro que foram com elle, nunca mais tornou nenhum, empero quaesquer novas que ellas sejam não podem ser senão muito tristes pera todos aquelles que o amavam, cá certo é que toda aquella villa de além é cheia de mouros, e mais além d'isso o grande perigo que seria ao passar d'estas portas não se havia de ter que não passasse além onde não havia remédio que o escusasse de morte, elle e aquelles que com elle passaram, salvo se foi a graça de Deus que quizesse guardar, empero bem é de crêr

vivos foram, já algum d'elles acudira, em duas horas que arrazoadamente pôde haver que elles d'aqui são partidos.

E em estas repartições estavam, mas não havia hi algum que ousasse de passar aquella porta, porque poucos ha que se queiram poer á ventura onde a morte está aparelhada.

Mas quando Garcia Moniz, que era um fidalgo que fôra guarda do infante sendo moço, chegou alli e lhe disseram o feito como era, não quiz mais esperar nenhuma cousa, mas assim como ardido cavalleiro se poz a todo o perigo e saltou rijamente pelas portas dentro até que chegou onde o infante estava.

—Ah! por mercê, disse elle, porque meteis os vossos em tamanhas desesperações, que não está alli tal a aquella porta que não tenha por fé que jámaes vos não ha-de vêr, e estão dizendo assim mal á sua ventura que os apartou de vós, que consiram o grande doesto que lhes poderá ficar se se acertar de vós fallecerdes por não serem comvosco. Por Deus, Senhor, vós quereis cometer umas cousas, e perdoae porque vol-o digo, que são além de toda ardidez dos homens, e ainda leixaivos aqui estar com esperanças que se hajam de vir pera vós alguns outros, e não quereis consirar como aquelles muros estão cheios de mouros, e que acima d'esta porta está outra porta por onde entram e sahem os mouros quantas vezes querem, que não cuideis que todo o cuidado dos vossos é em pelejar com os mouros, porque os mais d'elles tem mór cuidado de roubar as casas que acham vasias, e vossos irmãos e todos os outros capitães andam espalhados pela cidade cada uns por sua parte, e entretanto pôde ser que sahiram alguns d'aquelles mouros que estão no castello, ou por ventura muitos que

andam na cidade querendo-se recolher, virão por esta porta e acharão por boa dita de vos acharem aqui pera se vingarem no vosso sangue. Porém, por mercê, partivos d'aqui e tornaе-vos pera fóra, onde podeis fazer de vossa honra com maior segurança de vossa vida.

E o infante conhecia bem Garcia Moniz que era homem sezudo e bom cavalleiro, e conheceu que o aconselhava mui bem, e assim o poz logo por obra e os outros isso mesmo que lhe falaram acerca d'ello, e porém cometeu seu caminho pera se tornar, onde achou já estar Fernão Chamorro, alevantado com uma grande ferida no rosto.

Nem cuideis que os que antes alli estavam passavam seu tempo ociosos, cá os mouros acudiam alli a meude e continuamente aturayam sua peleja, mas depois que o infante chegou cobraram elles em si muito maior esforço e cometeram-nos rijamente, de guisa que derribaram alli alguns.

E estando assim os feitos n'este ponto chegou alli Nuno Antunes, filho de Antonio Vaz de Goes.

— Senhor, disse elle ao infante: vossa bandeira e o estandarte do infante D. Pedro vão caminho da outra porta de cima com intenção de se irem por alli pera a villa de fóra, e os mouros são muitos ácerca d'aquella porta, façavo-lo a saber porque é bem segundo me parece que vós vades contra lá por tal que os vossos recebam esforço e ajuda.

E o infante disse que lh'o tinha muito em serviço e assim encaminhou logo rijamente pela rua acima, até que chegou onde os seus estavam, e certamente sua chegada foi alli mui proveitosa, cá a força dos mouros era mui grande sobre a entrada d'aquella portoes quaes punham toda sua diligencia em defende

passagem aos christãos, e assim deram uma grande pedrada na haste da lança da bandeira do infante que a derribaram em terra, a qual mui azinha foi alevantada por força d'aquelle que a trazia, e o infante vendo assim aquelle feito saltou muito azinho entre elles e cometeu-os de tal maneira que os lançou além das portas, mas não traziam alli todos tal ardidez como elle, cá sómente Garcia Moniz achou comsigo na escuridade d'aquellas abobodas que estavam sobre aquella porta.

CAPITULO LXXXII

Como o infante tornou outra vez d'aquelle logar d'onde partira, e como os mouros leixaram de todo o castello.

OUTRA vez se tornou o infante pera aquelle logar d'onde ante partira, por aquella rua direita por onde suas bandeiras vieram, não que elle estivesse n'aquelle proprio logar, mas na entrada da outra travessa que é a fundo d'aquella onde elle á primeira estava, porque alli estava um grande ajuntamento de mouros com que ainda tornou a pelejar, e em esto lhe chegou recado de seu irmão o infante D. Duarte que o enviava a chamar a uma mesquita que alli estava acerca, onde depois foi a sé cathedral.

— Dizei vós, respondeu elle a aquelle mensageiro, ao infante meu senhor e irmão, que melhor seria se

sua mercê houvesse por bem de elle vir pera cá pera arrancarmos estes mouros de todo d'aqui, que de me eu partir agora pera nenhuma parte, e esto lhe envio dizer pela vontade boa que lhe sinto pera semelhantes feitos, e que saiba que como eu d'aqui partir que entendendo que não ficará aqui mais nenhum.

E como quer que muitos bons alli estivessem com o infante, assim pelo grande trabalho que já tinham passado como por razão da mui grande calma que fôra aquelle dia, estavam já mui annojados, tomando mui ameude folga quando quer que haviam algum pequeno espaço, e chegavam-se ao infante requerendo que leixasse aquelle feito, porque ao tempo que se o castello houvesse de combater todos aquelles mouros de necessidade se haviam de partir d'alli.

Mas esto não prestava muito, cá tal desejo tinha elle que emquanto os alli sentira nunca os houvera de leixar se não fôra o mandado de seu irmão, a quem elle em todas as cousas guardava obediencia, porque fôra aquelle recado que lhe primeiro veio foram outros, aos quaes o infante sempre achou resposta dizendo que em aquelle dia não era pera leixar semelhante logar, não tanto pelo damno que os mouros depois poderiam fazer, como por lhe não dar algum azo porque lhe podesse ficar alguma esperança de sua salvação, e esto dizia o infante pensando que aquella mesquita era muito mais alongada d'onde elle estava, e que isso mesmo não era chamado a outro algum fim senão pelo tirarem d'aquelle trabalho pela grande continuação que sabiam que elle aquelle dia tivera acerca d'aquella contenda, empero mandou-lhe dizer emfim o infante D. Duarte que todavia fosse sem outra alguma tardança.

— Senhor, disse o mensageiro, vosso irmão vos en-

via dizer que elle e os outros vossos irmãos são alli ajuntados, onde tem consigo a maior parte dos capitães que vieram a este feito afim de falarem no filhamento do castello, pera a qual cousa lhe é vossa presença muito necessaria, porém vos encomenda que vos vades logo sem outro detimento.

Ouvindo esto o infante não se deteve mais, antes chamou logo aquelles que com elle estavam, dizendo que pois a vontade de seu irmão era que se partissem d'alli que seria mui bem partissem de maneira que os mouros não sentissem que se partiam constrangidos.

— E pera isto me parece, disse elle, que será bem que vós vades deante e eu ficarei detrás, ou ficae vós detrás e eu irei deante.

— Isso não é razão, disseram elles, que vós senhor hajaes de ficar, tendo aqui taes pessoas que vos d'ello muito bem podem escusar.

A esto respondeu o infante que pois elles assim queriam, que tivessem tal modo em sua ida que não mostrassem a seus inimigos que se partiam constrangidos, o que elles fizeram pelo contrario, porque tanto que o infante se partiu, olhando pera traz viu que os seus não traziam aquella ordem que deviam, segundo o que lhes elle antes dissera, e tornou outra vez sobre os mouros que os seguiam e os levou ante si por aquella rua até que chegaram a aquella logar onde primeiro cahiu Fernão Chamorro, mas em aquella ida não o seguia nenhum nem os mouros quizeram tornar após elle pensando que ficavam todos os outros de traz ao canto, afim de os enganar, e assim se tornou o infante seu passo e passo até que chegou á mesquita onde estavam seus irmãos.

De Salabença não falei até aqui da maneira que teve depois que lhe os mouros levaram aquellas no-

vas que já tendes ouvido, mas agora me mandou elle requerer que escrevesse o seu feito pera dar fim á sua triste espedida.

Porém é de saber que depois que elle de todo viu que a cidade era entrada e os christãos por ella espalhados, sentiu que não havia outro remedio senão perder-se de todo, entonce tomou certos d'aquelles seus servidores de que se mais fiava, e entregou-lhes suas mulheres pera lh'as porem fóra da cidade, e elles com a trigança e desacordo que tinham não se lembravam senão de mui poucas cousas pera levar comsigo, e Salabençala andava entre tanto passeando por aquellas casas alevantando muitas vezes os olhos pera o ceu, e gemendo fortemente, como quem tamanha perda recebia, até que por derradeiro cavalgou em um ginete e se foi fóra da cidade, mas qual seria o pranto que elle por tamanha perda fizesse, claro será a todos aquelles que direito juizo tiverem, mas sei eu que por grande que seu nojo era nunca o mostrou muito em sua continencia, cá elle era homem fidalgo e de grande sizo e auctoridade, e o nojo que tinha suportava-o comsigo mesmo.

CAPITULO LXXXIII

Como o infante D. Henrique chegou aonde estavam seus irmãos, e como Vasco Fernandes de Atayde foi morto.

FAZENDO conclusão de todos os aquecimentos do infante D. Henrique, nos quaes foi a força de todas as cousas que se em aquelle dia fizeram que de contar fossem, nem presuma algum que eu não puz tanta diligencia em requerer e buscar todos os aquecimentos dos outros senhores, porque não digo eu dos principaes, mas de qualquer outro do povo escrevera seu feito se o achara de merecimento ou o podera saber por qualquer guisa, conhecendo bem que a vontade d'el-rei meu senhor é saber perfeitamente todos os merecimentos de seus naturaes, pera honrar a memoria dos mortos e remunerar aos vivos, pelos trabalhos de seus padres, ou d'elles mesmos, e esto porque sua vontade é posta em uma egualza de justiça, segundo no processo de seus feitos mais compridamente será achado, e de eu não saber perfeitamente a verdade das cousas, tenho tres razões pera minha escusa, a saber as primeiras duas que já disse, uma a estreitura d'aquellas ruas e a outra a longura do tempo, e a terceira é o pouco cuidado que alguns queriam ter em me dizerem as cousas que sabiam, e taes requeria eu que pero lhes mostrasse mandado d'el-rei meu senhor, não me faziam menos aguardar á

sua porta, que se eu por ventura principalmente vivera por sua bemfeitoria, outras vezes me davam suas escusas, allegando escusações, as quaes conhecidamente eram mais por tomarem similhaça de estado, que por nenhuma outra necessidade.

Em verdade não leixarei de dizer que quando eu consirava que um doutor, e outro similhante me mostrava taes mostranças, recebia por fadiga d'ir muitas vezes a sua casa, lembrando-me como aquelle com quem eu vivo, que é meu senhor e meu rei, offerece suas orelhas a ouvir meus rasoados, com menos cerimoniaes, quando sente que é rasão.

E perdoar-me-heis porque me affastei tanto da historia, cá o fiz por me escusar d'alguuma culpa, se m'a alguem quizer poer.

No recebimento que o infante D. Duarte fez a seu irmão, não fallei alguma cousa, porque muitas vezes disse o grande amor que entre elles havia, e isso mesmo como o infante D. Duarte foi um principe muito mavioso e agazalhador.

Mas fica-me por dizer d'aquelle bom e valente cavalleiro Ayres Gonçalves de Figueiredo, de cuja grandeza de idade já fallei, o qual em aquelle dia andou sempre armado, e se acertou alli com o infante depois que os mouros sahiram pela outra porta de cima, onde derribaram a bandeira a Mem Rodrigues, o qual Ayres Gonçalves de Figueiredo pelejou sempre continuamente, melhor que outros alguns de muito menos idade, e outros dois escudeiros bayonezes que moravam no Porto, e acharam o infante no meio d'aquella rua, quando logo primeiramente começou a seguir por ella.

—Não vos parece, senhor, disseram elles, que estamos agora melhor aqui que nas logeas do Porto, onde

...mas mercê requeria que ficassemos? E em aquelle
...do cometimento que o infante fez em os mouros,
...do assim foi chamado da parte de seu irmão,
...Vasco Fernandes de Atayde houve novas como seu
...andava n'aquelle trabalho, e trabalhou-se de o
...ir buscar, e quando chegou áquelle logar onde o in-
...fante estivera primeiro com os mouros, que era acerca
...da porta, lançaram os inimigos de cima uma pedra, a
...qual era tão grande e com tanta força lançada, que
...tanto que deu sobre a barreta de Vasco Fernandes
...cahi logo morto em terra, e este só cavalleiro foi
...aquelle que por seu sangue pagou toda a desaventura
...d'aquelle feito, empero bemaventurado foi elle que em
...tal logar fez fim de sua vida, e sua alma sómente levou
...as novas ao outro mundo da perfeição d'aquella victo-
...ria, e não é duvida senão que sua morte fôra muito
...mais chorada se fôra por outra maneira.

Grande desenfadamento filharam todos aquelles se-
...nhores que estavam juntos em aquella mesquita, e as-
...sim todos os outros, fallando da boa victoria que lhe
...Deus déra, e cada um contava o que lhe acontecera,
...mas sobre todos aquelles escudeiros que foram com o
...infante tinham mui grande gloria em contar a sua
...parte, porque não ha no mundo tamanha honestidade
...que não seja tocada de doçura de gloria, e tanto
...é maior quanto o seu merecimento é havido com
...maiores trabalhos, o que certamente era assás de
...grande, quanto a aquelles, cá foi achado que depois que
...chegaram áquelle logar aonde cahi Fernão Chamorro,
...até que o infante partiu pera a mesquita, passaram
...cinco horas trabalhando continuamente, e posto que
...nós em outras partes digamos o espaço do tempo
...maior ou mais pequeno, a verdade é esta, e o al se
...diz segundo o fallamento d'aquelles que emmentámos.

CAPITULO LXXXIV

*Como el-rei mandou chamar o infante D. Henrique,
e das razões que lhe disse.*

MORTO Vasco Fernandes, como dito é, logo os mouros começaram de despejar de todo aquella villa primeira, e estando assim aquelles senhores, tiveram seu conselho e começaram de aviar as cousas que cumpriam pera combate do castello, determinando que por aquella noite não fizessem nenhuma cousa, sómente que lhe fossem postas suas guardas até o outro dia que o combatessem realmente, e o infante D. Henrique tanto que foi n'aquella mesquita, por causa do grande trabalho que tinha passado, lançou-se algum pouco a repousar, e todo seu principal cansaço era as feridas que tinha nas pernas, de que era algum tanto sentido, e em jazendo assim lhe chegou recado d'el-rei que o enviava chamar, o qual estava em outra mesquita, apartada d'aquella onde agora é o mosteiro de S. Jorge, e bem deveis entender que onde elle estivesse em semelhante tempo, qual seria a companhia que com elle fosse, cá dizem os direitos que o testemunho que el-rei der deve valer sete, e isto disseram porque além da sua virtude, por bem de razão e direito sobre os outros homens tem excellencia.

Consirae que el-rei não podia estar só que não es-
tivessem com elle ao menos seis mil homens, depar-

tindo certos officios, segundo em seus livros está declarado.

Ora se de necessidade os homens hão-de acompanhar o rei, certo é que com melhor vontade se chegam a elle no dia da folgança e ledice, que quando está pelo contrario, e não ainda a elle que sobre todos os homens tem excellencia, mas ainda a qualquer outro do povo se chegam de boamente no dia de sua ledice, como vemos geralmente quando se fazem bodas, que além dos que pera ellas são convidados se chegam outros muitos, e portanto cumpre mais aos reis, que hão de agazalhar gente, mostrarem sempre suas caras alegres e mandar ás vezes fazer festas em suas casas, quando o tempo o requer, cá diz o auctor dos feitos d'el-rei D. João de Castella, que foi na batalha de Aljubarrota, que uma das cousas porque perdeu muitos fidalgos quando vinha pera este reino, foi por ser homem que sempre em sua continencia mostrava tristeza.

Todas as palavras que se alli a el-rei diziam vinham á conclusão do louvor da victoria, e uns falavam no filhar da terra, e outros como o infante D. Duarte sahira escondidamente da galé com desejo de ser com os primeiros, e outros como a Deus prouvera de a villa ser entrada tão azinha, outros falavam da discrição do prior, que antes doestavam, dizendo que soubera mui bem encaminhar todo o que lhe fôra mandado.

— Bem sabia, respondeu el-rei, o prior o recado que me levava, e eu bem conhecia quando o primeiramente enviei, que se visse que a cidade era desposta ou azada pera a eu poder filhar que o saberia conhecer, nem eu não começara nenhuma cousa n'este feito se me elle o contrario dissera, conhecendo quem elle é, cá bem creio verdadeiramente que se algum homem de

engenho e sizo houvesse de subir ao ceu vivo, em carne, o prior seria.

Certamente, diz o auctor, não era pequena honra áquelle cavalleiro aquellas palavras que el-rei assim dizia d'elle ante aquelle povo, e se nós ante dissemos da honra que havia de ser dada o João Affonso, vedor da fazenda, nem ao prior fica d'este feito pequena parte.

E tornando á nossa historia, entre todas as cousas que alli falavam, principalmente se dizia como Deus quizera por sua mercê em aquelle dia guardar o infante D. Henrique, contando seus aquecimentos pela mais formosa maneira que elles podiam dizer, conhecendo que não podiam em ello falar tanto que a seu padre mais não prouguesse, cá doce cousa é a todos os homens ouvir os louvores de quaesquer cousas que a elles pertencem, especialmente dos filhos, além dos quaes não ha hi maior amor, e querendo o infante vir ao mandado de seu padre, achou que lhe furtaram aquelle bom cutello com que elle aquelle dia tantos e taes golpes fizera, por cuja bondade o infante houve assim queixume de lh'o levarem, dizendo que por nenhuma cousa d'alli partiria até que lh'o não tornassem, e posto que alli estivessem mais de cinco mil homens, tal diligencia foi posta em o buscarem, que lhe foi tornado á sua mão, e quando o infante chegou onde el-rei estava, foi d'elle recebido com grande prazer.

— Meu filho, disse elle, pois que a Deus prouve dar-vos hoje tal aquecimento, assim como elle foi avantajado de todos os outros feitos, assim praz a mim que por louvor de vossa fortaleza recebaes logo aqui ordem de cavallaria.

— Senhor, respondeu o infante, posto que meu merecimento não seja tamanho, eu vos tenho muito em

mercê a boa vontade que tendes pera accrescentar em minha honra, empero eu vos peço por mercê que me não queiraes fazer semelhante cousa senão ao tempo que a fizerdes a meus irmãos, porque assim como nos Deus trouxe a este mundo um ante outro, assim me prazeria que nossa honra fosse dada ordenadamente.

El-rei disse que lh'o agradecia muito, e que assim encaminharia que se fizesse.

CAPITULO LXXXV

Como João Vaz d'Almada foi poer a bandeira da cidade de Lisboa sobre as torres do castello e isso mesmo o conde D. Pedro levou a bandeira do infante á torre de Fez.

DEPOIS que aquelle conselho assim foi feito acerca das guardas que em aquella noite haviam de poer sobre o castello, indo assim aquelles que pera ello foram ordenados seu caminho, porque o tempo era já acerca em que convinha começarem seu trabalho, acertou de olhar um d'elles pera o castello, sobre o qual viu estar uma grande banda de pardaes.

— Não vêdes, disse elle contra os outros, como aquelles pardaes alli estão assocegados? que me matem se Salabença com todos os outros não é partido d'alli e leixou o castello vazio, cá se assim não fosse não estariam alli aquelles pardaes assim de assocego, e to-

dos os outros disseram que lhes parecia ser assim, sobre a qual cousa tornaram a el-rei pera receberem seu mandamento, acerca do que haviam de fazer.

Mas por ventura não seriam aquelles os pardaes que o outro sonhava que comiam as abelhas?

—Pois que assim é, disse el-rei, vão chamar João Vaz d'Almada que traz a bandeira de S. Vicente, e digam-lhe de minha parte que a vá logo poer sobre a mais alta torre.

João Vaz foi logo chamado e a bandeira prestes, e ajuntaram-se com ella parte d'aquelles bons homens, e foram-se caminho do castello, e querendo quebrar as portas que estavam fechadas, pareceram sobre o muro dois homens que dentro estavam, a saber um biscainho e outro genoez.

— Não filheis trabalho, disseram elles, em quebrar as portas, cá não tendes nenhum empacho em vossa entrada, cá os mouros são já partidos todos d'aqui, e sómente ficamos nós ambos, que vos abriremos as portas quando quizerdes.

— Ora pois, disse João Vaz, filhae lá essa bandeira e ponde-a sobre esse muro, até que nos vamos.

Alguns disseram aqui, querendo fazer este caso maior, que aquelle genoez, com outros alguns que dentro estavam, quizeram mostrar signal de defensão, e que el-rei mandára sobre elles certa gente d'armas e béstaria, e que por força d'armas se filhara o castello, a qual cousa verdadeiramente achamos que não foi assim, e tanto que o castello foi aberto, foi dentro o infante D. Duarte e o infante D. Pedro, e o conde de Barcellos, e assim outros senhores e fidalgos, cá o infante D. Henrique estava com el-rei, e andando assim provendo todas as cousas que havia em aquella fortaleza, deram muitas graças ao Senhor Deus

que por similhante maneira os pozera em posse de todo.

E é pera rir do que alli aconteceu a um escudeiro do mestre de Christus, cá onde os outros andavam apanhando ouro e prata e outras cousas de grande valia, elle se foi occupar com um gavião treçó que trazia na mão, que achára n'aquelle castello, e tão contente andava d'aquelle bom achadego, que não tinha lembrança d'outro nenhum ganho nem proveito, e estimando seu presente n'aquelle preço em que o elle tinha, foi fazer serviço d'elle ao infante, mas eu não sei se o agradecimento de similhante dadiva seria tamanho como a perda do proveito que elle podera haver, carregando-se d'aquellas cousas de que assás havia no castello.

Muitos se começaram alli de aposentar com intenção de serem companheiros de João Vaz, mas el-rei não o quiz consentir, e mandou lá o infante D. Henrique que os fizesse sair todos fóra, e que a posse do castello leixasse sómente a João Vaz e aos seus, e segundo aprendemos, melhor encontro achou elle alli que o gavião treçó do escudeiro do mestre, cá a melhor parte das mais e melhores cousas que tinha Salabençala e todos os outros que com elle estavam n'aquelle castello, houve João Vaz, as quaes eram n'elle mui bem empregadas, cá era nobre cavalleiro e trabalhou sempre em sua vida pera accrescentar em sua honra, com muitos serviços que fez a el-rei e ao reino.

Como o castello foi assim desamparado como dito é, mandou logo o infante D. Duarte ao conde D. Pedro de Menezes, que era seu alferes, que levasse a sua bandeira á outra villa de fóra e que a pozesse sobre a torre de Fez, mas isto não era assim ligeiro de fa-

zer, porque os mouros não podiam assim deixar de boamente a posse da sua cidade, cá muitos d'elles determinavam fazer alli antes fim de suas vidas que deixar suas moradas, e não é sem rasão que não sómente os homens que hão verdadeiro conhecimento, mas ainda as brutas alimarias naturalmente mostram sentimento quando são tiradas do seu, segundo diz o philosopho no livro de Proprietatibus Rerum, e assim houve alli uma escaramuça á sahida d'aquella porta, que se agora chama de Fernão Affonso, na qual mataram a um alferes de D. Henrique de Noronha, empero isto prestou pouco aos mouros porque ia a bandeira acompanhada de mui nobres pessoas, cá eram alli o dito D. Henrique e D. João seu irmão, e Pero Vaz d'Almada e Alvaro Mendes Cerveira, e Mem de Affonso seu irmão, Alvaro Nogueira e Nuno Martins da Silveira e Vasco Martins do Carvalhal, e o grão barão d'Allemanha, o qual em aquelle dia provou como valente cavalleiro que era, e assim o fizeram a maior parte de todos os gentis homens que com elle vinham, e Nuno Vaz de Castello Branco, e cinco irmãos seus que alli vinham, e Diogo Fernandes d'Almeida e outros muitos e bons e grandes fidalgos, cujos nomes não podemos perfeitamente saber, e assim foram todos juntamente poer aquella bandeira sobre a torre de Fez, e a guardaram aquella noite, e D. Fernando de Castro e D. João seu irmão, acompanhados d'outros muitos cavalleiros, sahiram pela outra parte de cima escaramuçando com os mouros, até que os lançaram fóra pela outra porta, que se ora chama de Alvaro Mendes.

CAPITULO LXXXVI

Em que o auctor declara o tempo em que a cidade foi tomada e quaes eram os trabalhos dos homens em aquella noite.

VINTE e um dias eram do mez de agosto, quando andava a era de Adão, que é o anno do mundo em cinco mil cento setenta e seis annos hebraicos, e a era do diluvio em quatro mil quinhentos e dezesete annos romanos, e a era de Nabucodonosor em dois mil cento e sessenta e dois, e a era de Philippe, o grão rei de Grecia, em mil setecentos e vinte e oito annos, e a era de Alexandre, o grão rei de Macedonia, em mil setecentos e vinte e seis, e a era de Cesar imperador de Roma, em mil e quatrocentos e cincoenta e tres, e a era de Nosso Senhor Jesus Christo, em mil quatrocentos e quinze, e a era de Alimus, o Egyptião, em novecentos e setenta e um, e a era dos Alarves em setecentos e noventa e tres, segundo os seus annos, cá os outros annos todos são romanos, e a era dos Persas em setecentos e oitenta e tres, e a era do reinado d'el-rei D. Affonso o primeiro de Portugal em trezentos e treze, e o anno do reinado d'este rei D. João em trinta e dois dos annos solares, quando estava o sol em seis graus do signo de Virgo, e a lua sobre o primeiro quarto de seu crescimento, no primeiro grau dos dois gemeos que são Pollux e Castor, filhos de Leda, já passavam de sete horas e meia de-

pois do meio dia quando a cidade foi de todo livre dos mouros, e os nossos assim como andavam mui cansados por razão do trabalho, e assim por a força da quentura que passaram, começaram de se aposentar aquelles que ainda não eram aposentados, cá muitos havia ahi que depois que uma vez entravam na casa alli aguardavam a vinda da noite, outros tomaram as esperanças tão largas que não se contentaram do primeiro achadego, e a derradeira ficaram sem nenhuma cousa.

Depois que a noite de todo foi cerrada tanto foi o desprezo em que tiveram os mouros pela victoria que tão facilmente houveram, que não tiveram cuidado de poer nenhuma guarda na cidade, sómente quanto tiveram acordo de fecharem as portas, como quer que segundo meu juizo as guardas não eram muito necessarias por aquelle presente, porque a cidade pela maior parte é cercada d'agua, onde tinha assaz segurança, e aquelle pequeno espaço que ficava da parte do sertão não lhe cumpria melhor guarda que a gente do infante que estava sobre a porta de Fez, e outra muita que isso mesmo estava á porta de Alvaro Mendes, e as outras companhas que jaziam pela cidade não tinham cuidado d'outra cousa que de apanharem o esbulho, e quanto mais o tempo se afastava do primeiro começo, tanto o fogo de sua cubiça era mais aceso, e entonce começavam de se arrepender do damno que fizeram em muitas cousas de que se depois poderam aproveitar, cá logo no primeiro começo não esguardando nenhuma cousa fizeram tamanho damno em muitas cousas de grande valia, cuja cobiça lhes ao depois trazia grande arrependimento, porque muitos que se acertaram primeiramente n'aquellas logeas dos mercadores que estavam na rua direita, assim como entravam pe-

las portas, sem nenhuma temperança nem resguardo davam com suas fachas nos sacos das especiarias e esfarrapavam-nos todos, de guisa que todo lançavam pelo chão, e bem era pera haver dó de semelhante estrago, qual alli foi feito n'aquelle dia, cá as especiarias eram muitas e de grosso valor, e as ruas não menos jaziam d'ellas cheias do que poderia jazer de junco nos dias das grandes festas, as quaes depois que foram pizadas dos pés da multidão das gentes que por cima d'ellas passavam, e des'ahi com o fervor do sol que era grande, davam de si muito grande cheiro.

Mas porque aquelle damno sem proveito lhe podesse logo trazer emproviso arrependimento, a cobiça d'aquella perda os subjugava a andarem depois pelas ruas apanhando os pedaços de canella e grãos de pimenta, menosprezando o trabalho e fadiga que lhe sobre ello vinha, cá em treze dias que alli depois ellei esteve, nunca as ruas eram desacompanhadas d'aquellas gentes de pouco valor, em tanto que não podiam os homens passar livremente que não fossem empachados d'aquella multidão.

Barris de conserva e jarras de mel, manteiga, arrobe e azeite, eram alli tantas estruidas que não faziam alli menos enxurro pelas ruas que se fossem alguns canos d'agua quando chove, a qual perda era muito chorada d'alguns d'aquelles de vil geração, cá os bons e nobres não punham o seu cuidado em semelhantes cousas.

Mantimentos houveram alli assaz, assim dos que achavam nas casas, como outros que faziam vir da frota, especialmente vinho, que em semelhante tempo era tão desejado que este era um licor de que nas casas dos mouros havia pouca quantidade, ainda que aquellés que acertaram de o beber lhe praz muito do bom.

CAPITULO LXXXVII

Como os christãos em aquella noite traziam entre si desvairadas occupaões.

TODA a occupação dos mais d'aquelles era delectosa, cá posto que todo aquelle dia fossem trabalhados e o espaço da noite fosse tão pequeno, não havia ahi algum tão perigoso que se contentasse de a dormir toda, cá uns se occupavam em fazer trouxas das cousas que apanharam, outros estavam egualando suas partilhas com aquelles com que primeiramente traziam conserva, outros andavam cavando as casas onde achavam a terra movediça, e faziam n'ellas mui grandes foios, pensando de achar alguma riqueza soterrada, e por um pouco que achavam desfaziam grandes alicerces pensando de achar mais, outros tentavam as alturas das aguas que jaziam nos poços e metiam-se n'elles apalpando com os pés pera vêr se poderiam achar ainda algumas riquezas mais sobre o que tinham, e por dizer verdade a muitos não eram seus trabalhos em vão, cá achavam muitas cousas em elles de grossa valia, e os que maior efficacia traziam em estes trabalhos era a gente do povo, especialmente os que eram casados, dos quaes não parecia cousa sobeja por refice que fosse, se elles haviam logar pera a trazer.

Oh! como a ventura muda suas cousas, como lhe praz e acrescenta e mingua segundo seu querer, cá tal havia entre aquelles que n'este reino mantinha uma só choça, e alli acertava ter por pousada grandes

casas ladrilhadas com tigellos de desvairadas côres, vidrados, e os teitos forrados de olivel com formosas soteas cercadas de marmores mui alvos e polidos, e as camas brandas e moles e com roupas de desvairados lavores, como vêdes que geralmente são as obras dos mouros.

«Em forte hora, diziam elles, aquelles pelejassem sobre tanto viço pera nós outros, mesquinhos que andamos no nosso Portugal pelos campos colhendo nossas messes, e fadigados com a força do tempo, cá por derradeiro não temos outro repouso senão pobres casas que em comparação d'estas querem parecer choças de porcos».

Os nobres homens tinham o primelro acertamento, já contentes não curavam d'outra cousa senão despende o tempo que lhes o somno não occupava os sentidos em recontar a grandeza d'aquella victoria, e uns louvavam os golpes que accertavam de vêr a seus amigos, ou os aquecimentos que houveram, outros culpavam algum estorvo se lhe aquecera, porque perderam algum golpe que poderam farer, outros estimavam a multidão dos mortos quanta seria, sobre cujo numero eram desvairadas opiniões, não com pequena gloria da desaventura de seus inimigos.

Mas sobre todas as cousas se falava nos feitos que o infante D. Henrique fizera, que todo o al estimavam por pouco, e outros tinham cuidado de arrecadarem os prisioneiros, sobre cuja guarda se punha grande diligencia, a uns levando-os ás galés, outros mettendo-os em taes prisões porque tivessem d'elles segurança, outros tinham cuidado de esquadrinhar porque parte se azara mais certamente aquella victoria.

E uns a atribuiram de todo o Deus, os quaes entre todos os outros falavam mais verdadeiramente, dicen-

do que todas as ordenanças prestaram pouco se os mouros tiveram acordo de fecharem as portas e não quizeram sahir fóra, cá por pouco que se tiveram defendendo sua cidade, não podera ser que lhe em breve tempo não viera grande socorro de seus vizinhos e parentes.

Outros diziam que aquello não prestava, cá posto que elles fecharam as portas não tiveram vianda nem lhe podera vir tão azinha de fóra, segundo seu grande despercebimento.

«Ah! como podéra ser, diziam elles, que os mouros defenderam a cidade posto que fecharam as portas, cá el-rei tinha ordenado de poer seu arraial' na Almina, onde os mouros foram assim combatidos por força de seus inimigos, e com multidão de sua gente, que não se escusava que em breve tempo não subiram os homens por cima dos seus muros, e posto que os da cidade tiveram mantimentos não poderam ter tantos que podessem abastar a tanta multidão de mouros como era na cidade, porque além dos moradores d'ella eram ahi outros muitos de fóra que ficaram ahi da primeira vez que os mouros viram os navios ancorar no Barbaçote, afóra outros que Salabençala não quiz receber na villa que estavam fóra, os quaes era necessario. que recebesse quando visse que de todo queriam combater a cidade».

«Ora vós calae, diziam outros, cá depois de Deus não tem ahi nenhuma cousa tamanho louvor como o nobre conselho que el-rei teve, cá se os mouros tiveram avizamento, ainda que, não fôra mais que um mez antes, nunca se a cidade cobrára que se primeiro não gastára todo Portugal pedaço a pedaço».

E assim em estes feitos e repartições despenderam as gentes aquella parte da noite.

Mas o entendimento d'el-rei não buscava nenhuma d'estas cousas, antes jazia pensando na grande mercê que lhe Deus fizera, pera a qual lhe pedia em sua vontade que lhe abrisse azo e caminho como podesse guardar e defender aquella cidade, por testemunho de tamanho milagre, e por tal que a lembrança d'aquella victoria ficasse por successão a todos os reis que depois d'elle viessem e possuissem sua herdade.

CAPITULO LXXXVIII

Do grande pranto que os mouros faziam sobre a perda da sua cidade.

PIEDOSA cousa era de ouvir os gemidos d'aquelles mouros depois que foram afastados da sombra dos muros de sua cidade, cá se começaram a apartar por entre as espessuras dos arvoredos das suas hortas e pomares, e não havia ahi tal que logo á primeira chegada podesse ter segurança, por muito escuso que o logar fosse, cá assim vinham amedrontados da mortandade que viram fazer em seus vizinhos e parentes.

Mas depois que a noite começou de sobrevir cobraram elles algum atrevimento, e começaram de se sahir d'aquelles matos, cada um por sua parte, e chamar-se uns aos outros por seus proprios nomes, e as madres chamavam os filhos, e os maridos as mulheres, e

aquelles que se acertavam de se acharem tinham algum remedio por seu conforto, ainda que lhe muito não podesse durar, porque a lembrança de sua perda geral não podia esquecer por outra nenhuma cousa de melhoria, por grande que fosse, e sobre todo não havia ahi algum que não tivesse alguma parte que chorar, porque a uns falleciam os filhos, a outros as mulheres e amigos, e taes se acertavam alli a que falleciam todos, e assim começaram a fazer seu pranto mui dorido, chorando sua perdição, cá se alembavam das cousas que perderam, as quaes eram tantas e tão grandes, que cada uma por si lhe fazia mui doloroso sentimento, e entonce cada um nomeava a nobreza d'ellas, e como as perdera.

«Ha no mundo entendimento, diziam elles, em que podera caber que uma tão nobre e tão real cidade em um só dia se podesse perder? Por certo não foram esto homens viventes, mas foram os poderios do inferno que chegaram sobre nós, cá similhante obra mal se poderá crêr que foi em tão breve tempo acabada por nenhuma força nem poderio terreal. E éscrevam os auctores das historias que nunca foi nem será alguma companhia tão malaventurada como esta nossa, e ainda que nós estiveramos em meio d'um campo com umas poucas de palhas ante nós, não poderamos tão ligeiramente ser vencidos, e se quer ao menos nos leixára nossa má ventura tanto bem que tiveramos algum espaço em que poderamos conhecer nosso vencimento, o qual nos não aproveitara pouco para nosso avizamento.»

E entonces começavam a contar uns aos outros todos os aquecimentos de sua partida, e quaes eram os que morreram logo na primeira rua, e quaes ao depois, e contavam outrosim a grande multidão de seus pa-

rentes e amigos que jaziam espargidos pelas ruas e praças da cidade.

Os velhos diziam que ouviam a seus padres e avós fallar n'aquella perdição, dizendo que dias haviam de vir em que aquella cidade havia de ser regada com o sangue de seus filhos, s. de seus moradores.

Outros contavam sonhos que sonharam de cousas maravilhosas que lhe apareceram, os quaes depois do damno declaravam.

Um houve que disse :

«Quando eu era moço, me mandou meu padre a Tunes pera um meu tio que lá morava, o qual me deu a ensinar a um almoeda da mesquita maior, e estando eu um dia fallando com elle, contando-lhe as bondades d'esta cidade, elle em fim de minhas palavras poz as mãos sobre os olhos e começou de suspirar mui fortemente, e muitas vezes lhe pareciam as lagrimas por de sobre a mão, e entonce me disse :

«Filho meu, rogo-te que me não digas mais das bondades de tua cidade, que me não podes tu mais dizer que eu não saiba. Mas esto te digo, que se os mouros da terra d'Africa soubessem o que eu sei, que já em ella não estaria pedra sobre pedra que não fosse toda no chão, e a sua formosura e bondade ha ainda de ser por nosso mal, o qual sentirão primeiros os d'ella e depois o sentiremos nós outros os de cá, e esto sei eu, disse elle, porque não ha muitos annos que jazendo eu n'esta mesquita, dormindo uma noite, sonhava que via uma mulher com muitos filhos d'arredor de si, e que via uma ponte que se começava de junto de seus pés e chegava até o reino do Algarve, pela qual vinham da terra dos christãos grandes manadas de moços, os quaes pelejavam com os filhos d'aquella mulher até que os matavam todos, e mamavam em suas

tetas, e esto contei eu a outros mouros sabedores, e todos acordámos que aquella mulher representava a terra d'Africa, e os primeiros filhos somos nós outros, os quaes empucharam os christãos de suas terras, s. de sua terra, e de todo esto se ha-de alevantar por cobiça de vossa cidade.

«É porque, disse aquelle mouro, eu nunca tive crença em sonhos, não curei muito esguardar sobre ello.»

Disseram ainda mais que quando a frota d'el-rei partiu de Barbaçote pera os Algeziras, uma das mulheres de Salabençala sonhara que seu marido se mudava d'alli pera outras casas, e porque o ella via muito triste que lhe perguntava porque vinha assim annojado? E que lhe respondia elle que pelo coração que lhe ficava em Ceuta.

«Pois, dizia ella, porque não tornaes lá por elle? porque me tem as portas fechadas, respondia elle»; e Salabençala dizia que sonhara aquella manhã que seu padre o vinha abraçar; outros contavam quantas abusões sonharam havia cem annos, as quaes todas attribuiam ao entendimento d'aquella perdição, e assim estiveram aquella noite em suas tristes partições, cada um contando sua parte, até que o somno os forçava, onde lhe passavam pelos sentidos cousas mui desvairadas, e segundo se faz commummente a todos aquelles que vigiando são carregados de pensamentos.

E taes havia ahi a que pareciam grandes chamas de fogos, outros aguas correntes, outros multidão de navios, outros viam pelejar touros, outros viam a lua e as estrellas e outros signaes do ceu, a outros parecia-lhes que lhe falavam seus padres, parentes e amigos finados, e ainda muitos d'aquelles que aquelle dia falleceram, e muitos se iam pera asher dades e quiu-

tas que tinham, onde tinham suas casas em que estavam no tempo do seu alacir, segundo vêdes que os mouros costumam quando passam suas fructas, e assim se lançavam sobre o monte das palhas que alli tinham pera suas camas, cá aquelle era o tempo que elles mais aturavam semelhantes logares, por razão dos fructos que entonce amadurecem, e alli se começavam a lembrar quanto proveito elles houveram n'aquellas herdades, e das arvores fructíferas que em ellas pozeram, e quanta despeza fizeram em seus edificios, e como tudo em tão breve tempo haviam de deixar a seus inimigos.

Outros ahi havia que se lançavam a chorar pelos comoros dos vallados das suas hortas, emfim d'aquelle triste pensamento a outros sobrevinham tamanha braveza que com aquella lastima se enviavam ás vergon-teas de seus enxertos e começavam de as britar, e assim andavam d'uma parte pera outra como homens fóra de si, parecendo aquella sacerdotia Edonis, que morava nas montanhas do monte Pindo, a qual fazia cada um anno seus sacrificios ao Deus Bacho, que era Deus do vinho, segundo conta mestre Gonfredo, parecendo-lhes que se fartavam em fazer aquelle estrago, até que cansados faziam fim.

Outros que tinham alguma ferramenta em aquellas quintas decepavam as arvores pelos pés, mas outros havia ahi que se temperavam em suas sanhas, esperando que por ventura cobriam ainda sua cidade e se poderiam aproveitar d'aquellas cousas, e traziam ás suas memorias muitas escripturas que leram, nas quaes achavam muitos acontecimentos e grandes de outras cidades e villas, que depois tornaram a cobrar seus primeiros moradores, e se lograram das cousas semelhantes que antes leixavam.

«Ora pois, diziam elles entre si mesmos, porque destruiremos nós as nossas cousas? cá pôde ser que Deus obrará em nós com a sua misericordia, e nos tornará á posse da nossa cidade, a qual ainda que al não fosse, é tão longe do reino de Portugal que os christãos a não poderão manter.

CAPITULO LXXXIX

Como el-rei enviou seu recado a Martim Fernandes Porto Carreiro, alcaide de Tarifa, notificando-lhe sua victoria.

SÓMENTE a dois logares achamos que el-rei enviou notificar o bom acontecimento que lhe Deus dera em sua victoria.

Onde haveis de saber que pela boa vontade que Martim Fernandes Porto Carreiro mostrou a seu serviço, quando enviou seu filho a elle á frota, como já ouvistes, teve el-rei por bem de lh'o fazer saber primeiro que a outro algum, e ainda disseram alguns que lhe enviou assim aquellas novas, além do que dito é, porque as podesse o dito Martim Fernandes notificar por outras partes d'aquelle reino de Castella, e porém, tanto que foi dentro na cidade, mandou fazer prestes um bergantim no qual enviou com seu recado João Rodrigues Comitre, que lhe contasse as novas d'aquelle aquecimento, e assim todo o outro feito como passára.

Tanto que João Rodrigues chegou a Tarifa, foi logo

com aquelle recado a Martim Fernandes, o qual foi tão ledo com elle que por mui grande espaço não se podia faltar de o ouvir, tornando muitas vezes a perguntar por todas as circumstancias d'aquelles aquecimentos.

—Vós, disse elle a aquelle mensageiro, sejaes tão bem vindo como a melhor Paschoa florida que eu n'este mundo houve, direis a el-rei meu senhor que lh'o tenho em muito grande mercê, e que saiba elle que sua vontade não foi enganada em me querer fazer saber de sua victoria, cá não ha em seu reino homem de meu estado a quem eu desse vantagem de lhe mais prazer de seu bom aquecimento. Mas que se m'o elle assim não fizera saber por vós, ou por outro algum de seu mandado, que eu fôra muito duvidoso de o crêr por outra alguma maneira. Mas não sabeis, disse elle, como estava o castello acompanhado, ou se tinham os mouros tenção de se porem em defensão, da qual cousa me não prazeria, porque o castello é forte e poderiam dar algum trabalho a el-rei?

—Ainda quando eu parti, respondeu João Rodrigues, os mouros estavam em posse d'elle, mas depois que eu fui no mar alongado, quanto seria uma legua da cidade, vi as bandeiras em cima das torres.

E quando Pedro Fernandes Porto Carreiro, seu filho, ouviu assim aquelle recado, houve grande queixume porque não fôra n'aquelle feito, segundo antes requeria a seu padre.

—Vós me tirastes, disse elle contra o padre, d'este meu bom proposito, estorvando-me que não fosse com el-rei, que me fôra grande honra, da qual cousa em todos meus dias nunca perderei magua.

—Se eu cuidára, respondeu o padre, que este feito tão ligeiramente se havia de acabar, não fizera tama-

nha detença em te aviar teus feitos como fiz, cá bem sabes a tenção que tinha acerca d'ello, e esto era encaminhar-te algum regimento pera ires como te pertencia, mas parece que Deus quiz acabar o feito por outra guisa, pelo qual me parece que nunca ouvi falar que cidade nem villa fosse tão em breve filhada, cá muitas vezes já me aconteceu mandar tingir uma meada aquella cidade e não foi tão azinha coberta de tinta, como agora foi tomada d'el-rei.

—Certamente, disse elle, este é tamanho feito que é duvida de se crêr assim logo pelo presente, até que a fama d'elle não seja mais declarada.

O escudeiro foi muito bem agazalhado, e assim aquelles que com elle foram, e des-ahi partiu Martim Fernandes com elle por alviçaras segundo seu estado requeria.

Aqui haveis de tornar que além da boa vontade que aquelle fidalgo tinha a el-rei, havia mui grande razão, assim elle como todos os moradores da Tarifa, de se alegrarem d'aquelle feito, especialmente por lhe ser tirada de ante os olhos tamanha vergonha como tinham em terem aquelles mouros, cá depois até agora elles e seus successores sempre fizeram e fazem mui grandes proveitos pera si em aquella cidade, vendendo ahi seus fructos e mercadorias, com grande vantagem de grandes ganhos.

CAPITULO XC

Como mandou el-rei João Escudeiro a casa d'el-rei D. Fernando de Aragão, e depois a Alvaro Gonçalves de Amaya, e das cousas que lhe enviou dizer.

OUTROSIM mandou el-rei João Escudeiro, um bom homem de sua casa, com seu recado a el-rei de Aragão.

— Direis, disse el-rei, a el-rei D. Fernando como trouxe minha frota de Portugal sobre esta cidade, e os contrarios que houve, assim por azo das cerrações como das correntes que me levaram os navios, e como no fim determinei, sem embargo de todo, pôr-me sobre a cidade, ainda que de muitos fosse aconselhado do contrario, e contar-lhe-heis a ordem que tivemos em trazer a nossa frota, e como meus filhos sahiram na Almina e pela guisa que a cidade foi entrada, da qual por graça de Deus são em posse, cujo aquecimento escrevo a elle primeiramente que a outro algum principe, pela grande e boa vontade que lhe tenho, e desahi pelo desejo que lhe sinto pera guerrear aos infieis, e logo a cabo de poucos dias enviou a elle Alvaro Gonçalves de Amaya, que era seu vedor da fazenda na cidade do Porto, com outra embaixada, na qual lhe fez saber que por quanto elles já contrataram por suas cartas sobre a conquista, pelo qual, lhe disse el-rei, eu trabalhei de tomar assim esta cidade, por o qual entendo que faço d'aqui grande empacho aos mouros d'aquem e d'alem, cá por seu azo se podem agora

mover quaesquer cousas que quizerem fazer em cada uma d'estas partes acerca da destruição dos mouros, cá os que houverem de vir guerrear estas partes de Africa tem já logar onde venha desembarcar sua frota, e boa fortaleza d'onde possam correr a terra, e pera os que quizerem guerrear o reino de Grada aproveitará muito, porque em esta cidade poderão sempre estar navios que guardem todo o estreito, de guisa que não possam passar nenhuns mouros pera ajudar aos outros, porém, que eu lhe rogo que elle me faça saber a vontade que tem acerca d'este feito, porque eu possa aviar e correger os meus pera proseguir minha intenção.

Muito prouve a el-rei D. Fernando com semelhantes novas, e assim disse que dava muitas graças a Deus por dar tão bom acerto a el-rei D. João, seu amigo, mas porém que era já assim aficado d'uma enfermidade que tinha, que duvidava muito viver tanto pera poder vêr tamanho prazer, podendo cometer semelhante feito, empero que elle se faria levar em umas andas ao extremo de Portugal, onde lhe rogava que elle quizesse chegar, pera falarem ambos mais largamente acerca de todos seus feitos, e posto que elle morresse em aquella viagem, o que elle entendia que se lhe não escusava, segundo o grande padecimento que tinha, que haveria por mui bem despeza sua vida em semelhante trabalho, e por esta guisa se partiu Alvaro Gonçalves de Valença do Cide, onde el-rei entonce estava, mui contente do bom agasalhado que recebera, cá assim elle como João Escudeiro houveram d'elle suas joias e outras mercês mui grandes, segundo que o el-rei era, o qual tanto que Alvaro Gonçalves partiu começou sua viagem, mas em poucas jornadas fez fim de sua vida, e de tal guisa foi todo encaminhado que

primeiro houve el-rei as novas da morte d'el-rei D. Fernando, que Alvaro Gonçalves viesse a elle, e certamente que Hespanha devêra muito de sentir a morte de tal principe, cá era um homem de grandes virtudes, as quaes o encaminhavam a grandes feitos, e elle ficou e foi mui poderoso e amado de todo povo de Castella quando el-rei D. Henrique seu irmão falleceu d'este mundo, onde se elle podera nomear por rei se quizera, porque seu sobrinho a aquelle tempo era de idade de dois annos, a qual cousa elle não quiz fazer, posto que lhe muito requerido fosse, dizendo que nunca Deus quizesse que elle fizesse cousa porque seu nome recebesse algum prasma, e assim poz el-rei seu sobrinho na cadeira real e o fez receber por rei em todo seu reino, e o regeu depois com a rainha sua madre mui proveitosamente com grande contentamento de todos os do reino, e elle cercou Antequera e a filhou aos mouros, e fez muitos damnos aos mouros dos reinos de Grada, e emquanto regeu Castella cobrou o reino de Aragão, como já temos falado, e se a morte se não anticipára ao levar, não foram os seus dias despesos em outro officio senão na guerra dos infieis, cuja intenção é de crêr que seria grande parte de seu merecimento no outro mundo, cá a boa vontade onde o poder não abasta, em muitos logares é recebida por obra.

Quatro corôas reaes ficaram na Hespanha, que sahiram da sua primeira geração, e um mestre de Santiago, senhor das terras do infantado, com muitas e boas fortalezas em Castella, e outro filho, duque de Gandia, com outros muitos logares em Castella e em Aragão, mas porque os feitos d'aquelles reinos em muitos logares são tecidos com os nossos, fallaremos nós adeante mais compridamente em todas estas cousas.

CAPITULO XCI

*Como o auctor falla na grande mortandade que se fez
aquelle dia nos mouros.*

Em todos os livros historiaes costumam os auctores de mentar assim o numero de mortos como dos captivos, mas esto não entendemos que se possa fazer geralmente em todos os logares, que os vencedores em tal tempo sempre trazem maior cuidado de apanharem o despojo dos inimigos, que contar os que jazem mortos no campo.

Bem pode ser que se possa esto fazer por os capitães dos vencidos, os quaes pelos livros dos seus alardos querem muitas vezes haver conhecimento de sua perda, ou sendo tão poucos os mortos que os possam os vencedores ligeiramente contar, cujo numero nós em este feito nunca podemos certamente saber, porque uns foram que disseram que eram mortos cinco mil, outros fallaram mais largamente e disseram dez mil, outros pozeram o conto em dois mil, e assim andaram errados em seus contos que nós não queremos determinadamente escrever neuhum d'elles, leixando este juizo a aquelles que tiverem discrissão, considerando que, onde o feito andava por tal guisa, qual seria o fim dos inimigos entre aquelles cuja peleja era por desigual comparação por duas maneiras, a primeira porquanto os christãos eram todos armados, pouco ou muito, cada um em seu estado, e a segunda a vi-

ctoria que os nossos cobraram, e a natureza consente que os corpos postos em desventura sigam mais ligeiramente os medos, que aquelles a quem a fortuna mostra contrario semblante, e quanto os victoriosos sentiam mais fraqueza nos vencidos, tanto maior danno faziam em elles, por cuja razão foi feita em aquelle dia grande mortandade, a qual jazia espargida por todas as ruas da cidade, cá posto que alguns matassem nas casas, como de feito matavam, especialmente mulheres e moços pequenos, quando foi acerca da noite cada um como os achava na pousada, posto que a casa fosse sua na vida, mui azinha os lançava fóra d'ella, não se contentando de os receberem por aquella noite em sua companhia, empero com grande alegria albergavam os mouros, uns pela esperança que tinham do ganho que haviam de haver por seu resgate, outros por serviço que esperavam d'elles, e assim que todas as ruas jaziam acompanhadas d'aquelles mortos, cada um com aquella jazeda que a sua derradeira ventura o leixara, salvo alguns cujas roupas faziam cubiça aos christãos, por a qual os tiravam d'ellas, e os principaes logares em que esta mortualha jazia, assim era n'aquellas ruas acerca do castello onde o infante D. Henrique acertára com aquelles seus, como já dissémos, e como nós outros arrepiamos nossas carnes quando, por accidente, vemos algum homem morto ante nossos olhos, e estamos esmorecendo sobre elle, maravilhando-nos do desvairo de sua continencia, e vem a nós um mordimento de piedade, posto que na sua vida lhe houvessemos odio, vós outros, diz o auctor, que andaveis alli, porque vos não fartaveis de olhar a similhança d'aquelles que por força de vossos golpes perdiam as vidas? os quaes jazendo em terra não podiam directamente ser conhecidos, e tanto eram ator-

mentados das feridas, que não davam nenhum vagar ás almas pera sair das carnes, e a taes se lhe partiam os espiritos apressados, que lhe leixavam as caras tão feias que verdadeiramente arremedavam a similhaça dos anjos infernaes, cuja fera e aspera companhia elles em breve tempo haviam de conhecer.

Nem creais que a todos geralmente a morte leixou um geito de jazedá, cá uns jaziam com os corpos tendidos e as mãos apertadas e os dentes fechados, e os outros jaziam com o focinho sobre a terra e embrulhados no seu sangue mesmo, outros com os corpos embuizados, apertando com seus punhos a roupa que traziam, outros jaziam assim espedaçados, que homem não poderia directamente julgar qual fôra a sua queda, taes havia que os golpes primeiros não eram tão féros como o trilhamento dos vivos, quando acertavam de passar por cima d'elles, pouco prestava alli os falsos promettimentos das torpes deleitações porque aquelle velhaco Propheta primeiramente induzia aquelle simples povo, cá os principes infernaes enviaram alli grandes azes de suas companhias invisiveis, que com mui grande trigança arrancavam as almas d'aquelles mesquinhos e as levavam com mui grandes alegrias pera aquelle eternal captiveiro, onde em preço da espera da luxuria, lhe apresentavam caras tristes e espantosas, nas quaes pera sempre continuadamente hão de contemplar, e assim todas as outras doçuras pagadas por triste preço, e por quanto a lua fôra nova nos primeiros graus do signo Aries, seguiam a sua claridade as primeiras horas da noite, e com isto era necessario que as gentes fossem de umas casas pera as outras visitar seus amigos e buscar suas necessidades, annojavam-se fortemente com a vista d'aquelles mortos, especialmente porque muitos d'elles jaziam tão feios que na

metade do dia traziam aborrecimento, quanto mais de noite, e sobre todo ainda se acertava que alguns d'elles não eram de todo mortos e tinham alguns membros cortados, e depois que os leixava algum tanto a dôr, provavam de se levantar com as caras cheias de sangue e de pó, com que acrescentava mui mais sua fealdade; e porém, com todos os trabalhos do infante D. Henrique não lhe esqueceu o cuidado d'aquelle feito, e enviou a seu padre um escudeiro a perguntar-lhe que era o que se faria d'aquelles mouros mortos? a qual cousa lhe el-rei muito agradeceu, e disse que, pois elle d'ello tivera tal lembrança, que lhe encomendava que tivesse cuidado de mandar aquella gente que os levasse ao mar, sobre a qual cousa houve grande referta, porque elles diziam que os mareantes antes deviam de ter tal cuidado, os outros diziam que não, empero a qualquer d'elles que pertencesse, a cidade foi livre pela guisa que el-rei tinha mandado, e assim do numero dos mortos nem dos captivos não poemos certo termo pelo que dito é, mas dos christãos sabemos certamente que morreram oito em aquelle dia, a saber: cinco á porta que Vasco Fernandes brito, e dois dentro na cidade, contando com elles Vasco Fernandes de Atayde, e mais o alferes de D. Henrique.

CAPITULO XCII

Como os mouros no outro dia olhavam os muros de Ceuta, e do que diziam em seu louvor.

COMO a noite foi trazendo o fim de sua escuridade, e o sol começou a ferir no oriental orizonte, os mouros que sahiram da cidade tomaram suas mulheres e filhos e levaram-nos pera cima da serra, onde as leixaram acompanhadas d'aquelles, que por razão de sua velhice, não podiam inteiramente mandar seus membros.

Todos os outros que eram rijos e poderosos pera pelejar, se vieram caminho da cidade com intenção de tornar á escaramuça com os christãos, pera os tirarem fóra dos muros, pensando que alli haveriam com elles melhor direito.

Mas os outros que ficavam sobre a serra assentados sobre penedos, não podiam partir seus olhos das torres da cidade, onde começavam de consirar como tão pouco tempo havia que estavam em suas casas e em tamanho repouso, abastados de grandes riquezas, e agora que se viam povoadores dos montes ermos, fazendo vida pouco menos de bestas, e des-ahi começavam a olhar o assentamento da cidade e a formosura de suas mesquitas, des-ahi a ordenança das casas com todas as outras cousas e bondades de sua terra, e por ventura havia ahi tal que nunca com tamanha semente a esguardára, e via os seus muros

cheios de gentes estranhas, e com estes pensamentos, taes e outros semelhantes, lhe sobrevinham grandes choros, e ora culpavam os seus santos, ora Salabengala, dizendo que fôra preguiçoso e covarde em sua defesa, outras vezes culpavam seus officiaes e aquelles que primeiramente abriram suas portas para irem pelejar, ora culpavam sua má ventura, até que não achavam já outrem a quem pozessem mais culpa, e entonce começavam uns cantares de palavras muito tristes louvando as bondades de sua cidade.

«Oh! diziam elles, cidade de Ceuta, flôr de todas as outras da terra de Africa, onde acharão os teus moradores terra em que façam outra semelhante? ou como poderão elles consentir que as suas vidas senão gastem com tamanha perda? Onde acharão d'aqui em deante os mouros estranhos que vinham da Ethiopia e de Alexandria, de Berberia, de terra de Siria, que é o reino dos turcos, e os do Oriente que vivem além do rio de Eufrates e das Indias, e outras muitas terras que são além do eixo que está ante os nossos olhos, os quaes todos vinham a ti carregados de tantas e tão ricas mercadorias?

«Onde acharão elles outro lugar semelhante em que possam lançar suas ancoras, ou nós outros mesquinhos onde iremos morar que sejamos visitados de tantas e tão nobres cousas?

«Por certo já na redondeza do mundo não fica outra semelhante, cuja perda não sómente será sentida de nós que a perdemos, mas de todos aquelles que nascerem do ventre de Agar, ou que viverem sob a disciplina do nosso santo Propheta Mafamede.

«Que farão agora os moradores de Gibraltar, e assim todos os outros do reino de Grada, cá perdido é o seu acorro e o seu amparo? E nós desaventurados, que

faremos de nossos filhos e filhas que tínhamos cazadas d'aquella parte, das quaes nos partiamos um dia e n'aquelle mesmo tornavamos pera nossas casas?

«Agora já acabamos de os vêr pera todo sempre. Que joias lhe mandaremos que tragam nas suas grandes paschoas ou por onde nos virão seus recados como soham? Acabados são já, e assim choremos suas perdas como se as tivessemos postas nas sepulturas; quaes de nós acharão agora, quando se levantarem das camas, as bestas carregadas de pannos de seda que nos vinham da cidade de Damasco, ou as casas cheias de pedras preciosas dos da communidade de Veneza, ou os grandes sacos de especiaria que nos vinham dos desertos de Libia?

«E que riquezas e nobrezas poderíamos nós nomear que nós cada dia não achassemos ante as portas de nossas logeas?

«Ou qual navio poderia correr por todo o mar Mediterraneo que não mesurasse as suas vellas ante a grandeza de nossa cidade? Nós eramos conhecidos não sómente entre os mouros, mas na maior parte de toda a christandade, cá todos nos haviam mister e todos nos buscavam, não tão sómente os amigos, mas ainda os inimigos, não nos podiam escusar.

«E se te tu não contentavas, cidade de Ceuta, dos teus proprios moradores, porque não mandavas chamar outros por toda a terra d'Africa que te viessem povoar, cá assaz acharas d'elles? E se quer que tanto nos fizesses ora em galardão do que em ti fizeram nossos antecessores, porque ao menos nos ficára poder pera virmos visitar tuas sagradas mesquitas, onde são as sepulturas de nossos padres, e tiveramos licença de entrar nas nossas casas, e não fôra tanto o nosso mal quando as viramos povoada de gente da nossa lei,

mas trouxeste aqui os nossos inimigos do cabo do mundo, porque tingissem as mãos do sangue de teus cidadãos. Não tinhas tu fortaleza de muros em que nos poderamos defender, até que fomos accorridos dos outros logares de nossa comarca? Pois que mal foi este tamanho porque te tão azinha leixaste sogigar a aquelles que te nunca conheceram nem sabiam? Não foi esto por certo com mingua de tua fortaleza, cá muros e torres tens tu arredor de ti feitas por grande mestria, e o teu alcaçar não era feito de terra movediça nem de pedra ensoça, que se podera derribar do primeiro combate, mas feito de mui formosa cantaria, liado com mui forte betume de argamassa, e as torres mui bastas e direitas com todos os outros louvores que se a uma' proveitosa fortaleza requer, e o teu assentamento era assim azado pera grande cidade, qual não havia no mundo semelhante des a ponta do estreito até o porto de Jafã, que é o postrimeiro do mar Mediterraneo, e por certo (diziam elles) não podemos directamente dizer que a tua bondade te derribou. Agora é já acabada a inveja que nos nossos vizinhos havia. Mesquinhos de nós, que proveito fazemos agora sobre nossa velhice andar por terras estranhas? melhor nos seria aguardarmos nosso fim em esta terra que nos criou.

«Que resposta daremos áquelles que nos perguntarem como perdemos nossa cidade? Senão que a leixamos como vis cidadãos, porque a longa idade que gasta todas as cousas e as lembranças d'eilas, não poderá tirar deante o conhecimento dos homens a memoria de tamanho feito, a qual viverá em nosso doesto.

CAPITULO XCIII

Como os outros mouros chegaram acerca da cidade, e da escaramuça que travaram com os christãos, e como o infante D. Duarte sahio a elles.

Não tinham os outros mouros que se vieram acerca da cidade semelhante occupação, antes era todo seu desejo de tirarem os christãos o mais afastado da cidade que podessem, segundo já dissemos, e porém chegaram-se quanto poderam á cidade, onde estivessem seguros da bestaria que estava sobre os muros. As quaes novas chegaram aos infantes, cada um em sua parte, e o infante D. Henrique estava ouvindo missa n'aquella mesquita que ora é Santiago; tanto que aquelle officio foi acabado mandou que lhe trouxessem um cavallo, e cremos que poucos mais havia, pelo qual lhe era necessario que esperasse, porque d'outra maneira não lhe podera fazer nenhuma cousa, por razão das feridas que tinha nas pernas, e chegando assim á porta de Fez, onde se desceu pera ir acima da torre pera vêr o que os mouros faziam, e estando assim em cima da torre como dito é, sobrechegou o infante D. Duarte e cavalgou sobre o cavallo de seu irmão, e sahio fóra, dizendo que dissessem ao infante, D. Henrique que tivesse paciencia por aquella vez, que elle queria ir vêr a tenção d'aquelles mouros.

E tanto que assim foi fóra ajuntou-se muita gente

com elle e ordenou suas batalhas as quaes teve assim ordenadas um grande peccado. He que viu que os mouros tão totemos descer para pelear, e por entonce não se fez alli a que se contar sera, senão que um inglez criado da rainha que chamavam Inquixius Dama, querendo fazer vantagem entre os outros, deixou a ordenança e foi pelear com os mouros e foi ali morto, e porque estas são cruzes de pequena substancia, não queremos contar mais largamente suas partes.

Coita vez se reuniram aquelles mesmos mouros e outros muitos mais que vieram de fora, as quaes novas chegaram ao infante D. Duarte, e elle assim como lhe tinha bom desejo fez-se logo prestes para se ir a elles, e assim o Condestable que acertou de haver semelhante recado, e estando assim o infante e o Condestable com elle, acompanhados de muitos senhores e fidalgos com intenção de sahirem a pelear com os mouros, e em esto sobre chegou el-rei e mandou a seu filho que se tornasse logo para a cidade, cá elle não viera para andar todo dia em escaramuça com os mouros, que era coisa sem fim e com pequena vantagem de sua honra, e assim se tornaram todos por aquella vez, e em onze dias que el-rei alli esteve depois que a cidade foi tomada, cada dia os mouros alli vinham e os christãos sabiam a elles, onde trabalhavam suas escaramuças, em as quaes morriam alguns como se faz communmente onde se travam taes cousas, e por ora não queremos fazer maior detimento porque achamos que são coisas de baixo valor, cujo recontamento traz pequeno fructo, e queremos levar esta gente a Portugal, porque muitos d'elles querem ainda tornar a fazer suas vendimas e aproveitar-se de seus fructos, segundo a disposição do tempo.

CAPITULO XCIV

Como el-rei mandou chamar o seu capelão mór, e das razões que lhe disse.

A SEXTA feira seguinte, que eram vinte e tres dias do mez, mandou el-rei chamar o mestre Frei João Xira e Affonso Eannes, seu capelão mór, e disse-lhes:

—Domingo, prezendo a Deus, entendo de ir ouvir missa solemne e pregação á mesquita maior, porém te-reis cuidado de ajuntar todos os capelães de meus filhos e quaesquer outros clérigos que venham na minha frota, e assim mandareis fazer prestes todos os corregimentos pera a capela que mister forem pera similhante auto.

E logo no outro dia o capelão mór foi vêr aquella mesquita, e achou que lhe cumpria de ser limpa, cá posto que ella fosse mui bem ladrilhada, acerca do chão jazia em ella mui grande multidão de esterco, e esto era por razão das muitas esteiras velhas e podres que em ella jaziam, porquanto os mouros quando fazem sua oração muitas vezes jazem em terra, e outras vezes estão descalços e lançam assim aquellas esteiras por razão da frialdade, e segundo parece depois que a primeira esteira que alli lançaram apodreceu não a quizeram tirar, mas lançaram outra sobre ella, e assim fizeram sempre até aquelle tempo, de guisa que as esteiras de cima estavam sãs, e todas as outras se moe-

com elle e ordenou suas batalhas, as quaes teve assim ordenadas um grande pedaço, até que viu que os mouros não queriam descer pera pelejar, e por entonce não se fez alli al que de contar seja, senão que um inglez criado da rainha, que chamavam Iniquixius Dama, querendo fazer vantagem entre os outros, leixou a ordenança e foi pelejar com os mouros e foi ali morto, e porque estas são cousas de pequena substancia, não queremos contar mais largamente suas partes.

Outra vez se ajuntaram aquelles mesmos mouros e outros muitos mais que vieram de fóra, as quaes novas chegaram ao infante D. Duarte, e elle assim como lhe tinha bom desejo fez-se logo prestes pera se ir a elles, e assim o Condestable que acertou de haver semelhante recado, e estando assim o infante e o Condestable com elle, acompanhados de muitos senhores e fidalgos com intenção de sahirem a pelejar com os mouros, e em esto sobre chegou el-rei e mandou a seu filho que se tornasse logo pera a cidade, cá elle não viera pera andar todo dia em escaramuça com os mouros, que era cousa sem fim e com pequena vantagem de sua honra, e assim se tornaram todos por aquella vez, e em onze dias que el-rei alli esteve depois que a cidade foi tomada, cada dia os mouros alli vinham e os christãos sahiam a elles, onde travavam suas escaramuças, em as quaes morriam alguns como se faz commummente onde se travam taes cousas, e por ora não queremos fazer maior detimento porque achamos que são coisas de baixo valor, cujo recontamento traz pequeno fructo, e queremos levar esta gente a Portugal, porque muitos d'elles querem ainda tornar a fazer suas vendimas e aproveitar-se de seus fructos, segundo a disposição do tempo.

CAPITULO XCIV

Como el-rei mandou chamar o seu capelão mór, e das razões que lhe disse.

A SEXTA feira seguinte, que eram vinte e tres dias do mez, mandou el-rei chamar o mestre Frei João Xira e Affonso Eannes, seu capelão mór, e disse-lhes:

—Domingo, prezendo a Deus, entendo de ir ouvir missa solemne e pregação á mesquita maior, porém tereis cuidado de ajuntar todos os capelães de meus filhos e quaesquer outros clérigos que venham na minha frota, e assim mandareis fazer prestes todos os corregimentos pera a capela que mister forem pera similhante auto.

E logo no outro dia o capelão mór foi vêr aquella mesquita, e achou que lhe cumpria de ser limpa, cá posto que ella fosse mui bem ladrilhada, acerca do chão jazia em ella mui grande multidão de esterco, e esto era por razão das muitas esteiras velhas e podres que em ella jaziam, porquanto os mouros quando fazem sua oração muitas vezes jazem em terra, e outras vezes estão descalços e lançam assim aquellas esteiras por razão da frialdade, e segundo parece depois que a primeira esteira que alli lançaram apodreceu não a quizeram tirar, mas lançaram outra sobre ella, e assim fizeram sempre até aquelle tempo, de guisa que as esteiras de cima estavam sãs, e todas as outras se moe-

ram de tal guisa, que eram tornadas em esterco, por cuja razão em aquelle sabbado foram juntadas muitas enxadas e cestos com que lançaram toda aquella esterqueira fóra, e alimparam muito bem toda a casa, e trouxeram isso mesmo uma taboa larga pera o altar com seus pés, e por similhante todos os outros corre-gimentos que pertenciam pera aquelle officio do dia seguinte.

No outro dia muito cedo foram alli juntos n'aquella casa todos os clerigos que vinham em aquella companhia, os quaes todos juntos faziam um formoso collegio, e foi assim que em aquelle tempo não se acertou alli nenhum bispo, porque n'aquelle tempo que se a armada fez, uns morreram, outros estavam em seus estudos, outros eram em côrte de Roma, e assim por acerto se não achou alli nenhum.

Empero sua presença não foi alli muito necessaria, cá assaz haviaahi de clerigos bem sufficientes pera acabarem aquelle officio, e porém, tomaram logo muitos d'aquelles clerigos suas capas mui ricas de que havia assaz, e o Preste isso mesmo com seu diacono e subdiacono, tendo prestes sua caldeira com agua e sal, pera fazerem seu officio.

Em esto chegou el-rei e seus filhos com elle, e assim o Condestable e o mestre de Christus, e o priol do Espiritual com todos os outros barões e ricos homens e grandes senhores que alli eram, os quaes todos eram vestidos mui ricamente por honra de tamanha festa, e entonce começou aquelle sacerdote primeiramente fazer suas esconjurações sobre o sal, dizendo sobre elle uma oração que se reza na santa madre igreja, cujas palavras dizem assim :

«Piedosamente te rogamos Todo Poderoso Deus, que por tua infinda clemencia queiras benzer e santificar

esta creatura d'este sal, a qual te prouve por tua santa mercê dar por bem e saude da humanal geração.»

Por similhante guisa foi feita na agua que estava em uma caldeira de prata, e os sacerdotes cantaram em mentes uma antifona que diz:

«Fundada é a casa do Senhor sobre todas as altezas dos montes, á qual virão todas as gentes, e dirão :

«Gloria seja dada a ti, Senhor».

E o Preste disse a seguinte oração:

«Todo Poderoso Deus que em todo o lugar é o teu poderio, e obras segundo te praz, inclina tua vontade ás nossas supplicações porque esta casa que ora novamente é fundada no teu nome, seja por ti guardada por tal que a maldade de nenhum poderio a possa contrariar, mas o Espirito Santo obrador faça sempre em ella obrar teu puro serviço e devota liberdade.»

E assim disse outras orações, e ajuntou o sal com a agua, e isto assim acabado tomaram as cortinas e as começaram d'armar, e des ahi concertaram o altar em seu lugar, que era uma formosa cousa de vêr a repar-tição d'aquellas cousas como andavam tão ordenadamente por todos aquelles clérigos, cá um trazia a sarja, outro o cordel, outros os prégos pera armarem, e assim todas as outras cousas ordenadamente até que o altar de todo foi assentado, sobre o qual foi feito o signal da cruz com agua benta, dizendo:

«Paz seja contigo».

E depois foram assim espargendo sua agua por as paredes da egreja, começando nas partes do Oriente, assim cercando toda aquella casa de arredor, e entre tanto os outros clérigos cantavam:

«Esta é a casa do Senhor Deus, a qual é bem fundada sobre firme pedra, levante-se o Senhor e destrua os seus inimigos por tal que fujam todos aquelles que

abórrecem a sua face, dizendo ainda, a minha casa se chamará casa de oração, recontarei o teu nome aos meus irmãos, no meio da tua egreja te louvarei.»

E assim foram dizendo suas orações e antifonas até que chegaram ao fim da sua benção, e cobriram o altar com lenços mui delgados e alvos, sobre os quaes pizeram a Ara sagrada com seus corporaes, e assim pizeram n'aquelle altar um mui rico frontal, acendendo por toda a casa muitos cirios e tochas.

Oh! quanto me parece que seria em aquelle dia levantado o coração d'el-rei pera dar muitas graças a Deus, vendo seu estado real posto em semelhante officio com tanto louvor e honra do santo nome de Jesus Christo, e acrescentamento de sua real corôa, nem aos outros não era pequena folgança vêr semelhante feito, cá leixando a honra em que todos tinham tanta parte, folgavam de vêr a ordenança d'aquelles estados com toda a nobreza das outras cousaa que se alli faziam, e esto assim acabado começaram todos os clerigos em alta voz:

«Te-Deum laudamus», mui bem contra-pontado, em fim do qual fizeram todas as trombetas uma soada, e vêde quejanda seria, pois passavam de dozentas.

CAPITULO XCV

Como o mestre frei João Xira prégou e os infantes foram feitos cavalleiros.

BEM mostrou Nosso Senhor Deus que queria ser servido em aquella casa que com tanta honra se corregia no seu nome, e esto é porque em todas as egrejas por ordenança apostolica devem ser postos sinos com que chamem o povo de Deus pera sua santa casa.

E estando assim em aquelle corregimento lembrou ao infante D. Henrique como em outro tempo os mouros levaram de Lagos dois sinos pera aquella cidade, e mandou logo que soubessem com muita diligencia d'elles e que os trouxessem logo alli.

Os quaes prouve a Deus que foram achados e corregidos por tal guisa, que logo em aquella missa serviram de seu officio.

O mestre prégou alli uma pregação com muitas auctoridades da Santa Escripura, aprovando o grande serviço que Nosso Senhor Deus recebera em aquelle feito, dizendo que todos poderiam directamente dizer o seu thema s. que em Ceuta era toda a gloria e honra.

SERMÃO DO PADRE FREI JOÃO XIRA
DA ORDEM DE S. FRANCISCO

«Gloria (disse elle) se toma por muitas guisas por-

que cada um cobrando aquella cousa em cuja bem-aventurança tem posta sua fim e propriamente lhe parece que tem a perfeição da gloria, empero falando directamente, em duas cousas sómente está a perfeição da gloria, s. na bemaventurança que pertence á alma, a qual sobre todas as outras cousas é a perfeição.

A segunda gloria é a honra d'este mundo, quando aos hemens percalçam cobrando-a por uzança d'algunha virtude a victoria d'algunha cousa tratada ou cometida afim d'algum bem, e pera ser aquella que deve, sempre o seu respeito deve de conseguir o serviço de Deus, sem o qual não devemos contar nenhuma cousa por boa, cá os philosophos antigos, pero que gentios fossem, departindo a gloria em muitas maneiras, disseram que uma das cousas porque o homem n'este mundo recebe maior gloria assim era por se maravilharem os outros de suas virtudes e bondades, havendo-o por digno de grande honra, e ainda o auctor do Regimento dos Principes, na primeira parte do seu primeiro livro, departindo a bemaventurança em muitas maneiras, finalmente concluiu que todos os principes e grandes senhores na bemaventurança da alma devem poer todo seu fim, da qual directamente nasce honra que aos homens é dada n'este mundo, porque a honra não se dá senão por razão da virtude.

«Ora vêde se é assaz de gloria a el-rei nosso senhor e a todos vós outros seus criados e naturaes, verdes hoje por força de vossos trabalhos edificar uma casa a honra e louvor de Nosso Senhor Deus, cá posto que lhe vós não fizesseis as paredes de novo, muito mór merecimento é a vós tirarde-la de poder dos infieis, e d'onde primeiramente estava sugeita aos maus e bominaveis sacrificios, por exemplo d'aquelle Senhor

que as mesas dos cambadores derribou e aos que vendiam as pombas lançou com seus azorragues fóra do seu santo templo, mostrando a nós que devemos com toda nossa força trabalhar por as suas santas casas não serem corrompidas por nenhum mau sacrificio, e não tão sómente aquellas que foram de nossa lei, mas todas as outras em que os infieis fazem seus sacrificios devemos quebrantar ou tornar em mosteiros e egrejas se o bem podessemos fazer, e em esto mostrariamos signal de verdadeiros servos de Christo.

«E porque a Moysés, que foi um homem que elle muito amou, mandou primeiramente na lei velha que fizesse tabernaculo, que era como uma tenda em que faziam os filhos de Ísrael oração e sacrificio a Deus.

«E depois el-rei Salomão, á similhança d'este fez o templo de Jerusalem, que foi outrosim a primeira casa de oração que os judeus houveram, e d'alli em diante uzaram elles de fazer casas em que orassem e fizessem seus sacrificios, que são chamadas Sinagogas.

«Outrosim os christãos fizeram na nova lei egrejas á similhança de templo, em que fizessem limpamente o sacrificio verdadeiro de Nosso Senhor Jesus Christo, e rogassem e orassem a Deus, e lhe pedissem mercê e perdão de seus peccados.

«E pois vós tendes feito o verdadeiro templo, e verdadeira casa a Nosso Senhor, na qual cousa o servistes em duas guisas, a primeira em quanto lançastes d'esta cidade os maus infieis e os tirastes de posse dos seus templos, que são as suas mesquitas, e a segunda em quanto tornastes aquellas mesquitas em templos verdadeiros, que são as egrejas de Nosso Senhor.

«E ainda contemplando acerca d'este acho que des o fundamento d'esta cidade teve Nosso Senhor Deus

ordenado de ser aqui posta a cabeça da egreja de toda a terra d'Africa, porque por duas guisas se contem em nome d'esta cidade a verdadeira essencia de Nosso Senhor Deus, a primeira porquanto o seu nome tem em si tres sylabas que representam como Nosso Senhor Deus em pessoal ternario é sua essencia em toda escripta, cujo centro, segundo diz Hermes é em todo lugar, a circumferencia não é em algum, e porém são tres ternarios em geral universidade do mundo compridos de todo em circulação.

«O profundo philosophal theologo, grande Alberto, sobre o primeiro capitulo da Celestial Hierarchia põe tres graus de entendimento porque se ha-de conhecer Deus.

«A segunda maneira é porque em nome d'esta cidade se contem cinco letras que representam as cinco chagas porque Nosso Senhor Jesus Christo reuniu o genero humano, e assim que não é Ceuta pequena gloria, pois o seu nome traz taes significações.

«Cobrastes ainda a segunda maneira de gloria, que é a honra d'este mundo, cuja perfeição está n'aquelle Decorum, a que os gregos disseram Prepain, que quer dizer em nossa linguagem formosura das obras.

«Em verdade assaz de formosa obra é, cujo nome em todo o tempo será grande, filhar assim uma tamanha cidade em tão breve espaço e tão longe de vossa terra, e fica pera os letreiros de vossas sepulturas uma tal palavra, qual muitos pela ventura desejaram, e os authores das historias não poderão calar a grandeza de tamanho feito, cá certamente não será a vós pequena gloria quando pensardes que depois de vossos dias, o vosso nome e fama de vossos feitos entre todas as presenças dos vivos, e não tão sómente entre os homens de nossa geração mas por todas as partes

do mundo voará vossa fama, cá assim como a vós trouxeram os feitos que se fizeram em Italia e em Lombardia e em outras partes, nas quaes vêdes os nomes d'aquelles que nunca vistes nem conhecestes, e louvaes os seus bons feitos pela escriptura que vistes e ledes d'elles, o que deveis de crêr que não menos farão de vós pelo merecimento de vossas obras.

«E assim concluo que Ceuta é a perfeita gloria e honra.»

E por esta guisa fez o mestre fim de sua prégação.

Não seja porém algum de tão simples conhecimento que presuma que este é o teor proprio d'aquelle sermão, cá bem é de conhecer que não ha nenhum homem por entendido que fosse, que pudesse tomar todas as palavras d'uma prégação, quanto mais sendo tanto tempo passado como já dissemos, sómente apanhemos assim algumas cousas que podemos percalçar, pera acompanharmos nossa historia.

Depois que a missa foi acabada, os infantes se foram pera suas pousadas armar, e depois vieram todos juntamente á egreja, a qual cousa era muito formosa de vêr, cá elles haviam todos grandes corpos e bem feitos, e vinham armados em seus arnezes mui limpos e guarnidos, e com as espadas da benção cintas, e suas cotas d'armas, e ante elles iam muitas trombetas e charamelas, de guisa que não sei homem que os pudesse vêr que não tomasse mui grande prazer, e muito mais aquelle que com elles havia maior divido, que era el-rei seu padre.

E tanto que chegaram ante elle, o infante D. Duarte se poz primeiramente em gíolhos e tirou a espada da bainha e beijou-a, e meteu-a na mão a seu padre, e fel-o com ella cavalleiro, e por similhante guisa fizeram seus irmãos, e esto assim acabado beijaram-lhe a

mão, e apartando-se cada um pera sua parte pera fazer os de sua quadrilha cavalleiros.

Muito me peza porque não poude saber os nomes d'aquelles que alli receberam ordem de cavallaria, empero direi alguns que aprendi; o infante D. Duarte fez cavalleiros o conde D. Pedro, D. Fernando de Menezes, D. João de Noronha, D. Henrique, seu irmão, Pero Vaz d'Almada, Nuno Martins da Silveira, Diogo Fernandes d'Almeida, Nuno Vaz de Castello Branco e assim outros alguns.

E o infante D. Pedro fez ahi cavalleiros Ayres Gomes da Silva, filho de João Gomes, Alvaro Vaz d'Almada, Ayres Gonçalves de Abreu, Martim Corrêa, João de Athayde, Martim Lopes d'Azevedo, Diogo Gonçalves de Travassos, Diogo de Seabra e Fernão Vaz de Sequeira; e o infante D. Henrique fez cavalleiros D. Fernando, senhor de Bragança, Gil Vaz da Cunha, Alvaro da Cunha, Alvaro Pereira, Alvaro Fernandes Mascarenhas, Vasco Martins de Albergaria, Diogo Gomes da Silva e assim outros muitos.

D'el-rei não falamos nada, porque fez tantos, até que com enfadamento os deixou de fazer.

CAPITULO XCVI

Como el-rei teve seu conselho ácerca da guarda da cidade.

Foi um grande falamento ácerca da guarda d'esta cidade, no qual foram desvairadas opiniões, porém tanto que estas cousas foram acabadas el-rei mandou ajuntar todos aquelles que tinha ordenado pera seu conselho, e tanto que assim foram juntos propoz el-rei ante elles estas cousas seguintes, ácerca de seu proposito:

«Bem sabeis, disse elle, todo o fundamento que tive no começo d'este feito, e crêde muito certo que eu não fui facil de trazer ao fim d'este proposito, como sabem bem meus filhos, que foram os principaes movedores d'aquesta empreza, e posto que muitas e sufficientes razões mostrassem porque o devia de fazer, eu resguardei sempre mui bem todos os contrarios que podiam empachar nossa victoria, e principalmente resguardei se seria serviço de Deus começarmos semelhante obra, e bem sabeis toda a maneira que ácerca d'ello tive.

«Consirei ainda mais se por ventura poderia manter e guardar esta cidade sob a fé e religião de Nosso Senhor Jesus Christo, porque d'outra maneira me parece que nosso trabalho não fôra justamente despeso, a qual cousa não quiz muito esquadrinhar, consirando que se vontade fosse de Nosso Senhor Deus de a tra-

zer a nossas mãos, não lhe seria difficil de dar azo e caminho porque a podessemos guardar e manter.

«Agora pela sua graça cobramos todo o fim de nosso desejo, pelo qual directamente lhe devemos dar muitas graças por tres razões:

«A primeira por nos dar victoria, a segunda por no-l'a dar em tão breve tempo e com tão pouco trabalho, a terceira porque nos guardou de tão grandes perigos que podiamos haver, se por sua graça e ajuda não fôra.

«Porém minha vontade é com a graça de Deus, de deixar esta cidade sob a obdiencia de Nosso Senhor Jesus Christo e da coroa de meu reino, pera o qual me movem quatro razões mui sufficientes, segundo meu juizo.

«A primeira porque se faça em ella o sacrificio divino em memoria e lembrança da morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, e este é o verdadeiro signal de conhecimento que lhe poderemos mostrar da grande mercê que nos acerca d'ello tem feita, cá d'outra guisa seria errado nosso primeiro fundamento, onde dissemos que nos moviamos por seu serviço, cá se agora leixassemos assim esta cidade, não sei que serviço receberia de nosso trabalho, cá os infieis tornariam logo a ella, e por doesto de sua santa fé, n'aquellas casas onde o seu sacrificio foi feito fariam outras cousas de grande vituperio e deshonra nossa.

«A segunda razão é porque ficando assim esta cidade sob nosso poder, poderá ser azo de se moverem alguns principes christãos pera virem aqui, e com seu poder e frota subjugarem alguns outros logares d'esta conquista, principalmente eu ou cada um dos reis que depois de meus dias succederem em meu senhorio, os quaes vendo ante os olhos o portal aberto, mais li-

geiramente se moverão de accrescentar em sua honra.

«A terceira rasão é porque os bons homens de meus reinos não hajam rasão de esquecer o virtuoso exercicio das armas, ou por ventura querendo obrar em ello não irão buscar os reinos alheios onde provem suas forças, tendo ante si cousa tão azada em que o possam fazer, cá bem sabeis quando me alguns pedem licença pera irem farzer armas a França ou a Inglaterra, é necessario que os correja e lhe faça mercê pera sua viagem, com menos da qual despeza os posso correger e enviar a esta cidade, onde me farão maior serviço.

«E ainda muitos de meus naturaes, que por alguns negocios são desterrados de meus reinos, muito melhor estarão aqui fazendo serviço a Deus, e cumprindo sua justiça, que se irem por terras estranhas e desnaturarem-se pera todo sempre de sua terra.

«A quarta razão é porque a memoria de tamanho feito possa durar ante os olhos dos homens, emquanto a Deus prouver de a conservarem á obediencia dos reis de Portugal, e porque alguns gentis homens que por honra e amor de Nosso Senhor Deus quererão trabalhar contra os inimigos de sua santa fé, tenham casa e logar onde o possam fazer, cá sabeis muito bem como o reino de Grada não é tão azado pera ello como é esta cidade, pelas pazes e tregoaas que se entre elles fazem a meude, e porque saibaes minha intenção, e como tenho arrezoado, o faço saber a vós, pois de vós tanto confio, pera que me aconselheis n'aquellas cousas que por ventura meu entendimento não póde alcançar.

CAPITULO XCVII

Como alguns d'aquelles do conselho responderam a el-rei.

QUISTA assim entre todos aquella intenção que el-rei tinha, todos a aprovaram por mui boa, e houve n'aquelle conselho algumas divisões como geralmente ha em todas as cousas grandes, cá bem deveis de consirar que o movimento de tamanha cousa não podia ser sem muitas duvidas, segundo vereis n'este capitulo, empero por escusarmos somma de palavras departiremos o conselho em duas partes.

A primeira foi d'aquelles a que a tenção d'el-rei de todo pareceu boa sem alguma contradição, e das rasões d'estes não havemos porque falar, pois não desacordaram do proposito. Mas os da segunda parte disseram assim:

«Por quanto, senhor, conhecemos de vossa vontade que é sempre serdes aconselhado em todas as cousas, e que vos não despraz de vos serem ditas quaesquer cousas que homem sinta contra vossa vontade, vos diremos agora o que nos parece por vosso melhor avisamento.

«E quanto é a vossa tenção assim simplesmente filhada, não ha ahi alguma rasão que a possa affastar de ser muito justa e muito boa, mas é de vêr se ha ahi outras contrarias que possam embargal-a, e nomear-vos-hemos aqui algumas pera verdes se são taes

que hajam logar pera directamente empachar vossa vontade.

«E primeiramente, senhor, deveis consirar como esta cidade é mui alongada de vossa terra e como está em meio de vossos inimigos, os quaes por vingança de sua injuria quererão trabalhar quanto poderem, e tanto que vos d'aqui sentirem affastado buscarão suas ajudas de todas as partes, as quaes de rasão lhe não serão negadas pera similhante feito, e não é duvida que se não faça mui grande ajuntamento sobre esta cidade, ao qual por ventura os que aqui leixardes não poderão resistir, e vós posto que lhe queiraes enviar soccorro, ou não sabereis sua necessidade, ou não tereis abastança de frota tão prestes com que lhe possaes acorrer, cá todo é pera consirar. E posto que lhe uma vez lhe acorraes, não podereis assim fazer outras muitas, e sendo vós tão alongado d'esta terra e os mouros á porta, será peleja mui desigual, os quaes cada dia se hão-de trabalhar quanto poderem de vingar sua deshonra.

«Consirae isso mesmo a grandeza d'esta cidade, por cuja defensão vos é necessaria muita gente e boa, e que pôde ser que vindo el-rei de Castella a perfeita idade não quererá estar pelas pazes que seus tutores tem confirmadas comvosco, por cuja rasão vos convirá haverdes mister esta gente e outra muita mais se a tivesses, pera defensão de vossos reinos.

«Consirae como a gente que aqui estiver ha mister mantimentos e dinheiros pera soldos e pera mercês, e que por pouco que aqui sirvam, sentindo a vontade que haveis na defensão d'este logar, vos requererão maiores mercês do que seu estado e serviço requerem, sobre o qual é necessario que recebaes fadiga e escandalo de vosso povo, e porque é necessario que

sejam constrangidos pera muitas cousas de sua serventia, cujo trabalho lhe não fará pequeno empacho, quanto mais se ainda fôr necessario de lhe tomar algumas cousas pera governança d'ella, o que seria azo de muitos leixarem o reino e se irem pera terras estranhas. E vêde ainda, senhor, a pequena fortaleza que ha em esta cidade, a qual posto que bem cercada seja, não é porém tanto como cumpre, cá logo a cerca d'ella seria boa e assás defensavel se a cidade fosse cheia de gente que morasse em ella, mas estando aqui com fronteiros nunca podem ser tantos que sómente a possam demear.

«E quanto é, senhor, ao que dizeis que vosso principal movimento é por serviço de Deus, querendo que se trate aqui o divinal sacrificio, assim deveis vós de ordenar similhante cousa que o bem que ahi fizerdes não seja azo de maior mal, por quanto em fazerdes egrejas em que se faça o santo sacrificio, assás d'ellas tendes em vossa terra, que são quasi todas destruidas, que seria maior merito reparal-as e corregel-as que fazer aqui outras de novo, em defensão das quaes vossos servidores e naturaes estão em tamanho perigo.

«Onde nos parece que deve ser mais sentida a perda de cada um d'elles, que não o merecimento que se recebe da edificação das egrejas que se tão justamente podem escusar, cá diz o Apostolo:

«Nós outros somos templos de Deus», por onde se parece que maior merecimento é conservar os templos espirituaes, que edificar novamente os templos materiaes.

«Outrosim, o sustentamento d'esta cidade pôde ser azo de haver mais malfeitores em vosso reino do que até aqui houve, cá o atrevimento da liberdade que

hão-de haver, os fará cometer mais ouzados crimes do que fariam, se não soubessem que a determinação da pena fosse tão certa.

«E finalmente, senhor, consirando todas estas cousas podeis esguardar as cousas que hão de vir, e se vos nossas rasões parecem sufficientes, ordenae sobre ellas vosso feito, de guisa que ao diante vos não possa trazer impedimento.

CAPITULO XCVIII

Como el-rei determinou todavia manter a cidade, e como dava o cargo d'ella a Martim Affonso de Mello.

Eu sou bem lembrado (respondeu el-rei) quantos contrarios houve no começo d'este feito, e quantas vezes fui aconselhado por alguns de vós outros que leixasse minha demanda, mostrando-me outras muitas rasões porque o devia de fazer, e eu sempre tive ante meus olhos o fundamento que tomei pera proseguir este obra, e como me lembrava que era serviço de Deus, logo me parecia que não tinha rasão pera a leixar de acabar, antes me parecia despoer a todo o trabalho e perigo pelo poer o

«E consiro agora como sobre ta...
recidos, Nosso Senhor Deus
todo natural juizo dos
que lhe prazerá trazer

viço. E certamente que quanto eu em ello mais consiro, tanto me parece que presumo que ainda esta cidade ha-de ser azo de outro muito maior bem pera mim ou pera outros alguns de minha geração, e finalmente ponho estes feitos nas mãos do Senhor Deus e de minha Senhora a Virgem Maria sua madre, sob cuja esperança determino de guardar e manter esta cidade a sua honra e louvor».

Acabadas assim estas rasões, logo alli n'aquelle mesmo conselho el-rei disse a Martim Affonso de Mello, por fazer logo começo de sua tenção, que se fizesse prestes pera ficar por fronteiro em aquella cidade.

«Martim Affonso, (disse el-rei) assim pelos muitos serviços que vós e vosso padre e os de vossa geração tem feito a mim e aos reis d'onde eu venho, como por sentir que o sabereis mui bem fazer, a mim praz de vos entregar esta cidade, na qual sinto que fareis serviço a Deus e a mim, e acrescentareis em vossa honra e a de vossa geração, e eu vos leixarei dos fidalgos de minha casa e de meus filhos, e assim dos outros meus naturaes, com que vós sejaes bem ajudado em vosso trabalho, e isso mesmo vos leixarei artilharias e corregimento pera vossa defensão, quanto mister fôr, e logo pelo presente vos ficarão bitualhas e mantimentos pera vossa governança, e tanto que a Deus prazendo eu fôr em Portugal, eu terei o cuidado de vós que é rasão».

Martim Affonso assim pelo presente foi beijar a mão a el-rei, dizendo que lh'o tinha muito em mercê, empero que haveria sobre ello seu conselho, mas qualquer que o conselho fosse, diz o auctor, a sua determinação foi muito prasmada da maior parte dos bons que alli eram, porque Martim Affonso

selhado de dois homens que não consiraram bem a grandeza d'aquelle feito nem esquadrinharam directamente a honra de Martim Affonso, aconselhando-o que não acceitasse tal carrego, dos quaes foi um escudeiro de Veiros que chamavam João Gomes Arnalho, e o outro João Zuzarte.

CAPITULO XCIX

Como o conde D. Pedro requereu aquella capitania e fronteira a el-rei, e quaes foram os que alli ficaram.

DESPROUGUE muito a el-rei quando Martim Affonso alegou suas escusas, refusingo aquella ficada; cá certamente não lhe fazia el-rei semelhante movimento senão pelo grande amor que lhe havia, e pelo conhecer por mui bom cavalleiro e bem pertencente pera semelhante encargo, cá além do seu grande esforço e ardidez, compoz um livro por seu engenho e saber que se chamava da Guerra, no qual contem muitas e boas ensinanças e avizamentos pera todos aquelles que tiverem fortaleza ou algum logar cercado em frontarias de inimigos, mas muitas vezes

os maus

«lheiros privam os bons homens de seu
e razão disse o Sabedor:

«eio guardará a tua alma».

ntiu que «principal movimento
ram aquelles que o assim aconsel-
fer mover em proprio interesse

mais que outra nenhuma justa necessidade, sentindo que se elle alli ficasse que era necessario ficarem elles, portanto mandou el-rei que entre os outros que alli houvessem de ficar, fossem elles; ficando assim este feito pera el-rei eleger em sua vontade outro que alli houvesse de ficar com aquelle encargo.

O conde D. Pedro de Menezes soube d'ello parte, e foi-se muito trigosamente ao mestre de Christus, rogando-lhe muito que o quizesse ajudar em aquelle feito, cá sua vontade era ficar alli se lhe el-rei fizesse mercê d'aquelle encargo, a qual cousa o mestre fez com mui bom desejo, sentindo a disposição do conde, e isso mesmo por ser homem que lhe mostrava bom desejo, e assim foi lago acerca d'ello falar ao infante D. Duarte, pedindo-lhe que requeresse a el-rei seu padre aquella cousa pera o conde, de que muito prouve ao infante, e assim foi logo todo encaminhado por a guisa que o conde requeria, do que elle foi muito ledo, e foi por ello beijar a mão a el-rei e ao infante.

Ruy de Sousa, que depois foi alcaide do castello de Marvão, pae de Gonçalo Rodrigues de Sousa, foi o primeiro fidalgo que requereu a el-rei que o leixasse em aquella cidade, dizendo como tinha quarenta homens bem armados e com boas vontades pera ficarem com elle em seu serviço.

Ora vêde se em tal tempo era pera outhorgar semelhante requerimento.

El-rei foi muito ledo com tal petição, e assim disse que lh'o agradecia muito, e que prazeria a Deus que o acrescentaria ao deante por ello, e lhe faria muitas mercês.

Entonce disse aos infantes que escolhessem de suas casas certos fidalgos e escudeiros que ficassem alli, os quaes foram estes que se ao deante seguem s. Lr

Vaz de Castello Branco, alcaide de Moura, que era monteiro-mór d'el-rei, ficou alli por coudel de todos os seus, e os do infante D. Duarte ficaram sob governança do conde D. Pedro, capitão.

E os do infante D. Pedro ficaram a Gonçalo Nunes Barreto, e os do infante D. Henrique a João Pereira, que depois foi mui bom cavalleiro, em aquella cidade e em outras muitas foram elle e outros bons homens antes d'aqueste feito, os quaes andando nas guerras de França e de Inglaterra, ouvindo novas da armada que el-rei fazia, leixaram toda a doçura de França e d'aquellas terras, por vir a serviço d'el-rei, os quaes eram o dito João Pereira e Diogo Lopes de Sousa e Pedro Gonçalves, a que diziam Madafaia, e Alvaro Mendes Cerveira. E além d'estes ficaram n'aquella cidade Ruy Gomes da Silva, Pedro Lopes de Azevedo e os já ditos Pedro Gonçalves e Alvaro Mendes, e Luiz Vaz da Cunha e Luiz Alvares da Cunha, e Fernão Furtado, e o cavalleiro de Santa Catharina, e Alvaro Annes de Cernache, e Diogo de Seabra e Mem de Seabra e Gil Lourenço d'Elvas, e Diogo Alvares Barbas e Gomes Dias, e Pedro Vaz Pinto e João Ferreira, e com estes ficaram por toda a gente dois mil e setecentos homens em Ceuta, e Mice Itão que ficou alli com duas galés pera guardar o estreito, e mandou el-rei que lhe ficassem muitas bitualhas de armaria, assim armas do corpo como béstas e almagem.

Outrosim entre as cousas que foram achadas em Ceuta, que de contar sejam, foram quatro galés e uma galé real, e muitos viratões, béstas e escudos, e uma bombardas e muita polvora, cebo, cera e pez, dardos, ancoras, cabres, treu, mastros, vergas, artimões, governaíhos e todo isto em grande abastança, as quaes cousas foram achadas nas tercenas.

E estas cousas assim postas em fim, ante que el-rei partisse mandou ao infante D. Henrique que fosse meter de posse do castello ao conde D. Pedro.

— E a menagem, senhor, (disse o infante) recebel-a hei eu d'elle, ou a virá fazer a vós?

— Não quero outra menagem, respondeu el-rei, senão o conhecimento que tenho de sua bondade, pela qual d'elle confio que a guardará como é razão.

E assim foi o infante tirar João Vaz d'Almada do castello, e entregal-o ao conde, dizendo-lhe aquellas mesmas palavras que lhe el-rei dissera acerca da menagem, a qual cousa o conde disse que tinha muito em mercê a el-rei e ao infante, e entonce filhou o infante as chaves em a mão, e lh'as entregou e o deixou assim em posse.

E como quer que João Vaz havia tantos dias que alli estava, e cada dia enviasse d'aquellas cousas que alli achou aos navios, e ainda áquelle tempo que deixou o castello ahi ficaram muitos que com o que depois houveram foram assaz contentes, empero não como os primeiros que estiveram com João Vaz.

CAPITULO C

Cómo el-rei partiu de Ceuta e chegou ao Algarve, e como fez em Tavira seus filhos duques.

Já agora a gente de nossa frota anda corregendo os aparelhos pera fazer sua viagem, empero entre elles havia duas tenções mui desiguaes, fallando sómente d'aquellas pessoas de baixo estado, porque os fidalgos e outros bons homens haviam grande folgança de ficarem em aquella cidade, esperando que pelo bem que em ella fizessem acrescentariam muito mais em suas honras.

Mas os do povo tinham as tenções mui contrarias de aquestas, cá não podiam presumir que depois que el-rei partisse algum havia de ficar vivo.

E quanto aos outros que haviam de vir pera Portugal, traziam de ledice tanto quanto cuidavam que os que ficavam tinham de tristeza, e uns buscavam roga-dores que os escusassem d'aquelle trabalho, e outros buscavam novas maneiras de ronçaria fingindo enfermidade que conhecidamente nunca tiveram, outros prometiam além de sua fazenda o que não tinham, por não haverem razão de ficar, empero estas cousas não lhe aproveitavam muito, porquanto aquelles que eram determinados ficarem, se a necessidade não era manifesta, por seus fingimentos não se deixava de executar toda a primeira ordenança.

Dois dias eram do mez de Setembro e uma segunda

da feira, quando a frota de todo foi prestes pera partir, e todos aquelles fidalgos e escudeiros foram beijar a mão a el-rei, o qual lhe fez mui grande agasalhado, dizendo primeiramente ao conde.

— Pois que a Deus prouve de vos encaminhar pera requerer similhante cousa, com mui boa vontade que tendes pera me fazerdes serviço, pelo que eu sou teudo de vos acrescentar e fazer honra e mercê, vos encomendo que tenhaes sempre ante os olhos o encargo que filhastes, e que não menos coração tenhaes pera o guardar e defender do que tivestes pera o requerer, e ainda muito maior consirando bem que na guarda d'esta cidade se contem vossa honra e vida, e vos encomendo que agasalheis mui bem estes fidalgos que aqui leixo pera vos ajudarem a defender e guardar esta cidade, e isso mesmo vos encomendo toda a outra gente que aqui fica, que os trateis docemente e com todo favor que arrezoadamente poderdes, e a uns e a outros encomendo que vos obedeçam como a capitão e a verdadeiro fronteiro.

E ditas estas palavras lhe beijaram todos a mão e se despediram d'elle.

Aos fidalgos disse el-rei que lhes encomendava que não fizesse mingua sua presença ante os seus olhos, mas que sempre trabalhassem por sua honra, segundo a linhagem de que vinham o requeria, e a confiança que n'elles havia.

Ao que todos responderam que elles fariam por tal guisa que antes elle ouvisse novas de sua morte, que de nenhuma outra sua falta.

Os navios que haviam de partir eram já todos prestes, e uns tinham as vergas altas e sómente estavam sobre uma ancora, e outros andavam já á vella, e tanto que el-rei foi dentro na galé, mandou fazer

signal com suas trombetas porque todos os outros navios desfraldassem suas vellas, seguindo sua viagem, na qual cousa foi posta pouca detença, e assim começaram todos de encaminhar com mui grande prazer caminho do Algarve, fazendo desvairados sons em seus instrumentos, como aquelles que a doçura da victoria e a esperança que traziam de vêr sua terra e seus amigos e parentes, fazia seus corações mui alegres.

Mas os outros que ficavam estiveram todo aquelle dia sobre os muros, olhando a frota com mui grande saudade, cá taes ahi havia que não choravam menos que se tivessem certa esperança de nunca mais verem sua terra nem seus amigos e naturaes, e em verdade falando directamente, não era sem rasão de haverem entre si mui grande saudade, cá o lugar e o tempo e a presença do feito trazia grande azo pera ello, cá vemos quando se um homem parte de outro, ainda que o espaço seja pequeno de seu apartamento, e todo em um reino e senhorio, não pôde a vontade movida com mavioso zêlo estar, que não mostre alguma similhança de sentimento.

Ora que fariam aquelles que por similhante guisa ficavam? certamente não os devemos culpar por nenhuma mostrança que em ello fizessem, cá aquella braveza os fez depois ser muito mais ardidos contra os inimigos, segundo ao deante será mais contado.

A ordenança da frota das galés e alguns outros navios era irem directamente ao porto de Farão, porque aos outros era dada licença que se fossem a Lisboa pera lhe despacharem seu frete, e em cada um pera sua terra onde houvessem.

E foi assim que os marinheiros erraram viagem, e onde houve

ram a Castro Marim, e os outros navios quando de noite perderam a vista do pharol, seguiram sua viagem direita a Farão, e querendo ir por terra buscar el-rei, acertou-se de se acharem todos em Tavira, onde el-rei estando chamou seus filhos e disse-lhes assim:

«Todos os serviços naturalmente requerem galardão, e porque além de serdes meus filhos sinto que recebi de vós especial serviço em todo este feito, quero que por ello recebaes algum galardão, e primeiramente a meu filho infante D. Duarte, não sei que acrescentamento e que honra lhe possa fazer sobre a que Deus lhe quiz dar, a saber sendo meu primeiro filho herdeiro de meus reinos e de minha terra, elle pode filhar em minha vida tanta quanta lhe aprouver. Mas a vós outros me praz de fazer duques, a saber: a vós infante D. Pedro faço duque de Coimbra, e ao infante D. Henrique duque de Vizeu, e pela grandeza do trabalho que filhou em todos estes feitos, assim na armada que fez no Porto, como do trabalho e perigo que houve no dia que filhámos a cidade, e por todas as cousas que em ello obrou, o faço senhor de Covilhã.

E os infantes todos tres lhe beijaram a mão, tendo-lh'o muito em mercê, e entonce os fez duques com aquella solemnidade e cerimonia que se costuma, cá assaz havia ahi de nobres homens e corregimentos pera que aquella festa fosse honrada.

CAPITULO CI

Como el-rei despachou alli todos e lhe fez mercê agradecendo-lhe muito seus grandes trabalhos.

POR quanto o reino do Algarve jaz todo na costa do mar oceano, a maior parte de sua serventia é toda em navios, e ainda ha ahi poucas bestas por rasão da terra que não é muito forte pera mantimentos, por cuja rasão el-rei consirou que seria bem despachar alli toda aquella gente, por tal que podessem ir os navios até Lisboa, cá era necessario que todos alli fossem desembarcar por azo do frete que haviam de haver, no qual João Affonso de Alemquer fez um especial serviço a el-rei, entre outros muitos que lhe tinha feitos, e foi assim que consirando elle as mui grandes despezas que el-rei tinha feitas, e como lhe era necessario ainda despender no frete de todos aquelles navios, tanto que foi na cidade de Lisboa mandou comprar pera el-rei todo o sal que havia por toda aquella terra, o qual houve assaz de bem barato por rasão da imposição, e quando lhe os mestres dos navios requeriam frete, fazia-lhes pergunta se lhes prazeria de haverem o sal em preço de sua paga?

Os quaes todos juntamente foram contentes consirando como lhes seria melhor levarem seus navios carregados de alguma mercadoria, que levarem o c' nheiro, que ligeiramente poderiam gastar, e assim f

ram todos mui bem pagos com pouco custo d'el-rei. E estando assim el-rei em Tavira, como dito é, fez ajuntar todos aquelles principaes, e disse-lhes:

— Por quanto minha voptade é de vos despachar, por vos arredar do custo e do trabalho, cada um de vós outros pode avisar os que vem em sua companhia que me venham requerer quaesquer mercês ou cousas que a suas honras ou liberdades pertençam, e como quer que já eu por muitas vezes tivesse experimentado vossa boa vontade, em todas as cousas pera que vos requeri, em este presente trabalho senti muito as boas vontades de todos, as quaes fizeram muito mais esforçar a minha pera vos sempre buscar toda a honra e acrescentamento que em minha posse fôr, e sobre todo dou muitas graças a Nosso Senhor Deus por me fazer reinar sobre gente que me tão verdadeira e lealmente tem servido, pelo qual lhe peço por sua santa mercê que me dê sempre azo e poder pera que vos possa governar e reger em todo direito e justiça, e aos bons honrar e acrescentar segundo é razão.

Todos foram muito contentes d'aquellas palavras d'el-rei, dizendo que lh'o tinham muito em mercê, e assim começaram logo alguns a fazer suas petições pera requerer suas cousas segundo lhes pertencia, as quaes eram mui graciosamente desembargadas, outhorgando a todos aquello que achavam que era razão e se podia fazer, e áquelles que por ventura pediam mais do razoado era dada graciosamente resposta, de guisa que a doçura de palavras lhe fazia grande contentamento; outros houve ahi que não quizeram pelo presente pedir nenhuma cousa, e se espediram espaçando seus requerimentos pera outro tempo, e por tal guisa foi todo encaminhado que todos partiram muito ledos e

contentes da presença d'el-rei, e elle outrosim das boas vontades que lhe sentia pera seu serviço.

CAPITULO CII

Como el-rei partiu do Algarve e chegou a Evora, e do recebimento que lhe foi feito.

ACABADOS assim aquelles espedimentos, começou de espalhar toda aquella gente cada uma pera sua parte, e porque os mais d'elles eram anojados do mar, quizeram antes fazer sua viagem por terra, empero esto era mui grave de fazer por razão das bestas que não havia, e assim era mui grande trabalho em as buscar e haver, cá por derradeiro não se podiam achar em tamanho numero como eram necessarias, e tanto bem fez alli a necessidade, que ensinou a muitos contentarem-se das cousas pequenas, que em outro tempo desprezavam as grandes, cá muitos d'elles se não contentavam senão andar em grossas facas e em bons cavallos, se tinham algum geito contra seu prazer, e em aquelle ensejo havia por boa dita se alcançava um pobre mu ou asno de albarda que os podesse escusar do trabalho que esperavam de sentir em aquelle caminho, se houvessem de andar a pé.

Ante que leve el-rei á cidade de Evora me parece que é bem que faça aqui menção d'alguns que morreram de peste.

E esto escrevemos aqui por...

guns homens que escreveram algumas cousas que vi-ram d'este feito, não declaravam a morte d'estes se- não que morreram em Ceuta, o que mui simplesmente se poderá entender que morreram na filhada da cidade, e porque já especialmente falamos dos outros, di-remos agora dos que morreram de peste, falando sómente nas pessoas de conta, e esto depois que a frota partiu de Lisboa até que tornou ao Algarve, e ainda no caminho depois que partiu el-rei pera Evora.

Morreu primeiramente Gonçalo Annes de Sousa, D. João de Castro, Alvaro Nogueira, Alvaro de Aguiar, Vasco Martins do Carvalho, Nuno da Cunha, Alvaro da Cunha, Alvaro Pinhel, Antão da Cunha, Pedro Tavares e D. Pedro de Menezes.

Deteve-se el-rei alli no reino do Algarve, em mentes entendeu em despachar suas gentes, e tantô que as teve despachadas, logo encaminhou pera a cidade de Evora onde estavam seus filhos e o mestre com elles, cuja ledice não era pequena ouvindo as novas d'aquelle victoria, como quer que em sua vontade muito desejara de haver quinhão d'aquelle feito.

Tanto que o mestre soube que el-rei vinha, fez pres-tes todo seu corregimento pera o receber, segundo pertencia a seu estado, e segundo o caso e a terra de onde elle vinha.

Em aquelle dia sahiram os infantes D. João e D. Fernando, e o mestre d'Aviz com elles um grande espaço, e não ficou homem de pé nem de cavallo na cidade que não sahisse fóra, tanta era a sua ledice com a vinda d'el-rei, e as mulheres alimpavam as ruas, lançando ás janelas as melhores cousas que tinham, e ajuntavam-se cada umas de suas freguezias vestidas de seus melhores vestidos, e com grandes cantares fi-

lhavam quinhão d'aquelle recebimento que todos faziam a el-rei.

E qual seria o coração que visse aquelle recebimento que todos faziam a el-rei, que podesse reter aquellas veias por onde correm as lagrimas, que não se enchessem seus olhos d'agua.

E não sómente as pessoas de comprido entendimento, mas os meninos parvos haviam entender pera se alegrarem com a vinda d'aquelle príncipe, e assim vinham todos ante elle cantando como se fosse alguma cousa celestial enviada a elles pera sua salvação.

Em todo aquelle dia não fizeram cousa alguma em toda a cidade, cá os officiaes dos officios mecanicos por bem despezo haviam o ganho d'aquelle dia por honrarem a festa do seu principe.

Todas as nobres mulheres d'aquella cidade se foram pera a infanta D. Izabel e a acompanharam até que el-rei seu padre chegou, e ella sahiu até a primeira sala assim acompanhada de todas aquellas nobres mulheres, e com grande mesura e reverencia recebeu seu padre e seus irmãos, e assim todos os outros nobres homens que com elles vinham, cada um segundo seu estado.

Des-ahi el-rei com seus filhos se foi pelo reino, como entre si por melhor ordenaram.

E por agora acerca de seu recebimento e folgança não departo mais, porque bom seria de consirar a qualquer que lèr os virtuosos feitos d'este grande principe, e os grandes trabalhos que filhou por salvação e honra de seu povo, qual seria o amor com que o elles receberiam, quanto mais trazendo annuigo tamanha victoria.

Por certo eu dissera as grandes virtudes d'el

as suas honrosas exequias com todas as outras ceremonias que pertencem á sua sepultura, onde me parece que tenho razoado logar pera falar de minha intenção o que de suas bondades verdadeiramente souber, porque toda a bemaventurança do homem no fim é de louvar, mas não é pera calar a geral folgança que todos haviam com a certidão d'aquelle feito, e muito mais quando viram as presenças d'aquelles cujas vidas tinham alguma duvida, porque além da victoria não havia ahi tal que viesse sem parte da riqueza d'aquelle cidade, e a occupação das mulheres entonce era recontar as cousas que seus maridos trouxeram, porque em ellas naturalmente mora a gloria, e deleitavam-se muito em recontar aquelle bem que houveram, e por tal guisa foi este feito encaminhado, que muitos leixaram o pão de seus agros guardado em seus celeiros, e tornaram ainda a apañhar as novidades de suas vinhas.

CAPITULO CIII

Como o auctor mostra que todas as cousas d'este mundo fallecem, senão a escriptura.

GRANDE louvor deram os philosophos antigos a Numa Pompilio, porque foi o primeiro que achou a arte da moeda, por cuja rasão ficou áquelles que falam latim, chatmar-lhe dinheiros, simplesmente dizendo *nummus*, e certo é que elle merece

por a sua boa invenção grande louvor entre os vivos, porque achou o verdadeiro meio em toda a justiça comutativa, não foi elle porém aquelle que repartiu tantas maneiras de moedas como vêdes que ha no mundo, que depois sobre aquella fórma ordenou cada um em seu senhorio a divisão d'ella, segundo lhe aprouve, sómente quanto ficou uma moeda geral porque os homens possam fazer verdadeira commutação em todas as partes, e d'esto não curamos fazer maior distincção que por chegarmos ao nosso proposito.

Ora se Numa Pompilio merece tamanho louvor por a arte da moeda, que devem merecer aquelles que primeiramente inventaram o escrever? Pois trouxeram a nosso conhecimento, não tão sómente a sabedoria das cousas terreaes, mas ainda nos fizeram que conhecêssemos e soubêssemos as cousas que são sobre a esphera da lua até o postrimeiro ceu, cá pela Santa Escriptura conhecemos aquella real ordenança das nove ordens dos anjos, e como são repartidas em tres hierarchias, e qual é o officio de cada uma, e assim descendo pera fundo até á esphera de Saturno, que de todas sete é a mais alta.

E em verdade seria formosa repartição se eu dissesse alguma cousa ácerca da divisão d'aquelles planetas, e os caminhos que trazem cada um em sua volta, salvo a novena, que é unica, e não tem Epicyclo, segundo mais cumpridamente podem saber aquelles que tem vistos os textos de Ptolomeu ou leram o Almagesto, ou aquello que escreveu Alfraganio em suas differenças, ou por outros muitos successos ácerca d'ello assaz fallaram, e de que a primeira foi primeiramente achada, e de que se trata no tratado deante em nosso prologo, e de que se trata no tratado das outras cousas do mundo.

Que cousa pode melhor ser entre os vivos que a escriptura? Pela qual seguimos directamente o verdadeiro caminho das virtudes, que é o premio de nossa bemaventurança; esta é aquella que nos mostra quaes serão os nossos galardões depois do traspassamento d'esta vida, e outras muitas cousas que propriamente pertencem á alma, das quaes não curamos muito falar em este logar, por quanto nossa intenção não é mostrar em este capitulo outra cousa senão como todas as boas obras d'este mundo se perderiam, se as escripturas não fossem. Como souberamos agora que tal foi aquelle imperio dos Assyrios? o qual entre os outros imperios assim por longura do tempo como por grandeza, foi muito acrescentado, cujo começo foi el-rei Nino, durando por muitos segres, correndo por successão de reis até o tempo de Osias, rei de Judá, e por azo da desordenança de Sardanapalo foi destruido por Arbato, capitão dos Medos.

Outrosim o reino dos Caldeos? do qual a Santa Escriptura tão a meude faz memoria, onde reinou Nabuchodonosor, porque Balthazar, seu neto, se poz em grande oufania em aquelle convite, do qual Daniel faz menção, em a seguinte noite foi encurvado por o rei dos romanos.

Como poderamos saber a desordenança d'el-rei Xerxes, quando elle com mil e oitenta mil homens de armas e cem mil navios passou em Grecia, e por uma pequena companhia dos gregos foi desbaratado sómente por sua soberbosa presunção, desprezando o proveitoso conselho de Amargaro, philosopho?

Como souberamos outrosim os virtuosos feitos d'armas que fizeram primeiramente os reis de Roma? que se começaram a reger por ordenança de ditadores e consules, onde achamos as grandes ensinaças

que recebemos pera regimento de cousa publica, nos quaes se houveram tão virtuosamente Marco Furio Camillo e Marco Regulo, Appio Claudio e Quinto Fabio e Lucio Paulo e Claudio Nero, Marco Marcello, Lucio Pinario e o grande Cypião Africano, e depois Marco Tullio Cicero, Marco Crasso, Gayo Cesar, Pompeu Magno e o virtuoso Catão, e assim todos os nobres homens d'aquelle tempo, os quaes de boamente sofriam morte porque depois pera todo sempre seus nomes fossem achados nas escripturas por dignos de grande memoria, como dizia Vulteo, quando em a terra de Dalmacia, na ribeira do mar Adriatico que jaz contra o occidente, se razoava contra Cesar e contra sua ventura, esforçando seus cavalleiros que esperassem a morte no dia seguinte, a qual tinham muito certa, por Octaviano, capitão de Pompeu.

Oh! (dizia elle) nobres mancebos, esforçai-vos na virtude contra a fortuna, e dae conselho ás cousas de vossa postumaria, cá não é pequena vida a que nos fica, pois em ella temos tempo de escolher qual morte quizermos, nem a gloria de vossa morte não é peor que a vida que por algum pouco mais tempo poderamos viver. Cá morrer pera viver, é bemaventurada cousa.

Segundo Lucano, escreve todo esto no setimo e oitavo capitulos do seu quarto livro, e por certo não são pera esquecer as virtudes d'aquelles primeiros auctores que com tão forçosa industria e eloquente estylo reformaram ante nossos olhos os premios e nobres merecimentos dos excellentes feitos de armas e a gloria e a honra da côrte judicial, pelo qual estado quantas cousas maravilhosas foram feitas pela mão e ditas pela lingua, são traduzidas afim de claro conhecimento, e tanto é esta industria mais perfeita quanto mais reforma o homem a sua perpe

até o fim da vida de todos os homens, cuja clara memoria sempre traz aprazível deleitação aos corações aparelhados e dispostos a seguir honra, e por certo não é pequeno encargo o nosso, quando por nosso trabalho os virtuosos homens justamente hão seu merecimento dos seus grandes feitos.

E portanto dizia Tullio no livro *de Senectute*, que lhe não pezava de morrer porque sabia que a sua memoria não havia de morrer com a sua morte, porque dizia elle que assim proveitosamente vivera, que lhe parecia que não nascera de balde, e a escriptura é a mais segura sepultura pera qualquer principe ou barão virtuoso, porque representa o claro conhecimento de suas obras passadas.

Certo toda a nobreza dos homens fôra destruida, se as plumas dos escrivães a não puzeram em fim, e historias dos historiadores não foram.

E portanto dizia Lucano, no oitavo livro de sua historia, falando de como Cesar chegou alli áquelle lugar d'onde fôra Troya, contando a destruição d'aquellas cousas tão grandes, as quaes Julio Cesar esguardava com tanta semença, porque elle e toda a geração real de Roma descendia de Enéas.

«O santo e grande trabalho dos auctores historiaes, Lucano dizia, como tolhes a morte a todas as cousas que achas e as guardas em memoria, que não esqueçam nem morram, e das aos homens mortaes, idade que lhe dure sempre».

E porém concluindo este capitulo, entendemos que os grandes principes e outros bons homens devem assim virtuosamente obrar em seus feitos, que os auctores das historias hajam rasão de escrever suas obras por sua notavel memoria e ensinança dos outros que depois d'elles quizerem conseguir virtude e arre-

dar-se dos viciosos costumes, por tal que o seu nome não viva entre os homens pera todo sempre em seu doesto, porque além do bom nome que nunca morre ou o contrario que nunca se perde, acrescentam na bemaventurança que pertence á sua alma, por quanto aquelles que descendem de sua geração, recebendo honra pelo seu merecimento rogam a Deus por elles, e assim todos os outros hão em grande reverencia suas sepulturas e bem dizem o seu nome ouvindo ou vendo o processo de suas bondades.

CAPITULO CIV E ULTIMO

No qual o auctor dá graças a Deus no fim de sua obra.

Iesu Christo nosso redemptor e salvador foi aquelle que chamei no começo de minha obra, conhecendo minha fraqueza pera receber sua ajuda, sem a qual em este mundo não se pôde começar, mear nem acabar nenhuma cousa.

Porque disse no começo que esta sua ajuda não podíamos por nós mesmos percalçar sem requerimento e intercessão dos santos, principalmente da gl'ria sem nenhuma mazela Virgem Nossa Senhora Maria sua madre, a qual diz o ph'zo da natureza das animalias que a pomba é em toda sua vida senhora e Senhora é aquella que sempre g

seu filho, pedindo salvação pera nossas almas, e ainda remedio pera nossas vidas.

Portanto, em conclusão de minha obra, com toda reverencia e humildade dou muitas graças a Elle verdadeiro Deus meu Senhor Jesu Christo, porque a Elle prouve por sua mercê encaminhar meus feitos por tal guisa, que os trouvesse a fim em louvor e honra d'este virtuoso rei e do mui excellente principe e virtuoso barão, o infante D. Duarte seu filho, e dos outros infantes seus irmãos, e assim de todos os principes, senhores, cavalleiros e fidalgos que no dito feito houveram parte.

Dou outrosim muitas graças á Virgem Maria, por cuja graça e merecimento meu petitorio foi outhorgado, e á Senhora Santa Catharina, Virgem e martyr, em cuja santidade singular devoção tenho, e assim a todos os outros santos e santas da celestial côrte.

E peço com grande reverencia a el-rei meu senhor que me perdôe todas as faltas que em esta obra de minha parte forem achados, culpando em ello mais minha rudeza e fraco engenho, que a determinação de minha vontade.

E peço e rogo outrosim a todos os fieis christãos, especialmente aos naturaes d'estes reinos, que lendo esta obra sempre hajam em memoria a alma d'aquelle santo rei, por cuja virtude, industria e força esta cidade de Ceuta foi ganhada e tirada de poder dos infieis e posta sob o jugo da fé de Nosso Senhor Jesu Christo, e outrosim pela alma d'el-rei D. Duarte, seu filho, de gloriosa memoria, que a ajudou a ganhar e a manteve e defendeu todos os dias de sua vida, e assim de todos aquelles que primeiramente em ella trabalharam e depois até agora morreram em seu defendimento. E devem outrosim pedir a Deus de todo co

ração e vontade que haja misericórdia d'ellas e queira conservar o estado d'el-rei Nosso Senhor, e o queira sempre ajudar pera que mantenha e governe seus reinos, especialmente aquella cidade que está por acrescentamento da sua santa fé e da corôa real d'estes reinos, não esquecendo o infante D. Henrique que com tão grandes trabalhos e despeza a governou sempre em seu estado.

Foi acabada esta obra na cidade de Silves, que é no reino do Algarve, a vinte e cinco dias de Março, quando andava a era do mundo em cinco mil cento e onze annos hebraicos, e a era do diluvio em quatro mil quinhentos e cincoenta e dois annos romanos, e a era de Nabuchodonosor em dois mil cento e noventa e sete, e a era de Filippe, o grão rei da Grecia, em mil setecentos sessenta e tres, e a era de Alexandre, o grão rei de Macedonia, mil setecentos e sessenta e um, e a era de Cesar em mil quatrocentos oitenta e oito, e era de Nosso Senhor Jesus Christo em mil quatrocentos e cincoenta, e a era de Alimus o Egypcião em mil e seis, e a era dos Arabigos em oitocentos e vinte e oito, e a era dos Persas em oitocentos e dezoito, e a era do primeiro rei de Portugal em trezentos e quarenta e oito.

Aos onze annos e duzentos e cinco dias do reinado d'el-rei D. Affonso, o quinto d'este nomé, e dos reis de Portugal o duodecimo.

FIM

DA CHRONICA QUE COMPOZ GOMES EANNES DE AZURARA
CHRONISTA MÓR QUE FOI D'ESTES REI

DO FALLECIMENTO D'EL-REI D. JOÃO O I
DEPOSITO DE SEU CORPO NA SÉ DE LISBOA E TRIUMPHO
COM QUE DEPOIS FOI LEVADO E TRASLADADO AO REAL
MOSTEIRO DA BATALHA
TIRADO DA CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE QUE ESCREVEU
RUY DE PINA, CHRONISTA MÓR, A QUAL SE CONSERVA
NA TORRE DO TOMBO D'ESTE REINO

CAPITULO I

Da morte d'el-rei D. João e como seu corpo foi depositado na Sé de Lisboa e do pranto e exequias que se lhe fizeram.

O muito virtuoso principe de gloriosa memoria, el-rei D. João, dos reis o decimo, e d'este nome o primeiro, rei dos reinos de Portugal e do Algarve, e primeiro senhor de Ceuta, sendo já em muita idade e tocado de doença e paixão perigosa e mortal, foi pelos physicos aconselhado, e pelos infantes seus filhos acordado, que por algum mais alongamento de sua vida estivesse no lugar de Alcochete, em Ribatejo, que sobre outros houveram por lugar fresco e de singular disposição pera sua saude, onde estando já alguns poucos de dias, sentindo-se fraco e apressado de accidentes e fraquezas que acerca d'elle

e de todos testemunhavam bém sua morte, disse e encomendou aos infantes seus filhos e a outra nobre gente do seu conselho, que por quanto se sentia já no extremo de sua vida, e pera tal rei como elle não convinha morrer em aldeias e desertos, mas na principal cidade e melhor casa de seus reinos, logo o levassem á cidade de Lisboa e o aposentassem dentro no seu castello que entoncos mandava muito enobrecer, e assim se cumpriu.

E passados alguns dias em que sentiu melhoramento, os infantes seus filhos por seu mandado e por sua devoção o levaram com grande acatamento á capella mór da Sé e o pozeram em todo seu estado ante o altar do Martyr S. Vicente, onde seu corpo jaz, porque el-rei por ser d'elle muito devoto, ante de sua morte se quiz d'elle em sua vida despedir, e alli ouviu com muita devoção missa solemne em que com grande efficacia encomendou a Deus sua alma.

E porque a dita capella mór a este tempo estava por sua ordenança e despezas começada, e não ainda acabada, por tal que no acabamento d'ella depois de sua morte não houvesse mingua ou tardança, logo ante que se d'alli partisse mandou trazer em ouro amoedado, o que por vista de bons officiaes pareceu que pera sua perfeição abastaria, e á offerta da missa mui devotamente a offereceu, e encommendou ao vedor da obra que d'ella nunca desistisse até se de todo acabar, como se acabou, segundo agora se vê.

E d'alli foi visitar a egreja de Santa Maria da Escada, que está apogada com o mosteiro de S. Domingos, que novamente mandou fazer, em que tem singular devoção.

E depois de se despedir d'ella, em de ...
nhora, e com inteiro ...

commendou a Ella sua alma, e foi levado ao castello d'onde partira, onde poucas horas esteve ante de seu fallecimento, sendo já em poder de religiosos e outros ministros de sua consciencia; e pôendo por caso as mãos em sua barba real, porque a achou um pouco crescida a mandou logo fazer, dizendo que não convinha a rei que muitos haviam de vêr, ficar depois de morto espantoso e disforme.

Feito isto, o dito glorioso rei acabou logo sua bemaventurada vida, com mui claros signaes da salvação de sua alma, a quatorze dias de Agosto, vespera da assumção de Nossa Senhora do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatro centos e trinta e tres.

E foi cousa assás maravilhosa e de singular exemplo de sua devoção e grande prognostico de sua bemaventurança, que em tal dia tambem nasceu e n'elle entonces cumpria a edade de setenta e seis annos, e em tal dia em batalha campal em que se cumpriam quarenta e oito annos, venceu n'este reino el-rei D. João de Castella, com que segurou estes reinos e estado, por cuja memoria mandou novamente edificar o mosteiro de Santa Maria da Victoria, que vulgarmente se diz da Batalha, e em tal dia, em que se cumpriam dezoito annos, partiu de Lisboa quando em Africa passou e tomou aos inimigos da fé a mui nomeada cidade de Ceuta.

No qual dia de seu fallecimento o sol foi cris em grande parte de sua claridade, e assim tambem foi o sol cris o dia que a rainha D. Filippa sua mulher falleceu primeiro que elle em Sacavem, e assim o que el-rei D. Duarte seu filho herdeiro falleceu em Thomar. E como quer que a memoria reaes exequias deve mais propriamente e

nica ser registada, porém porque foram as mais excellentes e mais ceremoniadas que até seu tempo n'estes reinos a rei d'elles se fizeram, e foi já obra e officio do mui excellente e seu verdadeiro e legitimo filho seu successor, el-rei D. Duarte, não leixarei de as tocar brevemente.

A hora de seu fallecimento eram presentes seus filhos D. Duarte, primogenito e herdeiro, e o infante D. Henrique e o infante D. João, e o infante D. Fernando, porque o infante D. Pedro, tambem seu filho, a este tempo era em Coimbra. E do pranto e lamentações que ao tempo de sua morte os infantes seus filhos, por mingua de tal padre, e os vassallos por perda de tal rei deviam fazer, cesso de as especificar, sómente saiba-se que em caso, que em as mortes dos reis e principes geralmente se fazem sempre signaes de grandes sentimentos, na d'este glorioso rei assim em prantos como em lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos, se fez por muitos dias com grande especialidade de dôr, que o reino foi todo coberto de vaso de burel, e não era sem causa, porque reinou tanto tempo e com vida tão prolongada, que a nobre gente e povo do reino era já n'elle e por elle por creação e bemfeitorias todos reformados.

E o infante D. Duarte sendo n'este officio de tristeza com os infantes seus irmãos occupado, esquecido por isso do outro pera que o ceptro real já o chamava, parecendo que se não lembrava do que á sepultura d'el-rei seu padre cumpria, foi por frei Gyl Lobo seu confessor, espartado, tratando-lhe bem e honestamente como devia lha, e das cousas que mais eram necessarias que em tanta tristeza não cabiam, que nos olhos seus e de todos os que o viam as lagrimas re-
-tava, pedindo-lhe que se lembrasse das cousas que mais

eram necessarias que se offereceram, se recolhesse com os infantes e com os do conselho que ahi eram a uma camara, onde consultaram a maneira que se logo teria na sepultura do corpo d'el-rei, que em seu testamento dispozera ser enterrado no mosteiro de Santa Maria da Victoria, que elle em memoria da batalha que venceu alli novamente fundára como já disse; na qual cousa houve votos desvairados, porque a uns parecia que logo ante de o corpo mais se corromper fosse em uma azemula levado ao dito mosteiro, e isto pareceu abatimento pera tão excellente rei.

Outros diziam que se enterrasse n'aquella cidade de Lisboa, e que os ossos com devida honra fossem trasladados depois, e que o sahimento se faria logo no mosteiro da Victoria, posto que seu corpo ahi não estivesse.

A uma d'estas cousas e a outra, houve justas e razoadas contradições, e finalmente foi acordado que o corpo d'el-rei fosse como foi logo metido em um ataude de chumbo bem soldado, por ser metal de corrupções conservativo, encaixado em uma tumba de pau coberta de veludo negro, com cruces brancas por cima, e assim esteve na sala até á tarde.

E como a noite sobreveiu, o corpo d'el-rei foi trazido ao patim do castello, e ahi posto em umas andas de grande magnificencia pera o caso corregidas, as quaes os infantes e condes e outros grandes senhores, cobertos já de triste burel, tomaram sobre seus hombros, e n'elles com solemne pocissão alumeados com tochas sem conto, o levaram com espantoso pranto á Sé, onde o leixaram ante o altar de S. Vicente, em outra tumba mais alta a que subiam por degraus, feita e guarnecida n'aquella perfeição como pera tal pessoa e tempo convinha, de redor da qual sempre arderam tochas em grande abastança.

E a capella d'onde estava foi sómente coberta de panno de dô, e n'ella, em quanto o corpo alli esteve, ficou ordenança que certos do conselho o acompanhasssem, e assim muitos frades da observancia e outros clerigos e religiosos o guardassem continuadamente de dia e de noute por repartição, rezando e orando sempre, rogassem a Deus por sua alma, e os seus capelães eram assim ordenados que nunca a capella estava sem n'ella mui devotamente as horas e officios divinos se dizerem.

E em cada um dos dias que o corpo d'el-rei assim esteve, ordenadamente se diziam por sua alma trinta missas, d'ellas rezadas e outras cantadas, e cada semana uma vez se fazia por elle sahimento solemnizado com vespervas e missas, a que o collegio da Sé e outra clerezia e ordens da cidade eram presentes.

CAPITULO II

Como se accordou e fez a trasladação do corpo d'el-rei D. João pera o mosteiro da Batalha.

Pouco depois estando o rei D. Duarte em Cintra, accordou o tempo da trasladação do corpo d'el-rei D. João para Lisboa, que seria em Lisboa aos vinte e cinco dias do mez de Outubro logo seguinte. E para a qual por cartas mandou chamar o abade do mosteiro da Batalha e cabido.

os infantes e o conde de Barcellos seu irmão, e seus filhos os condes de Ourem e de Arrayolos, e todos os outros grandes e nobres, e muita outra gente do reino.

E vieram alli tambem a infanta D. Isabel, mulher do infante D. João, e a condessa de Barcellos e a condessa de Arrayollos, e outras grandes senhoras e dónas do reino.

E não vieram a rainha alli nem a mulher do infante D. Pedro, porque ambas n'aquelle tempo eram prenhes de muitos dias.

Pousou el-rei nos paços da Moeda, e como foi tempo de vir ás vespervas da trasladação, sahiu a pé muito coberto de dó preto, e com elle todos os senhores e nobre gente alli iam todos cobertos de burel, ordenados em procissão com um silencio muito triste, e se havia rumor era de todos os sinos de todas as egrejas e mosteiros da cidade, que não cessavam de tanger.

E foi tanta a gente que houve n'esta ordenança, que os primeiros iam já á porta da Sé e os derradeiros não acabavam de sair dos paços.

As portas da Sé eram todas fechadas, e sobre uma das janellas da capella de S. Antonio estava o mestre Frey Rodrigo, da ordem de S. Domingos, confessor do infante D. Henrique, que fez um sermão por modos de perguntas ao povo, dito com tanta invenção de tristeza, com que moveu a todos pera muitas lagrimas e espantoso pranto com que entraram na Sé e se alojaram na ordenança em que cada um havia de estar.

A Sé de dentro era de todo coberta de pannos negros, e nos andaimes das naves, cheios de tochas acesas e no cruzeiro, estava feita uma eça grande e alta

e mui triumphante, cercada de muitas tochas, e a bandeira real d'el-rei acompanhada das bandeiras das armas de todos os reis e principes que por sangue e parentesco com el-rei tinham alguma rasão, postas n'aquella devida precedencia que umas a outras de razão tinham.

El-rei e os infantes com os outros grandes senhores como entraram, assim com muitas lagrimas tomaram as andas e tumba em que o corpo d'el-rei ante estava, e o trouveram á eça, e o pozeram sobre um assentamento que pera isso estáva ordenado, que por todos os quatro quadros foi cercado de bispos e abbades bentos, revestidos em pontifical, e doze religiosos que com sendos tribulos ensinçavam sobre a tumba, e fez aquelle officio com grande solemnidade, D. Fernando, arcebispo de Braga, e acabou-se com grande devoção e mui maiores prantos, nos quaes, porque alguns fidalgos e outras pessoas se chamavam desamparados, el-rei que o ouvia lh'o estranhou muito e lhe defendeu que alguns criados de seu pae não uzassem mais em sua vida de tal nome, porquanto elle os ampararia e lhes faria bem e mercês como cada um merecesse ou tivesse merecido.

Ficou aquella noute com o corpo d'el-rei o infante D. Pedro, por ser filho maior, após el-rei, o qual teve sua guarda com muitos senhores e fidalgos, tendo vigilia de noite com seus capellães, e com outra muita clerezia, que foi pera isso junta.

Ao outro dia, porque el-rei sentiu que a detença do officio havia de ser grande, e os dias eram já pequenos, foi por isso muito cedo na sé, acompanhado como devia, e disse a missa o arcebispo D. Fernando em pontifical, e a offerta que veio, se offerre

ouro e prata e brocado, e seda, pertencentes á capella.

E Fr. Gyl Lobo, grande letrado, fez o sermão com thema ao auto conforme.

Acabada a missa, foi ordenada procissão mui solemne, com muitas infindas cruces, em que todos os clerigos e religiosos levavam tochas acesas.

E el-rei, e os infantes, e condes, pozeram as andas e tumba em que o corpo d'el-rei estava, em grande perfeição concertada.

E logo a procissão abalou, após a qual, e deante da carreta, seguiam adestro cinco cavallos grandes e mui formosos, com ricos paramentos, levados por homens de nobre sangue, a saber o primeiro e dianteiro coberto de damasco branco e vermelho, brosladas n'elle as armas de S. Jorge.

O segundo ia com paramentos de damasquim vermelho e azul, em que as armas d'el-rei iam brosladas.

O terceiro, com semelhantes paramentos de panno e côres em que o mote e letra d'el-rei de, *Por Bem*, iam em muitas partes broslados.

O quarto ia com outros taes paramentos, em que iam por letreiros broslados uns F F, que foi a divisa d'el-rei, que tomou pela rainha D. Filippa, sua mulher.

O quinto ia todo coberto de damasco negro, sem algum broslamento, após os quaes cavallos se seguia logo a carreta que el-rei e os infantes, e outros grandes senhores com suas mãos faziam mover.

E após ella, seguiam logo doze cavallos, em que iam cavalgados doze homens nobres, em que levavam as bandeiras e arpas d'el-rei; o primeiro foi Pero Gonçalves, vedor da fazenda, levava a bandeira real em sua hastea emburilhada e derribada sobre o hombro,

e os outros um o elmo, e outro levava o estandarte, e outro o guião, e outro a lança, e outro a facha, e assim as outras armas, salvo que o derradeiro levava solto um balsão preto com hastea sobre o hombro, cujas pontas iam pelo chão arrastando, e após elles seguiam grandes companhas cobertas todas de burel e fazendo tão grande pranto, que se não podiam ouvir sem muito espanto, dôr e tristeza.

Na rua Nova se fez um pulpito, em que um mestre em theologia, chegando a elle a carreta fez um sermão pera o caso muito louvado, o qual seguiu a procissão até junto com S. Domingos, onde em um cadafalso que se pera isso ordenou, o doctor Diogo Afonso Manganha, que era letrado e bem eloquente, tanto que a carreta chegou, fez outro sermão cujo thema foi:

Et nos moriamur cum eo; com que trouve pera o caso cousas mui notaveis e assaz bem ditas.

Acabado o qual, a procissão seguiu até ser fóra da porta de S. Vicente, d'onde se tornou com muita gente, e leixaram a carreta que foi logo posta a quatro grandes cavallos que a levaram, com a qual foi el-rei e os infantes e outros grandes homens todos a cavallo, e com elles vinte e quatro homens, padres de religião com tochas acesas nas mãos, iam com o corpo d'el-rei rezando suas horas, rogando a Deus por sua alma, e assim chegaram ao mosteiro de Odivellas, no meio do qual estava uma eça com pannos de dô, tochas e bandeiras pelo modo e maneira que era na Sé de Lisboa. Os abbades de Alcobaça com outros abbades e religiosos levavam fóra do cerco do mosteiro revestidos de branco em maneira de procissão, esperando o corpo d'el-rei e os infantes para o seu sepultamento ao mos-

teiro, e pozeram na eça, a qual noite vigiaram muitos religiosos com orações continuas e devotas, e acompanhou e o guardou o infante D. Henrique com todos os commendadores da ordem de Christo, e com seus moradores.

Ao outro dia disse missa o D. abbade em pontifical, e á offerta se offereceram por os infantes e outros senhores, grandes e ricas cousas pela alma d'el-rei.

No qual dia se partiram, e foram a Villa Franca de Xira, e na egreja d'ella era feito outro tal corrigimento como o de Odivellas, onde D. Alvaro de Abreu, bispo d'Evora, sahiu a receber o corpo d'el-rei acompanhado de muitos abbades e clerigos e outra muita clerezia, e assim o levaram até á eça, onde depois das vespervas ditas, ficaram por ordenança certos religiosos pera de noute sempre rezarem, e o infante D. João que sempre acompanhou o corpo d'el-rei com os commendadores e cavalleiros da ordem de Santiago, e com outros muitos fidalgos e pessoas honradas de sua casa, e ao outro dia disse o bispo missa em pontifical, e acabada a missa caminhou pera Alcoentre, e sempre n'aquella ordenança de religiosos e cerimonias como partiram de Lisboa.

E de Alcoentre sahiu o bispo da Guarda receber o corpo d'el-rei, revestido em pontifical, e mui acompanhado de clerezia, e o levaram á egreja que assim mesmo estava corregida como as outras, e ditas as vespervas, ficaram de noute os religiosos ordenados, e por guarda do corpo o infante D. Fernando, acompanhado dos seus e dos creados d'el-rei seu padre.

Ao outro dia o bispo da Guarda disse missa em pontifical.

E n'esta jornada e nas outras passadas sempre offertas das missas, por el-rei e pelo infante se offer

ram muitas missas, e á maior que o bispo d'Evora disse em pontifical, se offereceram muitas mais cousas, e mais ricas das que até alli foram offerecidas, segundo ainda hoje parecem no thesouro d'aquelle mosteiro. No qual mosteiro fez o sermão mui conveniente e mui authorisado, Fr. Fernando da Rotea, frade da ordem de S. Domingos, prégador d'el-rei D. Duarte.

O pranto que sobre o corpo d'el-rei se fez, foi assaz maravilhoso e de grande espanto e sobeja tristeza, que por brevidade se não escreve particularmente como passou.

E porque não desfraudemos aos curiosos de seu epitaphio, pareceu acertado copial-o n'este lugar, o qual é o seguinte:

Traducção do epitaphio

Em nome do Senhor, jaz n'esta sepultura o serenissimo e sempre invicto, victoriosissimo, magnifico e em virtudes esclarecido principe D. João, decimo rei de Portugal e sexto do Algarve, e o primeiro entre todos os christãos, que depois da perda geral de Hespanha foi senhor da famosa cidade de Ceuta, em Africa.

Nasceu este excellentissimo rei na muito nobre e muito leal cidade de Lisboa, no anno do Senhor de mil e trezentos e cincoenta e oito, e n'ella foi armado cavalleiro em idade de cinco annos, por mão do serenissimo rei D. Pedro seu pae. E tomando á sua conta depois da morte d'el-rei D. Fernando seu irmão, o governo da mesma cidade e de muitas outras forças que se lhe entregaram, defendeu-a valorosamente contra el-rei de Castella, que nove mezes a teve cercada por mar, com mui grossa armada, e por terra com grande exercito, acomettendo-a com muitos e apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos portuguezes.

Sendo depois levantado por rei na cidade de Coimbra com geral alegria, no anno de 1385, fez por sua pessoa e de seus capitães grandes feitos em armas, e entrando muitas vezes pelas terras de seus inimigos, alcançou notaveis victorias, e a principal que teve foi a que Deus lhe deu junto a este convento, vencendo e desbaratando em batalha campal a el-rei D. João de Castella que trazia consigo um poderoso exercito

de seus vassallos, e vinha acompanhado de muitos portuguezes e outros estrangeiros que o serviam. E logo foi ganhando á força d'armas muitas forças e castellos de que os inimigos se tinham apoderado, que depois valorosamente sustentou e defendeu por toda a vida.

E conhecendo que Deus fôra o que lhe déra a victoria por intercessão da gloriosissima Virgem Nossa Senhora, que succedeu na vespera da sua festa da Assumpção por agosto, mandou á sua honra edificar este convento, que é a melhor obra de toda a Hespanha.

E com desejos da maior gloria de Deus e pretendendo que só a Elle se reconhecesse n'este reino superioridade em tudo, assentou que os annos que pelo tempo atraz se costumavam a contar nos annos e instrumentos publicos pela era de Cesar, se reduzissem ao nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, e fez que começasse a correr esta conta do anno de mil e quatrocentos e vinte e dois em diante, no qual andava a era de Cesar em MCCCCLX.

E achando estes reinos não menos estragados de costumes que desbaratados das insolencias dos inimigos, poz diligencia em os emmendar e apurar, desterrando com seu exemplo e obras santas todas as devassidões e maldades que geralmente se uzavam, e prantou e fez florecer em seu logar obras de virtude, honestidade e honra.

E procurando escusar guerras com christãos, leixou antes de sua morte assentada com elles paz perpetua pera si e pera seus successores.

E abrasado em fogo da fé, passou em Africa com uma grossissima armada em que havia mais de 200 galas, a maior parte naus de grande porte e gal

e foi acompanhado n'ella do infante D. Duarte seu filho e herdeiro, e dos infantes D. Pedro e D. Henrique, e do conde de Barcellos D. Affonso seus filhos, e de grande poder e numero de animosos vassallos, com os quaes no mesmo dia em que poz os pés em terra de mouros, tomou de assalto com espanto do mundo a fortissima e famosa cidade de Ceuta. E pouco tempo depois vindo sobre ella (segundo se affirma) mais de cem mil combatentes mouros de Berberia e Granada, e tendo-a apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer pelos infantes D. Henrique e D. João e pelo conde de Barcellos seus filhos, e por outros senhores e fidalgos, os quaes acomettendo aos mouros os fizeram levantar e fugir com morte de muitos, e toda sua armada desbaratarem, mettendo muitos navios no fundo, queimando e tomando outros, e assim livrou a cidade.

E havendo dezoito annos menos oito dias, que se cumpriam, a vespera da Assumpção da Virgem Nossa Senhora, do anno de 1433, que a tinha tomado e fortificado bastantemente contra todo accometimento de inimigos, no mesmo dia mez e anno acabou este gloriosissimo rei bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa, rodeado de seus filhos e de grande parte da nobreza do reino, leixando a cidade de Ceuta em poder do mui alto e mui glorioso rei D. Duarte seu filho, que á imitação de tal pae procura mantel-a e goveral-a com estes reinos na fé de Jesus Christo.

O mesmo rei D. Duarte trasladou com grande honra e com grande o corpo d'el-rei seu pae, acompanhando-o o infante D. Pedro duque de Coimbra, o infante D. Henrique de Beira, e o infante D. Henrique de Covilhã e governador

do mestrado de Christo, e o infante D. João condestable de Portugal, e governador do mestrado de Santiago, e o infante D. Fernando e o conde de Barcellos D. Affonso, filho do dito rei D. João, o qual ao tempo de seu fallecimento não tinha outros, senão duas filhas que estavam casadas, e viviam em suas terras com seus maridos, uma a infanta D. Izabel duquesa de Borgonha e condessa de Frandes e senhora d'outros muitos estados, e outra a senhora D. Beatriz, condessa de Hontinton e Arondel, em Inglaterra.

Assistiram mais n'esta trasladação todos os netos e bisnetos que havia d'el-rei D. João s. D. Affonso conde de Ourem e D. Fernando conde de Arrayolos, filho do conde de Barcellos. E tinha n'este tempo outro neto que era o infante D. Affonso, filho primogenito d'el-rei D. Duarte, os quaes contados com os filhos faziam todos numero de vinte pessoas.

Acudiram tambem e foram presentes todos os bispos que havia no reino, com outros muitos prelados, com grande numero de clerezia e frades, e os senhores de terras e alcaides môres, e fidalgos particulares.

Assim foi trazido o real corpo com muita reverencia a este convento, e entrou n'elle aos trinta dias do mez de novembro do dito anno, e foi sepultado na capella mór com a rainha D. Filippa sua unica mulher e mãe illustrissima d'el-rei D. Duarte e dos infantes ditos.

E no anno seguinte, aos 14 de agoço, foram os corpos ambos com nova pompa passados a esta capella que pera sua sepultura tinham edificado.

E acharam-se presentes a mui alta e excellentissima princesa D. Leonor, rainha d'estes reinos, e as

infantas D. Izabel, duqueza de Coimbra, e D. Izabel mulher do infante D. João, com a maior parte dos prelados e nobreza do reino, até ficarem recolhidos em suas sepulturas. As almas tenha o Senhor Deus em sua gloria. Amen.

Á cabeceira d'el-rei estão estes versos latinos:

Hoc tegitur tumulo fælix rex ille Joannes,
Magnanimus, pius, e cunctorum gloria Regum,
Militiaque decus, firmissima regula legum;
Qui tumidum Regem parvo cum milite fregit
Castellæ et Septum sibi magna classe subegit.

Declaram-se estes versos latinos em linguagem :

Encobre-se n'esta sepultura aquelle ditoso rei D. João magnanimo, piedoso, gloria de todos os reis e honra da Milicia, firmissima regra das leis, o qual com poucos soldados quebrantou o soberbo rei de Castella e sujeitou com grande armada a cidade de Ceuta.

TESTAMENTO D'EL-REI D. JOÃO I

TIRADO DA TORRE DO TOMBO

Em nome de Deus verdadeiro, que é Padre, Filho e Espirito Santo, tres pessoas em uma substancia, e da bemaventur. Virgem gloriosa Santa Maria sua Madre Santos da gloria celestial

Nós D. João, pela graça de Deus rei d'estes reinos de Portugal e do Algarve, senhor de Ceuta, vendo e consirando como é força que nós e todos os homens hajamos de fiir a vida d'este mundo por morte, a qual não sabemos quando ha de ser, porém querendos nos prover d'algumas cousas a que nos parece que cumpre depois de nosso acabamento, sendo são e em nosso entender cumprido, qual nos Deus deu, e sem outra nenhuma duvida nem embargo, fazemos, ordenamos e estabelecemos nosso testamento e postrimeira vontade, pela guisa que se ao deante segue:

Primeiramente damos e encommendamos minha alma ao sobredito verdadeiro Deus, e rogamos á Virgem Santa Maria sua madre e côrte celestial, que rogue a Elle por nós, ao qual pedimos por mercê que haja d'ella piedade e se nembre do que soffreu por nós e por todos os outros pecadores até ser posto nã cruz, de guisa que hajamos parte e quinhão com Elle no seu santo reino.

Item, mandamos que nosso corpo se lance no mosteiro de Santa Maria da Victoria, que nós mandámos fazer, com a rainha D. Filippa minha mulher, a quem Deus accrescente em sua gloria, em aquelle moimento em que ella jaz, não com os seus ossos d'ella, mas em um ataude assim e em tal guisa que ella jaça em seu ataude e nós em o nosso, pero jaçamos ambos em um moimento, assim como o nós mandamos fazer. E isto seja na çapella mór, assim como ora ella jaz, ou na outra que nós ora mandamos fazer, depois que fôr acabada.

Item, fazemos nosso testamenteiro e cumpridor de todas as cousas que aqui em este testamento mandamos e estabelecemos, o infante Duarte, meu filho primogenito e herdeiro, que prazendo a Deus, depois de

nossos dias ha de ficar em nosso logar por rei e senhor d'estes reinos e senhorio, ou seu filho ou neto lidimo descendente por linha direita, segundo se requer por direito e costume em successão d'estes reinos e senhorio, ou algum de meus filhos por sua direita ordenança, a saber, primeiramente o infante D. Pedro, e depois de sua morte seu filho ou neto, na maneira susodita, e não o havendo hi, fique ao infante D. Henrique, des ahi aos outros meus filhos pelo modo sobredito. Aos quaes mandamos e encommendamos, e a outros quaesquer que depois forem reis e senhores d'estes reinos e senhorio, que tenham e tomem encargo d'este nosso testamento e o cumpram, guardem e façam cumprir e guardar a todo o seu poder, assim e pela guisa, assim como por nós é feito, ordenado e mandado.

Item primeiramente mandamos ao dito infante que haja em sua guarda e encommenda a infanta D. Izabel minha filha, sua irmã, e o infante D. Pedro e o infante D. Henrique, e o infante D. João, e o infante D. Fernando, e o conde D. Affonso seus irmãos, meus netos seus sobrinhos, filhos do dito conde, e os ajude a casar e alojar e lhes faça toda a honra e bem que poder, e em especial lhe encommendamos que aos sobreditos seja sempre mui bom senhor e os leixe viver nas terras que lhe por nós foram e forem dadas, e haver as rendas e senhorio d'ellas.

E ao infante D. Pedro, além das terras que tem, o que lhe demos no commum de Florença, pela guisa que as tem por nossas cartas, e assim a seus filhos maiores e netos, e a outros descendentes lidimos por linha direita, e lhes ordene em cada um anno como hajam seus sustentamentos, na maneira que não de nós.

E outrosim lhe encommendamos todps nossos criados e criadas, que os guarde em suas honras e em seus privilegios, e lhes faça todo o bem e mercês que poder.

E por quanto nós somos mui bem servidos dos fidalgos, e outrosim dos povos d'estes reinos, e nos fizeram muitos e estremados serviços pera tirarmos estes reinos da sujeição a que os quizeram sojugar os castellãos, que sempre os haja em sua guarda e encomenda, e lhes guarde suas honras e privilegios, e lhes faça toda a honra e mercês que poder, como pertence a cada um em seus estados.

Item, porque nós promettemos no dia da batalha que houvemos com el-rei de Castella, de que Nosso Senhor Deus nos deu victoria, de mandarmos fazer a honra da dita Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera entoncos era, alli cerca d'onde ella foi, um mosteiro, o qual depois que foi começado, nos requereu o doutor João das Regras, do nosso conselho, e fr. Lourenço Lampreia, nosso confessor, estando nós em o cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da ordem de S. Domingos, e nós duvidamos de o fazer, porque assim foi nosso promento de se fazer á honra da dita Senhora Santa Maria, e responderam-nos que a dita ordem em especial era muito da dita Senhora, declarando-nos as rasões porque, as quaes vistas por nós, acordámos e prouve-nos de ordenar que o dito mosteiro fosse da dita ordem, e pera provimento dos frades que houvessem de estar em el supricámos ao Padre Santo que nos desse logar de comprar pera elles certos bens que podessem haver e possuir pera sua governança, e foi-nos por el outhorgado.

E consirando nós depois a maneira que estes frades tem entre si em semelhantes casos, ordenamos que se

tenha esta ordenança no acabamento do dito mosteiro e seu bom suportamento e mantimento dos ditos frades, ao qual mandamos, rogamos e commendamos ao dito infante Duarte meu filho, e a outro qualquer que vier que seja rei e senhor dos ditos reinos, que a faça cumprir e guardar pela guisa que por nós é determinado.

Primeiramente mandamos que o dito mosteiro se acabe de crasta, casarias e de todos os outros edificios que a bom cumprimento do dito mosteiro forem necessarios, pelas rendas de Leiria e seu termo, com seu almoxarifado, assim e pela guisa que se ora faz, e sejam em el manteudos e governados aquelle numero de frades que ora hi de cote egualmente está, assim e pela guisa que o ora são. Os quaes tenham aquella maneira de resar suas horas, e dizer suas missas, responsos e fazer sahimentos por minha alma e da rainha minha mulher, em cuja gloria Deus accrescente, assim como ora se faz, accrescentando por minha alma, depois de nosso enterramento, aquellas missas e horas que o dito infante ou outro que traz nós ficar rei d'estes reinos ordenar, até o dito mosteiro ser acabado, e o numero dos trinta frades em elle postos e governados como a suso faz menção.

E, d'alli avante se tenha a maneira por nós ordenada. E acabado o dito mosteiro de todas as obras necessarias, como dito é, pelas ditas rendas de Leiria e termo, e seu almoxarifado, tirando aquelle que fôr necessario pera governança dos ditos frades, se comprem tantas e taes herdades e bens, porque se possam razoadamente manter e governar de —
vestir e calçar os ditos 30 frades
S. Domingos, s. os vinte de or
noviços e frades leigos, e além

res, assim como amaçadeira, cozinheiro, azemel, lava-deira, sapateiro e outros semelhantes que lhes forem necessarios.

E aquestos trinta frades ordenamos que estem continuamente no dito mosteiro, e pela esmola que de nós recebem e haverão de receber, serão teudos de dizerem por minha alma e da dita rainha minha mulher em cada um dia, duas missas rezadas, a saber uma do Espirito Santo, e outra de Santa Maria.

E á quinta feira dirão uma missa cantada de Santo Espirito, e uma rezada de Santa Maria

E ao sabbado dirão cantada a de Santa Maria, e a do Santo Espirito rezada, e á segunda feira dirão por nós as horas dos mortos e uma missa de Requiem cantada, além das ditas duas missas rezadas que hão de dizer. E todos os dias, como acabarem suas horas, ante que vão comer, venham todos onde nós e a dita rainha jouvermos, com cruz e agua benta, e digam um responso cantado.

E nos dias que se houverem de fazer os sahimentos por nós e pela dita rainha, assim como no dia em que se faz sahimento geral por todos os finados, e em os dias dos nossos finamentos, elles digam todas as horas, a saber vespervas, matinas e todos os outros officios dos mortos, e duas missas de Requiem, e dois resposos, além das duas missas que sempre haverão de dizer. E nos dias dos finamentos da rainha e meu os frades de Alcobaça e os do mosteiro, e outros quaesquer frades e clerigos que hi venham, digam um trintauro rezado em cada um sahimento, além das missas e horas que hão de dizer, e sejam sempre pagadas as ditas missas pelo provedor e escrivão do mosteiro, segundo se costumarem de pagar as missas rezadas a aquelles tempos que se fizerem os ditos sahimen-

tos. E mandamos e encommendamos ao dito infante meu filho e a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos, que saiba parte em cada um anno como estes frades vivem e cumprem esto que por nós é ordenado, e toda a cousa em que acharem erro faça corregger n'aquella melhor maneira que lhe Deus der a entender com serviço de Deus e prol de nossas almas, e guarda d'este nosso ordenamento.

Item, lhe mandamos e encommendamos que os bens que assim forem comprados pera mantimento e governança dos ditos frades e servidores, não sejam entregues aos ditos frades, mas ponham em elles dois bons homens naturaes d'estes reinos, de boas famas e consciencias, moradores na dita villa de Leiria, que hajam bens de raiz e sejam bem arreigados, um que seja provedor dos ditos bens e outro escrivão, os quaes tenham cargo de adubar e aproveitar e colher os fruitos e rendas d'elles, pelos quaes provejam os ditos 30 frades e servidores de todas as cousas que lhes forem mister pera seus comeres, beberes, vestidos e calçados.

O dito provedor e escrivão tenham poder de arrendar estes bens até tres annos e mais não, pero se virem que é necessario rendarem-se por mais tempo, ou se aforarem, ou emprazarem, façam-n'o saber ao que então fôr rei d'estes reinos, e por sua carta e authoridade se faça, e d'outra guisa não.

Item, mandamos e encommendamos ao dito infante meu filho e aos outros que depois de nossos dias forem reis d'estes reinos, que saibam e provejam o melhor e mais continuadamente que poderem que maneira tem este provedor e escrivães em seus officios e lhes façam tomar conta em cada um anno da quitação, e emquanto acharem que os :

como devem lh'os leixem haver e não lh'os tirem, e hajam por seu afan em cada um anno o provedor um moio de trigo e dois de cevada e um tonnel de vinho e um marco de prata, e o escrivão haja outro tanto como a metade do que dão ao dito provedor, e quando acharem que o fazem como não devem, deem-lhes aquelle escarmento que entenderem que merecem, e tirem-lhe os officios e ponham logo em elles outros provedor e escrivão, que seja da maneira susodita, os quaes haverão o mantimento sobredito emquanto servirem os ditos officios.

E mandamos-lhe e encommendamos que se acontecer que por alguma esterilidade ou outro caso que sobrevenha, estes bens que assim forem comprados não abastarem pera esta dita governança, que das rendos da dita villa e termo, com seu almoxarifado, lhes seja provido tão cumpridamente e em tal guisa que esta nossa ordenança seja em todo bem cumprida e guardada pera sempre.

Item, mandamos e encommendamos ao dito infante e a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos, que não consinta que ninguem se lance nem soterre dentro no jazigo que nós mandamos fazer em nossa capella, em alto, nem no chão, salvo se fôr rei d'estes reinos.

E mandamos que pelos jazigos das paredes da capella todas em quadra, assim como são feitas, se possam lançar filhos e netos de reis e outros não, e de quaesquer cousas que cada um dos que se lançarem na dita nossa capella quizerem leixar ao dito mosteiro, possam ser apropriadas as duas partes aos ditos frades, e a nossa capella se apropria só de haver a terça parte de todo o que assim leixarem, e se conjuntem aos outros bens d'ella.

E o dito provedor e escrivão os aproveitem e administrem com os outros bens pera ajuda e governança dos ditos frades, e d'outra guisa se não possa nenhum lançar nos jazigos da dita nossa capella, assim dos de cima que apropriámos pera os reis, como dos outros d'arredor d'ella que apropriamos aos filhos e netos dos reis, salvo leixando á dita capella o terço de todos os bens e cousas que assim quizerem leixar ao dito mosteiro, pelo guisa susodita.

Item, mandamos que se não lance nenhum, de qualquer estado e comdição que seja, na capella principal e maior, do dito mosteiro.

Item, não embargando que os ditos frades hajam de nós o sobredito mantimento de comer, beber, vestir e calçar, não lhes seja embargado nem tolhido de elles haverem e poderem haver suas offer-tas e mortorios, e todas as outras cousas que os frades de S. Domingos hão em todos os outros mosteiros.

Item, porque poderá ser que os frades por não serem apoderados das rendas d'esta nossa capella, não attenderiam ao repairamento e corregimento do dito mosteiro, como lhe cumpria, pela qual razão se damnificaria em as casarias, guarnimentos e todas as outras cousas que pera elles e pera o dito mosteiro fossem cumpridouras, porém encommendamos e mandamos ao dito infante meu filho e a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos e senhorio, a que damos carregó d'este nosso testamento, que elles tenham especial encargo que assim como em cada um anno mandamos mandar prover as rendas do dito mosteiro, assim em cada um anno mandem prover o corpo do dito mosteiro, com a capella maior e com as outras capellas do cruzeiro.

bido de todos os outros adubios que lhe forem compridoiros e necessarios.

E que esto mesmo façam vêr todos os ornamentos da sanchristia, de cruces, calices, tribolos e de todos os outros ornamentos de ouro e de prata, e tambem as capas e vestimentas frontaes, e todos os outros ornamentos que lhes por nós até ora foram dados e de aqui em diante dermos, e outros quaesquer que lhe são ou forem dados e leixados pelo dito infante meu filho, e por seus irmãos, ou pelos que forem reis e filhos ou netos de reis.

Os quaes ornamentos encommendamos e mandamos que se appropriem á nossa capella e sejam postos em mãos do dito provedor e escrivão, que os tenham e guardem, e de suas mãos recebam os frades aquelles que lhes cumprir pera seus officios cotidianos.

E quando vierem os dias das festas principaes, deem-lhes tambem os que houverem mister, e logo se tornem aos sobreditos.

E as outras cousas do dito mosteiro, assim como refeitorio e casa de dormitorio e crasta, e todas as outras cousas de officios, sejam entregues aos ditos frades bem repairadas e corregidas, e seja-lhes d'ello feita escriptura, que assim como as recebem bem feitas, repairadas e corregidas, que assim sejam teudos e obrigados de as manter, corregger e repairar e fazer que sejam bem corregidas e repairadas de todo o que lhes fizer mister, e em tal guisa que sejam cada vez melhoradas, e não peoradas.

E esto façam os ditos frades pelas esmolas que houverem e por outra maneira, segundo o elles melhor entenderem, assim como o fazem os outros frades nos outros mosteiros de nossos reinos. E se os ditos frades estas casarias e crasta com seus pomares, hortas

e aguas, tiverem mal repairadas e corregidas, o que fôr rei d'estes reinos os faça requerer e constranger na melhor maneira que bem poder que as corřejam, como devem.

Pero, se acontecer por algum caso fortuito, sem culpa dos ditos frades, que algumas das ditas casas e edificios de que elles haverão dé ter carregos sejam de todo ou pela maior parte derribados, encommendamos e mandamos ao dito infante e a outro qualquer que seja rei tras nossos dias, que as faça levantar e correr em tal guisa que as tornem ao seu primeiro e bom estado, e assim as entreguem aos ditos frades, que as recebam em si e hajam cuidado de seu reparamento e corregimento, como ante haviam.

Item, porquanto podia ser que ao tempo de nosso acabamento, serão ainda por nós devidas algumas cousas a algumas pessoas, assim do que lhes por nós e nosso mandado, como dos nossos officiaes foram tomadas, ou que nos alguns emprestassem ou aos nossos officiaes, ou que nós devessemos por bem de mercês de cazamentos e corrementos d'elles, e muitos vestires, tenças, como de algumas mercês de graças que por nós fossem feitas a alguns ou algumas, que lhe não fossem pagadas até o dito tempo;

E porque nossa tenção e vontade é que todo esto seja bem pagado, encommendamos e mandamos ao dito infante meu filho e aos outros que vierem por reis d'estes reinos, a que temos dado o carregos de cumprir este nosso testamento, que façam bem todo pagar.

Primeiramente as cousas que por nós e nossos officiaes de nosso mandado forem tomadas, e depois as cousas que a nós, ou a algum d'elles foram emendas, e finalmente todas as outras que nós devemos por bem de mercês de cazamentos e corrementos

d'elles, e mantimentos, vestires e tenças e outras quaesquer graças e cousas de que a alguns fizessemos mercês.

E a maneira que nós acordamos como se estas sobreditas cousas paguem, é esta :

Que logo depois de nosso acabamento o dito infante meu filho, ou outro qualquer que vier por rei e senhor d'estes reinos, aparte todas as rendas da alfandega de Lisboa e do almazem do Porto, e por ellas se faça pagamento das ditas dividas, primeiro do que foi tomado, e depois do que houvemos emprestado, ou d'outra qualquer guisa do alheio, e finalmente todo o al, de que fizemos mercês como dito é. E das ditas rendas da alfandega de Lisboa e do almazem do Porto, não se façam nenhuma despezas até primeiramente todo esto ser pagado. E encommendamos e mandamos que o façam assim cumprir. E se por ventura o dito infante ou outro que fôr rei d'estes reinos, achar algum modo e maneira porque se estas cousas melher e mais tostementē paguem, encommendamos-lhe e mandamos que assim o façam, e a muito nos prazeria de ser todo cedo e bem pagado, por nossa consciencia ser desencarregada.

Item, encommendamos e mandamos ao dito infante meu filho, ou a outro qualquer que fôr rei d'estes reinos, a que o carregó d'este nosso testamento fica, que por minha alma, e da dita rainha minha mulher, cazem, e deem cazamento a quarenta mulheres de boa linhagem, que sejam minguadas, e os não possam haver todos, ou grão parte d'elles, segundo cumpre as suas condições e estados. As quaes sejam naturaes d'estes reinos e nossas criadas, ou filhas de nossos criados ou criadas, dando-lhe cazamentos razoados, segundo as pessoas e as condições e linhagem de que forem, e

com quem cazarem. E estes cazamentos se paguem pelas ditas rendas da alfandega de Lisboa e almazem do Porto, das quaes rendas se não façam outras nenhuma despezas, até esto ser primeiro pagado. E se por ventura o dito infante ou qualquer que fôr rei d'estes reinos, achar algum caminho, como se estes cazamentos melhor e mais tostemente possam pagar, encomendamos-lhe e mandamos que assim o façam.

Item, porquanto nós por algumas vezes mandamos a Gonçalo Lourenço, cuja alma Deus haja, nosso criado e escrivão de nossa puridade, e do nosso conselho e do infante, e entendendo por nosso serviço, assim quando se foi Martim Vasques da Cunha e João Affonso Pimentel pera Castella, como pelo cazamento e ida da minha filha D. Beatriz, condessa de Arondel, a Inglaterra, e esto mesmo em lhe mandarmos despender por nosso mandado, as nossas despezas não certas por seus alvarás assignados por sua mão, sem outra nossa carta, e nos foi mostrado que todo o que por elle e por seus mandados foi feito em as cousas sobreditas e cada uma d'ellas em seus tempos, como foram feitas e achamos que fôra tudo por elle bem feito, lealmente e verdadeiramente, e como cumpria a nosso serviço;

Mandamos e encomendamos ao dito infante e a outro qualquer que vier por rei d'estes reinos, que em nenhum tempo nem por nenhuma maneira nem lhe seja contradito nem seja feito a seus bens e herdeiros por esto mal, nem constrangimento, nem outro nenhum desaguisado nem demanda do conto, nem recado de como nem porque guisa foi despeza, nem que mostre nosso mandado de como lhe esto mandamos fazer. nós vimos todo e achamos que nos servi bem, leal e verdadeiramente, e que r

cousa nenhuma, senão pela guisa que lhe nós mandamos fazer.

E similhante achamos e soubemos do doctor Martin Docem, do conselho nosso e do infante meu filho, e seu chanceller mór, que em desembargar as nossas não certas, e fazer outras cousas por nosso serviço, assim ante que fosse em casa do dito infante como depois que em ella andou, que todo fez muito bem e como devia, com resguardo de nosso serviço. E porém queremos e mandamos que o dito doctor, e Gonçalo Lourenço nem seus herdeiros, nem bens, não recebam por ello nenhuma perda, mal nem damno por nenhuma guisa.

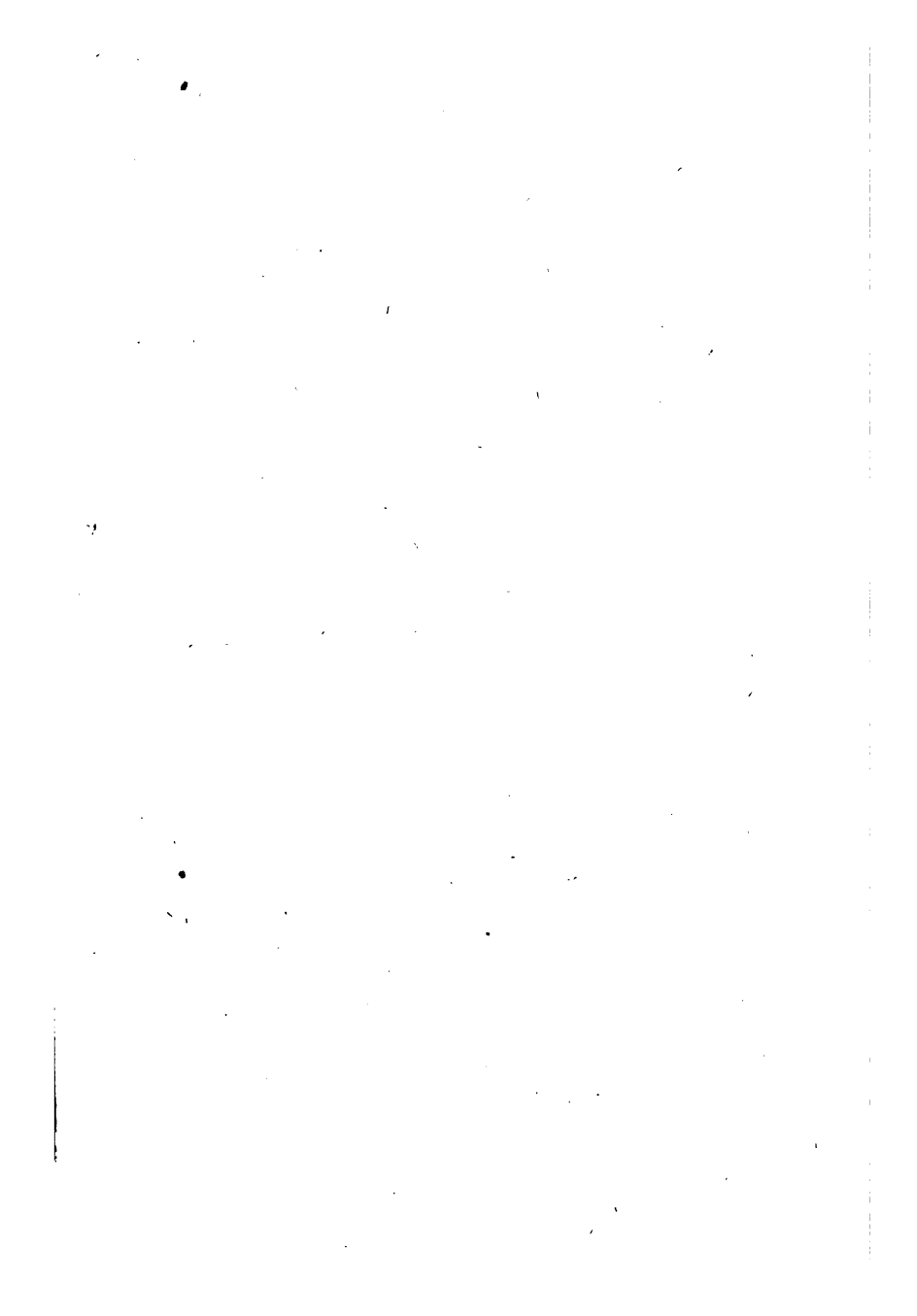
E mandamos ao dito infante Duarte, ou a outro qualquer que fôr rei, que assim lh'o cumpram e guardem e façam cumprir e guardar, e não consintam que lhes nenhum contra ello vá em nenhuma guisa que seja, cá não cumpria a nossa consciencia que aquelles que nos bem serviram e servem, receberem por ello nenhum mal nem damno.

E o dito infante meu filho, ficou a cumprir e manter bem e verdadeiramente e cumpridamente todas as cousas conteudas em este nosso testamento. E em testemunho d'ello assignou comnosco por sua mão. Feito em os nossos paços de Cintra, quatro dias de outubro.

Lopo Affonso o fez, anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1426.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

INDEX



INDEX

	PAG.
CAPITULO LXIX. — Como Salabençala estava mui anojado vendo como a determinação d'el-rei de todo era filhar terra ante os muros da sua cidade.....	5
CAPITULO LXX. — Como Martim Paes, capellão mór do infante D. Henrique, fallou algumas razões em presença de todos.....	8
CAPITULO LXXI. — Como o batel de João Fogaça foi o primeiro que sahiu fóra, e como Ruy Gonçalves filhou primeiro terra e des ahi todos os outros.....	13
CAPITULO LXXII. — Como as novas chegaram a Salabençala de como os christãos eram dentro na cidade.....	17
CAPITULO LXXIII. — Como os infantes partiram d'alli e das razões que lhe João Affonso, vedor da fazenda, disse quando chegou a elles.....	21
CAPITULO LXXIV. — Como o infante D. Duarte foi filhar a altura do Cesto e o infante D. Henrique tomou a rua direita.....	23
CAPITULO LXXV. — Como el-rei e o infante D. Pedro com todos d'aquella frota filharam terra e como Gonçalo Lourenço de Gomide foi feito cavalleiro chegando á porta da cidade.....	27
CAPITULO LXXVI. — Do grande trafego que havia na cidade e da maneira que os mouros tinham em seu defendimento.....	29
CAPITULO LXXVII. — Como o infante D. Henrique tornou á rua direita e das cousas que alli fez.....	32
CAPITULO LXXVIII. — Como o infante pelejou alli mui grande pedaço e como Fernão Chamorro foi derribado.....	35

CAPITULO LXXIX. — Como o infante esteve duas horas alli entre aquelles muros e mouros, e das razões que o auctor põe acerca de sua fortaleza.....	39
CAPITULO LXXX. — Como todos pensavam que o infante era morto, e como nenhum ouzava passar por aquella porta com medo dos mouros que estavam nos muros.....	42
CAPITULO LXXXI. — Como Garcia Moniz filhou atrevimento de passar aquella porta pera ir buscar o infante, e das razões que lhe disse.....	45
CAPITULO LXXXII. — Como o infante tornou outra vez áquelle lugar d'onde partira, e como os mouros leixaram de todo o castello.....	48
CAPITULO LXXXIII. — Como o infante D. Henrique chegou aonde estavam seus irmãos, e como Vasco Fernandes de Atayde foi morto.....	52
CAPITULO LXXXIV. — Como el-rei mandou chamar o infante D. Henrique, e das razões que lhe disse.....	55
CAPITULO LXXXV. — Como João Vaz d'Almada foi poer a bandeira da cidade de Lisboa sobre as torres do castello e isso mesmo o conde D. Pedro levou a bandeira do infante á torre de Fez.....	58
CAPITULO LXXXVI. — Em que o auctor declara o tempo em que a cidade foi tomada e quaes eram os trabalhos dos homens em aquella noite.....	62
CAPITULO LXXXVII. — Como os christãos em aquella noite traziam entre si desvairadas occupaões.....	65
CAPITULO LXXXVIII. — Do grande pranto que os mouros faziam sobre a perda da sua cidade.....	68
CAPITULO LXXXIX. — Como el-rei enviou seu recado a Martim Fernandes Porto Carreiro, alcaide de Tarifa, notificando-lhe sua victoria.....	73
CAPITULO XC. — Como mandou el-rei João Escudreiro a casa d'el-rei D. Fernando de Aragão, e depois a Alvaro Gonçalves de Amaya, e das cousas que lhe enviou dizer.....	76
CAPITULO XCI. — Como o auctor falla na grande mortandade que se fez aquelle dia nos mouros.....	79
CAPITULO XCII. — Como os mouros no outro dia olhavam os muros de Ceuta, e do que diziam em seu louvor	83

